UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

NATÁLIA HELOU FAZZIONI

A vista da rua:
Etnografia da construção dos espaços e temporalidades na Lapa (RJ).

São Paulo
2012

UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE ANTROPOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA SOCIAL

A vista da rua:

Etnografia da construção dos espaços e temporalidades na Lapa (RJ).

Natália Helou Fazzioni
nataliafazzioni@gmail.com

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr.

São Paulo
2012

Folha de aprovação

Natália Helou Fazzioni

A vista da rua: etnografia da construção dos espaços e temporalidades na Lapa (RJ).

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Departamento de Antropologia Social da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, para a obtenção do título de Mestre em Antropologia Social.

Orientador: Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr.

Aprovado em:_____

Banca examinadora:

Prof. Dr.:_____

Instituição:_____Assinatura:_____

Prof. Dr.:_____

Instituição:_____Assinatura:_____

Prof. Dr.:_____

Instituição:_____Assinatura:_____

Resumo

A dissertação aqui apresentada busca compreender a constituição atual do bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, no marco das alterações ocorridas em sua dinâmica nos últimos anos. Tal processo, comumente denominado de "revitalização", adensou-se no início dos anos 2000 e caracteriza-se, sobretudo, pela intensificação da vida noturna local e suas implicações. Em meio a tal paisagem de pesquisa, a Rua Joaquim Silva e seu entorno foram eleitos como *lócus* privilegiado de análise. Ao observar as relações presentes neste espaço, relacionadas ao contexto mais geral do bairro, revelou-se uma série de encontros entre diferentes atores sociais, os quais permitiram compreender, de alguma maneira, por quem e como este espaço é hoje habitado e consequentemente, construído.

Palavras-chave: cidade, espaço, territorialidades, intervenções urbanísticas, redes de relação.

Abstract

The present thesis aims to understand the contemporary constitution of a region in Rio de Janeiro's historic center called Lapa, considering many changes that affected its dynamics during the last years. Such process, normally refereed as "revitalização", has been intensified since the beginning of years 2000 and it is marked by an increase on Lapa's nightlife. Considering this context, a street named Joaquim Silva was elected as a privileged field of research. Observe the relations there presents, correlated to the neighborhood context, permitted to seek networks and situations experienced between different social actors. Thus, was possible to understand for who and how this space is nowadays dwelled and therefore, built.

Keywords: city, space, territorialities, urban intervention, social networks.

Agradecimentos

Agradeço primeiramente ao meu orientador, Prof. Dr. Heitor Frúgoli Jr., pelas valiosas sugestões e pelas leituras atentas que fez de todos os escritos produzidos ao longo desta pesquisa. E ainda, pelo voto de confiança que me deu, desde nosso contato inicial, mesmo antes do meu ingresso no mestrado.

Estendo este agradecimento aos colegas do GEAC (Grupo de Estudos de Antropologia da Cidade), coordenado pelo mesmo orientador, pelas leituras e comentários do meu trabalho em diferentes etapas. Sou grata ao grupo também pelas instigantes discussões de outros trabalhos que fizemos e pelas incursões que realizamos, algumas vezes juntos, pelo bairro da Luz em São Paulo (fruto da pesquisa coletiva do grupo), as quais motivaram tantos debates e certamente influenciaram minha pesquisa.

A Prof. Dra. Fernanda Arêas Peixoto esteve presente nos três momentos cruciais do mestrado: o processo seletivo, o exame de qualificação e, finalmente, a defesa. Suas sugestões foram muito importantes nos desdobramentos desse trabalho. Os comentários feitos no exame de qualificação pela Prof. Dra. Fraya Frehse, pelos quais sou grata, foram também de grande valia na composição do texto final. Agradeço, por fim, ao Prof. Dr. Hélio Silva que aceitou participar da defesa e foi extremamente receptivo quando quis lhe contar sobre meu trabalho e as coincidências de nossos campos, ainda no Rio de Janeiro.

Ao Prof. Dr. Júlio Simões, que assumiu formalmente minha orientação no período em que meu orientador esteve fora do país e me auxiliou a enfrentar toda parte burocrática do mestrado naquele período. A Prof. Dra. Silvana Rubino foi minha orientadora durante a graduação na Unicamp e seu apoio foi fundamental para que eu seguisse adiante com a pesquisa e ingressasse no mestrado. Quero agradecer também aos funcionários e colegas do PPGAS/USP pela ajuda e parceria em muitos momentos.

Agradeço ainda à FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), que financiou esta pesquisa e apenas em razão deste apoio pude passar nove meses no Rio de Janeiro pesquisando, bem como apresentar os resultados deste trabalho em uma série de congressos.

Michele Escoura, Renata Mourão, Denise Pimenta e Marina Barbosa, da minha turma de mestrado, foram companheiras e fundamentais em diferentes etapas desse

processo. Júlia Goyatá, também da mesma turma, tornou-se uma grande amiga com a qual compartilhei quase tudo o que vivi ao longo desses dois anos e meio, sem sua amizade tudo certamente teria sido mais difícil.

No Rio de Janeiro, fui gentilmente acolhida pelos colegas do LAARES/NUCLAO (IFCS/UFRJ), coordenado pelo Prof. Dr. Reginaldo Santos Gonçalves. Com eles tive a excelente oportunidade de discutir meu trabalho. Ainda durante o período no Rio de Janeiro, agradeço àqueles que me auxiliaram de alguma maneira no trabalho de campo e no dia-a-dia, são eles: Samuel Leal, Diana Helene, Guilherme Gehr e Fabrício Menicucci.

Enrico Spaggiari e Carolina Parreiras me socorreram em diferentes momentos com a revisão dos meus textos. Sou grata pelas valiosas dicas que me deram para aprimorar minha escrita desajeitada. Agradeço também ao Gregory Valente, sempre querido e habilidoso, que confeccionou os mapas que acompanham essa dissertação.

José Colaço Dias Neto, ao longo da escrita deste texto, fez um pouco de tudo: leu, cobrou, consolou, apoiou. Fez ainda, o mais importante: pegou na minha mão em uma inusitada madrugada na Lapa e, desde então, não soltou mais. A ele, agradeço imensamente por ter aparecido, pelo companheirismo e pela paciência.

A todos os meus queridos amigos de escola, faculdade e república, agradeço por perdoarem a minha ausência em tantos eventos e compreenderem meu interminável trânsito entre Campinas, São Paulo e Rio de Janeiro.

Finalmente, agradeço a minha mãe, que teve o cabelo arrepiado e o coração apertado inúmeras vezes ao longo desse processo, mas que ainda assim me deu todo apoio necessário e tentou sempre ajudar, mesmo sem saber muito bem como. Aos meus irmãos, Priscila e Matheus, que mesmo tão diferentes de mim, me completam e fazem parte de tudo que sou e faço. À minha avó Alice, cuja coragem sempre me inspirou, agradeço pelos sábios conselhos, pelo carinho de sempre e todo o resto, sem a sua ajuda eu não teria chegado até aqui.

E, sobretudo, sou profundamente grata a todos os que estiveram presentes em meu cotidiano como pesquisadora na Lapa, entre tantos, estão: Hélinho, Aline, Antônio, Fernanda, Luís, Ana, Fernando, Dadá, Allan, Bira, Débora, Iuri e, especialmente, Marlene, que me recebeu de braços abertos em seu mundo. São essas pessoas e suas vidas que dão cor e substância a esse trabalho.

Acho que o quintal onde a gente brincou é maior do que a cidade. A gente só descobre isso depois de grande. A gente descobre que o tamanho das coisas há que ser medido pela intimidade que temos com as coisas. Há de ser como acontece com o amor. Assim, as pedrinhas do nosso quintal são sempre maiores do que as outras pedras do mundo. Justo pelo motivo da intimidade.

(Manoel de Barros).

Este trabalho é dedicado à minha mãe, Rafha, e à minha avó, Alice: as maiores pedras do meu mundo, onde quer que eu esteja.

Sumário

INTRODUÇÃO 10
Considerações teóricas e metodológicas básicas. 11
Percurso da pesquisa. 16
Apresentação do texto. 17

CAPÍTULO 1: SEXTA-FEIRA. 20
1.1) Preâmbulo: "*Let's go to Lapa*". 20
1.2) Cores, samba e diversidade: desvelando a "revitalização". 22
1.3) Considerações sobre um debate: *gentrification.* 36
1.4) Percursos noturnos: mapeando o campo em uma *territorialidade flexível*..... 39
1.5) Um ponto de vista, a vista de um ponto: a Rua Joaquim Silva. 49

CAPÍTULO 2: DE SEGUNDA A QUINTA-FEIRA. 56
2.1) Conhecendo a rua. 56
2.2) Citadinos, situações, histórias de vida e redes de relação. 62
2.3) Da sala de aula. 65
2.3) Da cadeira de Marlene. 77
2.4) Do bar do Alemão. 86

CAPÍTULO 3: SÁBADO E DOMINGO. 96
3.1) Outros cheiros, outros sons. 96
3.2) Aproximações e afastamentos: relações vistas a partir do Bar Semente. 97
3.3) "Brincadeiras" na rua e o "começo" da Lapa. 106

CONCLUSÃO 115

BIBLIOGRAFIA. 119

INTRODUÇÃO.

A dissertação aqui apresentada busca compreender a constituição atual do bairro da Lapa, no Rio de Janeiro, no marco das alterações ocorridas em sua dinâmica nos últimos anos. Tal processo, comumente denominado de "revitalização", adensou-se no início dos anos 2000[1] e caracteriza-se, sobretudo, pela intensificação da vida noturna local e suas implicações. Até pouco tempo, a região não era considerada oficialmente um bairro perante a administração municipal.[2] No contexto desta pesquisa, no entanto, foi tomada como tal por ser assim aludida pela maioria dos interlocutores aqui abordados.

Categoria subjetiva e difícil de circunscrever, o bairro em questão emerge mais como um emaranhando de relações existentes em um espaço físico aproximadamente delimitado, do que como um conjunto homogêneo de práticas e códigos. O espaço[3] da Lapa e os significados que o compõem são plurais e estão em constante movimento. Para chegar a tal constatação, porém, não foi necessário nenhum exercício etnográfico aprofundado. Basta caminhar por suas ruas ou ler algo sobre os últimos acontecimentos que ali se deram.

Nesse sentido, o objetivo da pesquisa foi entender como e por quem este espaço é habitado hoje e consequentemente, de que forma é construído. Selecionei, assim, um conjunto de narrativas públicas existentes sobre o bairro, coletadas no período da pesquisa, tendo estas sido associadas às observações feitas *in loco* em toda a Lapa, em um primeiro momento, e em seguida, em uma rua específica. Ao observar as relações presentes nestas instâncias, revelou-se uma série de encontros entre diferentes atores sociais, os quais permitem compreender mais profundamente a dinâmica do bairro. Tal

---

[1] Esta referência temporal, no entanto, varia muito de acordo com cada discurso. Os anos 2000 aparecem mais significativamente em todos eles como um período em que tal processo teria se intensificado.

[2] Em maio de 2012 a Lapa foi elevada à condição de bairro pela Lei Municipal 5.407/2012.
Projeto de lei disponível em:
http://mail.camara.rj.gov.br/APL/Legislativos/scpro0711.nsf/18c1dd68f96be3e7832566ec0018d833/6f0e365605dbf7308325786a0073377f?OpenDocument (Acessado em 09/06/2012).

[3] Esclareço que as palavras espaço e lugar, bem como área, região e local são utilizadas aqui com sentidos bastante próximos e não possuem força de conceito. No caso de possuírem, tais discussões estarão devidamente referenciadas e as palavras escritas em itálico.

entendimento é acompanhado por uma reflexão em torno do trabalho etnográfico realizado neste contexto e as escolhas metodológicas e analíticas feitas ao longo da pesquisa. Assinalo ainda que as fotos que acompanham o texto possuem caráter meramente ilustrativo e a maior parte delas foi tirada por mim, com exceção daquelas cujas fontes estão referenciadas.

Considerações teóricas e metodológicas básicas.

A historiografia da Lapa consente no que tange à consolidação do tecido urbano que hoje constitui a região, tal processo remete a um período entre 1769 e 1779, fruto de uma ocupação de chácaras ao longo da Rua de Matacavalos que, por sua vez, só recebeu esta denominação em 1848 (Casco, 2007: 86). Foi nesta mesma rua, hoje batizada de Riachuelo, que nasceu Bentinho, ou Dom Casmurro, célebre personagem de Machado de Assis em livro homônimo publicado em 1899. Tal autor, que retratou inúmeras vezes a cidade do Rio de Janeiro em seus escritos, não viveu para ver o bairro se transformar ao longo do século XX, quando de acordo com Lustosa (2001):

> O lugar de perdição no Rio foi (...) a Lapa: bairro boêmio, reduto da malandragem cuja expressão mais célebre foi Madame Satã. E isto já devia dizer tudo sobre o caráter desse bairro tão especial, pois o homem mais valente do lugar, o mais perigoso era um homossexual assumido, que se apresentava em espetáculo de travestis, que brigava feio pelo amor de outros homens, e que, ao par disto tudo, sempre se notabilizou pela coragem com que enfrentava – e muitas vezes levava a melhor – a polícia (LUSTOSA, 2001: 12).

Vê-se, portanto, que as narrativas sobre a Lapa são muitas e incluem personagens tão significativos como Dom Casmurro e Madame Satã[4]. Datam de pelo

[4] Tal personagem foi uma criação de João Francisco dos Santos, que viveu de 1900 a 1976, e cuja história de vida, marcada por práticas misóginas, artísticas, boêmias e criminosas confunde-se com a de sua própria personagem, através da qual se tornou célebre. De acordo com Gilmar Rocha (2005), autor de um estudo antropológico sobre a figura de Satã, as diferentes narrativas existentes sobre sua vida são pouco verossímeis, inclusive as que foram contadas por ele mesmo. Tais histórias, no entanto, ganham

menos três séculos e não é objetivo deste trabalho tentar sistematizá-la. Por essa razão, inspirada na própria literatura que trata do bairro, em seu período mais célebre, concordo com Damata (2007) quando escreve:

> O que resta da Lapa movimentada, boêmia, de cabarés sempre cheios, dos grandes crimes passionais, dos bares e cafés abertos até de madrugada, é apenas recordação (ou um esforço de imaginação) (DAMATA, 2007: 21).

A Lapa dos cabarés, ou qualquer outra Lapa que tenha ficado no passado interessa apenas, a partir do momento em que é recordada pela imaginação, quando rememorada no presente. Assim, é necessário refletir sobre a noção de tempo, fundamental para compreender as narrativas que serão analisadas. Proponho pensá-las a partir da ideia de tempos múltiplos e sobrepostos, conforme fazem Eckert e Rocha (2005: 109) ao atentarem para a necessidade de recusar um tempo linear ou progressista quando tal tema é enfrentado pela antropologia. Torna-se, assim, possível recorrer à noção de memória em uma análise antropológica que parte do presente para "investigar-se a cidade como objeto temporal a partir da forma como os sujeitos pensam a ordenação de superposições temporais vividas" (2005: 89). Ao pensar no espaço por meio das histórias dos sujeitos que se relacionam com ele, estas podem ser interpretadas como elementos que possuem o poder de organizar um todo a partir de um fragmento vivido. Acerco-me, desse modo, das mudanças que ocorreram no bairro a partir das experiências – individuais ou coletivas – de seus agentes no presente.

Por essa razão, aproximo-me também de Collins (2009), em seu artigo que busca pensar as relações estabelecidas pelos habitantes do Pelourinho em Salvador (BA) com relação ao seu patrimônio, quando diz:

> (...) eu gostaria de tentar levantar o que E. Valentine Daniel (1996) chama de "dispositions towards the past" [[5]]. Quer dizer, em vez de especificar diferentes interpretações ou discutir datas, eu gostaria de compreender melhor o arcabouço epistemológico e prático a partir do qual estas histórias

---

muitas vezes um caráter mitológico, além de comporem sua personagem e influírem na imagem da própria Lapa e na concepção de ser ou sentir-se malandro.

[5] Pode-se traduzir tal expressão pela ideia de: "um posicionamento, uma maneira de se dispor, com relação ao passado".

> e fabulações são formuladas. Em vez de me interessar simplesmente pelo conteúdo da história, eu gostaria de entender o posicionamento a partir do qual as pessoas encaram, narram, e interpretam o passado (COLLINS, 2009: 138).

Desse modo, a subjetividade, isto é, a maneira de se dispor de cada citadino com relação ao tempo e ao espaço da Lapa é meu verdadeiro objeto de interesse aqui. É preciso esclarecer ainda que este trabalho não se detém na análise da Lapa de um ponto de vista administrativo ou normativo. Assim como mencionado acima, o fato de a Lapa ter sido transformada jurídica e administrativamente em bairro não constitui aqui um dado relevante *a priori*. Isto significa que tal informação pode interessar apenas na medida em que apareça como dado etnográfico relevante e evocado pelos próprios interlocutores. Michel Agier (2008: 21) pondera que a Antropologia e a Sociologia preocuparam-se por muito tempo com a análise da cidade normativa (urbanística, administrativa, estatística), chegando com isso a especulações sobre o fim da cidade e do espaço público. Outra chave de leitura, contudo, propõe compreender a cidade através do ponto de vista do citadino: a cidade vivida, a cidade sentida, a cidade em processo.

Ao deslocarmos o olhar da cidade para o citadino, a pergunta se inverte: de "o que *é* a cidade", para "o quê" ou "quem *faz* a cidade". Apreender a cidade significa atentar para os processos que a *fazem* existir. No entanto, Agier não propõe com isso que a própria cidade e a sociedade sejam ignoradas em nossas análises, como atentam Cordeiro & Frúgoli Jr. (2011) no prefácio à edição brasileira do último livro do autor publicado no país.[6] O autor indica o uso de conceitos intermediários que possibilitam acessar este plano – a saber, *região*, *situação* e *rede*, aos quais lanço um olhar mais detido adiante –, permitindo assim uma "articulação entre a microperspectiva social, mais individualizada, própria da etnografia, e a representação totalizadora da cidade e da sociedade urbana" (Cordeiro; Frúgoli Jr., 2011: 23).

Nesta perspectiva, o relacionamento prático e peculiar estabelecido pelos agentes com o espaço e o tempo da Lapa foi a principal forma utilizada para

[6] Trata-se de: "Antropologia da Cidade: lugares, situações e movimentos" (Agier, 2011).

compreender como e por quem o bairro é feito.[7] Entretanto, tal compreensão não implica, de maneira alguma, considerar apenas aqueles que moram ali, mas sim um vasto conjunto de atores sociais que estabelecem relações em planos distintos com esse espaço. Em se tratando de um lugar com ampla visibilidade, torna-se necessário ainda considerar dois planos de análise simultâneos e articulados entre si: as representações que aparecem sobre o bairro publicamente e aquelas decorrentes das práticas ali vividas. Estas não se separam: não há aqui uma primeira imagem do bairro, supostamente "falsa", confrontada a uma outra nativa ou "real". Tal distinção torna-se insuficiente na medida em que as representações com maior visibilidade desse espaço são, do mesmo modo, acionadas pelos que estão ali no cotidiano. Por outro lado, as práticas e discursos destes, de igual modo, alimentam e transformam a imagem mais manifesta do bairro. Parece-me, dessa maneira, que dar conta dessa situação implica trabalhar com a ideia de que ambos os planos de investigação se afetam mutuamente. Tal perspectiva de análise encontra respaldo em reflexões a respeito de etnografias realizadas em diferentes contextos, tais como: bairros (Cordeiro; Costa, 2006 [1999]), patrimônios culturais (Gonçalves, 2007) e periferias (Feltran, 2010).

Se em um primeiro momento dessa dissertação, analiso as representações mais usuais existentes sobre a Lapa em narrativas acadêmicas e jornalísticas, estas aparecem igualmente para evidenciar que estas e outras representações são, muitas vezes, acionadas por aqueles que circulam pelas ruas do bairro e as enunciam de diferentes maneiras. Isso se liga fortemente à minha própria trajetória de pesquisa, já que, desde o início, a teoria de maior influência foi a de De Certeau (2009 [1994]). Tal autor propõe olhar a cidade de dentro, atentando para práticas que chama de "microbianas" e que escapam à regulação da administração, entendida por ele como panóptica. Estas ações são nomeadas, entre outras formas, de "artes do fazer cotidiano": ações regulares que constituem o cotidiano da cidade (Op. cit.: 162). A influência do trabalho de De Certeau para os estudos urbanos, apesar de tardia, é notável como assinala Dosse (2004). No momento, em que a maior parte destes estudiosos preocupava-se com o

[7] Esta perspectiva de análise está apoiada também, de certa forma, na reflexão proposta por Tim Ingold (2002) acerca do que chama de *dwelling perspective* (perspectiva do habitar), em oposição à *building perspective* (perspectiva do construir). Parte-se assim da premissa de que ambientes são continuamente construídos e existe nessa construção uma intencionalidade. Tal intencionalidade, por sua vez, está antes ligada ao habitar do que ao construir. Ou seja, habitamos o mundo de uma maneira e por isso o construímos de determinada forma, e não ao contrário (Ingold, 2002: 186).

impacto negativo do processo de modernização das cidades, De Certeau insistia na capacidade de reinvenção das “artes do fazer” e das narrativas, em sua opinião, verdadeiramente constituidoras do urbano (Dosse, 2004: 88).

É nesse sentido que o autor entende que a prática do espaço, por exemplo, emerge muitas vezes do simples ato da caminhada, que, de acordo com o autor, está para o sistema urbano como a enunciação está para a língua. Ao revelar seus trajetos “a caminhada afirma, lança suspeita, arrisca, transgride, respeita, etc., as trajetórias que ‘fala" (Op. cit.: 166). As práticas às quais se refere De Certeau são inerentes à forma pela qual os seres a habitam e, portanto, são também construtivas, tanto quanto aquelas que a regulam e ordenam. Indo mais além, considero que, no caso aqui analisado, estas regulam e ordenam da mesma maneira, mas por outras dinâmicas.

Assim, observar o cotidiano foi o principal instrumento de análise utilizado, pois permitiu compreender de que maneira os indivíduos enunciam suas relações no espaço, sendo também, nesse caso, uma importante metodologia de pesquisa. Quero dizer que, ao realizar esta pesquisa, também caminho pela Lapa e enuncio uma relação particular com o local; assim seleciono, na medida do possível, o que quero afirmar, suspeitar ou negar. Há, é claro, uma estrutura que não posso ignorar e esta me possibilita observar situações ao mesmo tempo em que restringe escolhas. No entanto, é incorporada ao percurso e não constitui algo que domina o processo. Inspiro-me, dessa maneira, em Hélio Silva (2009) quando sugere que:

> Cena de componentes tão inextricáveis impõe que a etnografia se torne o relato de um percurso. Dados e informações sobre a sociedade observada devem estar organizados no texto ao longo da espinha dorsal: o percurso do etnógrafo. Somente essa linha aglutinadora do material colhido poderá torná-lo legível. Trata-se de pensar a etnografia como o relato de uma experiência conflituosa de um observador, condição para o entendimento do que foi observado (SILVA, 2009: 186, 187).

Por fim, apresentar esta pesquisa implica explicitar, ainda que brevemente, meu próprio percurso em torno dela, pois somente ao assumi-lo como fio condutor do trabalho foi possível dar conta de seus desdobramentos. Tal percurso está presente aqui na maneira pela qual pude construí-la empiricamente, bem como nas questões que me

motivaram a enfrentá-la.[8]

Percurso da pesquisa.

A pesquisa teve início ainda durante a minha graduação em Ciências Sociais pela Unicamp[9]. Inspirada em algumas leituras que havia feito e em sugestões de professores, passei a me interessar pelo bairro da Lapa como *lócus* de pesquisa. Ainda em Campinas (SP), recolhi o máximo de informações existentes sobre o bairro, sistematizei dados e leituras e concentrei então minha atenção em uma questão principal: o processo de "revitalização" da Lapa é um caso de enobrecimento urbano?[10]

No final de 2007, fui a campo pela primeira vez. Passei uma semana no Rio de Janeiro. Andei exaustivamente pela Lapa e naquele momento isso foi basicamente o que pude fazer: andar e observar, sem conseguir estabelecer nenhum tipo de interlocução mais detida. Na ida seguinte a campo, já em 2008, fui mais assertiva, procurei instituições e estabelecimentos comerciais e propus entrevistas. Ao final desta segunda ida a campo, com duração de dez dias, comecei a notar que minha principal questão não fazia tanto sentido. Havia uma série de respostas possíveis para a ideia de enobrecimento urbano atrelada ao bairro. De um lado, a Lapa parecia estar vivendo tal processo e de outro não. Esta dualidade se desdobrava em outras, tais como dia e noite, moradores e frequentadores, samba e outros gêneros musicais (como funk, forró, pagode e reggae).

Foi preciso voltar atrás, estranhar novamente, fazer novas questões e esquecer as velhas para formular um projeto de mestrado. A ideia de enobrecimento urbano tornou-se uma das chaves para pensar o bairro, mas não a única, determinante. O que eu queria saber, afinal, era: que relações constituem a Lapa em seu atual contexto?

---

[8] Encontro respaldo aqui na discussão proposta por Teresa Caldeira (1998: 152, 157) que, inspirada em Michel Taussig (1987, 1987b, 1988), sugere que no processo de confecção de um texto antropológico, o autor deve situar-se no centro "da cena". Isso não apenas com relação à sua forma e ao procedimento de sua escrita, como também quanto à elaboração de suas interpretações e críticas.

[9] Pesquisa de iniciação científica, desenvolvida entre os anos de 2007 e 2008, durante a graduação em Ciências Sociais na Unicamp. Intitulada "Lapa (RJ): mapeando práticas e discursos no espaço enobrecido", teve orientação da Profa. Dra. Silvana Barbosa Rubino e bolsa do PIBIC/CNPq.

[10] O termo se refere à discussão em torno do conceito de *gentrification*, referenciada adiante, no primeiro capítulo desta dissertação.

Retornei em 2010 durante vinte dias, já com alguns contatos, fiz outras entrevistas e observações.

Em 2011 pude intensificar esse trabalho e passei nove meses, de fevereiro a novembro, vivendo no Rio de Janeiro. Nessa etapa planejei minhas atividades de campo visando dar continuidade às interlocuções estabelecidas anteriormente. Dessa forma, resolvi procurar por uma das instituições cujos responsáveis eu havia entrevistado em 2008: um projeto social educativo ligado ao Circo Voador (casa noturna) e situado na Rua Joaquim Silva. Consegui um trabalho como professora voluntária de inglês no local, posição que me deu a oportunidade de conhecer ao menos alguns moradores. Minha intenção, no entanto, nunca foi pesquisar a Lapa apenas do ponto de vista dos moradores. Assim, a inserção no projeto social possibilitou-me estabelecer esses contatos, mas ao mesmo tempo me motivou a eleger aquela rua e seu entorno como *lócus* privilegiado de análise para pensar o bairro.

Tal escolha, contudo, não foi feita apenas em razão desta oportunidade. As questões presentes no marco desta região da Lapa chamavam minha atenção desde o início da pesquisa. Constituída principalmente por cortiços e edifícios de conjugados, este trecho da Lapa congrega não apenas uma população de baixa renda, como também, nas noites que mais movimentam o bairro, recebe um público predominantemente ligado às camadas populares. Concentra do mesmo modo o maior número de vendedores ambulantes presentes ali nessas mesmas noites.

Apesar de ser possível traçar esta breve caracterização da região, isso não a torna mais homogênea sob outros pontos de vista. As relações que a compõem e a classificam foram, portanto, trazidas à luz por meio da etnografia ali realizada. Apesar de o trabalho ter tido, em um segundo momento, foco nas situações que se dão na rua e em suas proximidades, o bairro não é perdido de vista. Ele é alcançado pela vista da rua, ou seja, pelos percursos, histórias de vida, redes e representações daqueles que por ali circulam.

Apresentação do texto.

O texto está dividido em três partes que também refletem a percepção do bairro que pretendo realçar. De um lado, o tempo, através dos dias da semana, organiza a divisão dos capítulos: “Sexta-feira”, “De segunda a quinta-feira” e “Sábado e Domingo”. Junto a tais temporalidades, nos capítulos identifico dois movimentos com

relação ao espaço: da rua ao bairro e do bairro à rua, que emergem de formas distintas em cada caso.

Dessa maneira, dou início ao primeiro capítulo narrando uma incursão à Lapa que permite colocar em foco a dinâmica peculiar que ali se estabelece nas sextas-feiras à noite. Se tal temporalidade é central nesse capítulo, não trato apenas disso, mas também da visibilidade alcançada pelo bairro nos últimos anos por meio da efervescência noturna, presente, sobretudo, na sexta-feira. Analiso assim uma série de discursos que estabelecem representações correntes sobre a Lapa, coletados entre os anos de 2005 e 2012.

Em seguida, dou início a um mapeamento do local, uma cartografia particular formulada por meio de meu próprio percurso e observações. Isso permite destacar alguns elementos e compreender a Lapa como uma *territorialidade flexível* (Arantes: 2000), permeada por outras menores e restritas a algumas regiões do bairro. Como já dito, a Rua Joaquim Silva e seu entorno, por uma série de razões, foi escolhida como ponto de vista para pensar o bairro. Realizo um breve traçado da vida noturna deste local, levantando algumas questões sobre tal dinâmica, para fechar este primeiro capítulo.

No segundo capítulo, "De segunda a quinta-feira", descrevo como se deu o movimento de aproximação etnográfica da Rua Joaquim Silva, centrado nesses dias da semana, a partir da entrada no projeto social e do estabelecimento de diferentes interlocuções por meio desta instituição, mas que transcenderam seu espaço. Ao apreender as experiências destes indivíduos, foi possível compreender seus trânsitos pela rua e pelo bairro, além de observar quais representações tais citadinos acionam destes.

O bairro volta à cena principal quando trato de minha própria rotina. Circulei pela Lapa diariamente para usufruir de serviços básicos e lazer. Nesse trânsito, me deparei com meu próprio campo revelado onde não imaginava encontrá-lo. Em um bar que frequentei, localizado em uma praça muito próxima à Rua Joaquim Silva, passou a acontecer semanalmente um evento de jazz às quartas-feiras. Neste local, apesar de haver um público completamente distinto daquele que frequenta a Joaquim Silva às sextas-feiras, as mesmas questões presentes na rua começaram a aparecer: excesso de camelôs, problemas com moradores, intervenção do poder público. O mesmo evento ecoou entre os meus interlocutores na rua e gerou expectativas. Abriu-se, assim, a

possibilidade de pensar as especificidades dessa região da Lapa no momento em que é frequentada por outro público.

Finalmente, “Sábado e domingo” parte de uma caminhada pelo bairro evidenciando a peculiaridade desses dias para, em seguida, colocar lado a lado experiências centradas em espaços distintos: o bar Semente e a rede de relações de sua proprietária, em um primeiro momento, e, em seguida, as festas organizadas por uma moradora da rua e sua rede de amigos e familiares. O domingo é o momento de encontro entre essas experiências. Aline, a dona do Bar Semente tem nesse dia seu maior público, sendo que o estabelecimento é conhecido por atrações musicais de samba e choro. A alguns metros dali, Marlene mobiliza sua família e amigos para fazer um baião de dois, instalar um pula-pula na rua para as crianças e tocar – em um aparelho de som acoplado a um amplificador – o disco de sua cantora preferida: Alcione. Elas não se conhecem, tampouco se encontram ali nesses domingos. O modo como habitam a Lapa é completamente distinto e isso, por um lado, as afasta. No entanto, de alguma maneira, a Lapa que habitam é também a mesma e assim se aproximam e fazem, cada uma a seu modo, o mesmo espaço existir.

CAPÍTULO 1: SEXTA-FEIRA.

1.1) *Preâmbulo*: "Let's go to Lapa".

Em janeiro de 2012, estive no Rio de Janeiro por um curto período. Naquela ocasião, em uma sexta-feira à noite, acabei saindo do bairro de Copacabana relativamente tarde, próximo de meia-noite, rumo à Lapa. Ainda em Copacabana, vi se aproximar um ônibus – que logo notei estar lotado – proveniente do bairro de Ipanema. Raras vezes eu havia feito o trajeto da zona sul ao centro nesse horário; durante todo o tempo em que estive na cidade, vivi ou me hospedei na região central.

No entanto, quando entrei no ônibus tive a sensação de que parte da dinâmica da Lapa às sextas-feiras, que eu havia conhecido nos últimos anos, já se estabelecia ali, longe das ruas do bairro. Notei que ao menos três idiomas eram falados ao mesmo tempo: espanhol, português e inglês. A maioria dos ocupantes era jovem. Muitos começavam a se conhecer e conversar sobre a noite que estava por vir: de onde vieram, para onde iriam e com quem iriam se encontrar. Na maioria das conversas uma frase se repetia em inglês, bem como em outros idiomas: "Let's go to Lapa!". Em alguns pontos nos quais o ônibus parava, outros jovens estrangeiros perguntavam ao motorista antes de entrar: "Lapa?". E ao mesmo tempo em que o motorista afirmava com a cabeça o itinerário, alguém gritava animadamente no fundo do veículo "sim!": aquele ônibus definitivamente iria à Lapa.

Estrangeiros interrogando o motorista sobre se aquele seria ou não o ônibus correto para ir à Lapa foi uma cena que presenciei inúmeras vezes no Rio de Janeiro, o que demonstra claramente a centralidade do local em relação aos roteiros de turismo na cidade. A diferença neste dia é que todos, ou pelo menos quase todos que estavam no veículo iam à Lapa. Isto porque era sexta-feira à noite, momento em que o bairro recebe o maior número de frequentadores na semana e, por essa razão, desenvolvem-se ali uma série de situações bastante peculiares que serão narradas adiante. Entre elas, a interrupção do trânsito de automóveis – organizada pela Prefeitura Municipal desde 2010 – por algumas horas da noite e da madrugada, em prol da circulação de pedestres nas vias.

Exatamente por isso o ônibus parou no ponto anterior ao bloqueio. E se antes só acenava com a cabeça, dessa vez o motorista gritou em alto e bom som: "Lapa!", para os desavisados que talvez não soubessem exatamente onde descer. Quase como

um grupo, as pessoas desceram todas no mesmo ponto, mas logo se misturaram pela multidão que já ocupava a Avenida Mem de Sá, uma das "portas de entrada" do bairro. Não imagino o que passou à mente daqueles que não conheciam a Lapa quando miraram, logo ao saírem do ônibus, um antigo aqueduto branco[11], rodeado por uma pluralidade de sons, cheiros e pessoas.

Figura 1: Movimentação na Av. Mem de Sá em uma noite de sexta-feira[12].

Na ocasião descrita acima, a sexta-feira era o dia em questão e não há dúvidas de que a dinâmica que se estabelece ali neste momento, sobretudo a noturna, diz muito sobre o que o bairro é hoje. Mais do que isso, no entanto, há um imaginário sobre a Lapa que é alimentado e também alimenta a própria dinâmica dessas noites. Como, por exemplo, aquele que possivelmente possuíam os turistas evidenciados na situação acima: animados para conhecer a Lapa que nunca viram, mas que, de alguma forma, já conhecem. Antes de descrever mais detalhadamente o movimento das sextas-feiras, portanto, analisarei alguns discursos que se referem ao bairro hoje.

---

[11] O aqueduto é mais conhecido como Arcos da Lapa. Inicialmente Aqueduto da Carioca, foi construído entre 1779 e 1724 para resolver o problema de abastecimento de água para a cidade. No século XIX, tornou-se também viaduto para passagem dos bondes de Santa Teresa. Tais informações constam nos livros do tombo (IPHAN - Arquivo Noronha Santos), que ainda explica se tratar de "uma edificação ciclópica de alvenaria, com dupla arcada, estendendo-se desde as faldas do morro de Santa Teresa, ao pé do convento das Carmelitas, até os remanescentes do morro de Santo Antônio, constituindo um dos mais importantes monumentos do acervo arquitetônico da cidade do Rio de Janeiro." Disponível em: http://www.iphan.gov.br/ans/inicial.htm (Acessado em 04/10/2006).

[12] Foto retirada de: http://ligadonorio.blogspot.com.br/2011/01/dica-semana-ligado-na-lapa.html (Acessado em: 27/07/2012).

1.2) Cores, samba e diversidade: desvelando a "revitalização".

O período de 2005 a 2012 compreende aproximadamente a época em que o trabalho foi desenvolvido e, por essa razão, foi utilizado como recorte temporal para avaliar o material escrito – sobretudo acadêmico e jornalístico – que recolhi sobre a Lapa. Pude, dessa maneira, constatar a recorrência de algumas questões que permeavam a imagem do bairro[13]. A maior parte delas tinha como pano de fundo a ideia de que o local passava por um processo de mudanças em sua dinâmica, comumente referido como "revitalização". Com o objetivo de entender no que consistia tal processo e o que este dizia sobre a Lapa, passei a cruzar estas diversas informações.

Foi necessário antes levar em conta que pesquisar a Lapa significa, de antemão, assumir o "excesso de visibilidade" [14] que caracteriza o bairro: trata-se de um local intensamente estudado, visitado, narrado e representado. Ou ainda, como atenta Beatriz Kushnir: "(...) A Lapa está sempre em pauta" (2002: 179). Por outro lado, é um bairro considerado "típico" da cidade do Rio de Janeiro, assim, a Lapa também está cercada por um processo de "(...) mitificação e de construção ideológica que tem contribuído para a quase institucionalização de um não conhecimento sobre a sua realidade concreta." (Cordeiro, 1997, 23), conforme atenta Graça Cordeiro ao chamar atenção para os ditos bairros populares lisboetas. Tal componente soma-se ao fato de que ao analisar qualquer bairro é necessário entender que estes:

> (…) constituem unidades sócio espaciais problemáticas em si próprias. Permeáveis e contudo identificáveis não só nos ritmos de uma prática social quotidiana etnografável, como também nas imagens resultantes de uma bricolage coproduzida endógena e exogenamente; e, sobretudo, como

[13] Nesse sentido, cabe lembrar a importância que possuem os discursos sobre a cidade, como atenta Fernanda Peixoto: "Falar dos discursos sobre a cidade implica lidar com a ordem do simbólico e também com a ordem física, com a realidade das ruas, praças e traçados, embora as duas dimensões – a da "cidade letrada" e da cidade real, como quer Angel Rama – jamais se confundam. Rama (1985) ensina que as cidades são inseparáveis dos discursos que engendram e pelos quais são engendradas, embora as duas dimensões nunca se misturem" (PEIXOTO, 2006: 181).

[14] Tomo de empréstimo tal expressão, bem como a reflexão suscitada por esta, a partir do que sugerem Graça Cordeiro e Antônio F. da Costa (2006: 61), quando tratam do bairro de Alfama, na cidade de Lisboa, em Portugal (no mesmo artigo o bairro da Bica também é analisado, como contraponto, pelos autores).

> participantes activos na permanente construção cultural das variadas mitografias, imagens e narrativas que cada cidade escolhe para se vestir – os bairros são lugares para se procurar, identificar, questionar, inquirir (CORDEIRO; COSTA, 2006 [1999]: 60-61).

Dar início à tarefa de inquirir e identificar a Lapa foi, portanto, o que busquei fazer ao analisar elementos que Cordeiro e Costa (2006 [1999]) caracterizam como "exógenos". Isto é, coisas que li (e, por vezes, escutei) sobre a Lapa antes, em lugares outros que não as ruas do bairro. Entendo assim, conforme aponta Reginaldo Gonçalves (2007), que existe um intrincado "jogo de memórias" entre espaços (ou objetos) e as ideias a eles associadas. De acordo com o autor, este é também um jogo reflexivo, pois não são apenas os sujeitos que atribuem ao espaço um ordenamento. Ao lhe atribuirmos ideias e valores, estes passam a evocá-los, tanto visual como sensivelmente (Gonçalves, 2007: 128).

Dessa maneira, olhar atentamente para este material foi fundamental para que depois eu pudesse somar tais representações ao entendimento das práticas observadas no espaço físico da Lapa. Esta etapa do trabalho desse modo não precede a etnografia, mas faz parte dela na medida em que procuro "dialogar para valer" com os dados, assumindo diante deles uma postura epistemológica própria à etnografia (Frehse, 2006: 301-302).

Selecionei assim quatro questões para analisar abaixo, sendo elas: 1) o lançamento do empreendimento imobiliário Cores da Lapa e suas implicações; 2) a ideia de uma Lapa que "renasceu" através do samba; 3) a existência de um discurso que situa a Lapa como lugar privilegiado da diversidade na cidade do Rio de Janeiro e, por fim; 4) a recorrência de discursos sobre a falta de investimentos do poder público no bairro.

No dia dez de novembro de 2005 foi lançado pela incorporada Klabin Segall o empreendimento imobiliário Cores da Lapa e, nesse mesmo dia, todas as unidades foram vendidas. Em matéria da Folha de S. Paulo que tratou do sucesso do lançamento, consta o seguinte:

> A expectativa da incorporadora é de que o lançamento modifique o perfil da Lapa, com a oferta de mais serviços. Nos últimos anos, o bairro conseguiu reverter um cenário de decadência e se tornar um importante

> polo cultural da cidade, mas ainda não tinha sido avaliado como opção de moradia para a classe média (LAGE, 10/11/2005).

Os apartamentos foram entregues no início de 2009 e o condomínio tornou-se o primeiro edifício residencial construído no bairro em trinta anos[15]. Situado na Rua Riachuelo, esquina com a Rua dos Inválidos, onde antes havia o galpão de uma antiga fábrica da Antarctica (indústria de bebidas). O condomínio segue o padrão de outros voltados às classes mais abastadas em grandes cidades, oferece piscina aquecida, spa, quadra poliesportiva, sala de cinema, parede de escalada, pista de skate, salão de festas, churrasqueira, entre outros. Os preços pelos quais os apartamentos foram vendidos à época de seu lançamento eram relativamente baixos para o padrão.[16]

Durante a construção do condomínio, observei que os anúncios de divulgação deste mostravam, junto às imagens da futura edificação, fotos de instrumentos de samba e do Teatro Municipal do Rio de Janeiro.[17] Além disso, de acordo com outra matéria veiculada pela mídia (Alvarenga, 29/03/2006), os empreendedores do Cores da Lapa também foram responsáveis pelo lançamento da campanha de marketing "Eu sou da Lapa", que consistiu no espalhamento de cartazes e *banners* pela cidade contendo este *slogan*. O *banner* chegou a ser exibido inclusive em importantes partidas de futebol. Houve uma forte campanha de marketing levada a cabo pela incorporadora para promover o condomínio, ressaltando aspectos supostamente ligados à tradição local, tais como o samba e o choro, ou ainda os monumentos históricos localizados na região, como o Teatro Municipal. Mais impactante ainda, o *slogan* "Eu sou da Lapa" procurou imprimir nos possíveis compradores um sentimento de pertencimento ao local, como se tentasse criar ali uma noção de bairrismo.

---

[15] Observei que após este, outro condomínio do mesmo padrão, o Viva Lapa, foi construído na Avenida Gomes Freire.

[16] Sendo o preço médio do apartamento de um quarto, R$ 88,1 mil, o de dois quartos, R$ 117,5 mil e o de três quartos, R$ 146 mil (Lage, 10/11/2005).

[17] Um antigo produtor cultural da região relatou-me ainda que, no dia do lançamento, a incorporadora contratou um grupo de chorinho (cuja indicação foi feita por ele) para tocar ao longo das vendas. No entanto, o trabalho do grupo durou apenas duas horas, tendo em vista a rápida vendagem de todas as unidades (entrevistas realizadas com Flávio Santoro em 20/07/2010 e 22/07/2010, dono de antiquário e produtor cultural na Lapa).

Figura 2: Fotos da construção do condomínio Cores da Lapa e dos cartazes de divulgação do empreendimento colados no próprio muro do edifício (maio de 2008).

Além do impacto das ideias lançadas sobre a Lapa pelos empreendedores, vale notar que com o lançamento do condomínio se abriram fortes possibilidades de mudanças no cotidiano do bairro. Tratava-se, afinal, da construção de um conjunto de 668 apartamentos, voltados para a classe média, em uma região da cidade que há trinta anos não recebia nenhum tipo de iniciativa desse porte. É possível então depreender destes discursos produzidos em torno do lançamento do Cores da Lapa a existência de uma atmosfera de mudanças presentes na Lapa na época. Tal atmosfera caracteriza-se, sobretudo, por alguns aspectos: a vinculação constante do bairro a um suposto passado relacionado ao samba e a outras manifestações culturais, a ideia de que a Lapa antes estava marcada por um "cenário de decadência" e, por fim, a visão de que este cenário estava sendo revertido e assim se justificaria a opção da classe média em viver ali e se sentir fortemente vinculada a este espaço. Não pretendo, entretanto, analisar as inúmeras implicações que o empreendimento poderia ter tido ou de fato teve, pois não me dediquei profundamente ao tema. Outros trabalhos acadêmicos sobre o bairro também já o mencionaram (Araújo, 2009, Caruso, 2009, Casco 2007) ou se dedicaram a pensá-lo mais detidamente (Rosa, 2010). No entanto, é possível detectar alguns impactos ligados ao condomínio e demonstrar como o plano dos discursos se relaciona ao cotidiano do bairro.

Hoje é possível dizer que o oferecimento de serviços na Lapa foi modificado após a chegada deste conjunto de edifícios, conforme pude observar e de acordo com reportagem sobre o tema (Cirillo Jr., 19/10/2010). Nos últimos dois anos, a Rua Riachuelo recebeu uma série de lojas pertencentes a grandes redes brasileiras, tais como Lojas Americanas, Casa e Vídeo, Ricardo Eletro, O Boticário e Cacau Show. Duas destas, inclusive, foram construídas na própria área do condomínio, mas com

acesso pela rua. A Rua Riachuelo concentra os principais serviços existentes na Lapa, como farmácias e mercados. É, portanto, frequentada pela maior parte dos que vivem ali ou circulam diariamente pelo bairro.

Para além da existência de novos empreendimentos como o Cores da Lapa, há a constatação de uma saturação residencial vigente no bairro que eu mesma pude experimentar, sem falar do aumento no valor dos aluguéis, tanto residenciais como comerciais.[18] Durante meu processo de mudança para o Rio de Janeiro no início de 2011, pretendia alugar um pequeno apartamento na Lapa. A cansativa busca de quase dez dias sem resultado acabou me fazendo desistir de morar ali. As imobiliárias diziam sem hesitar que não havia imóveis para alugar no bairro e, quando apareciam, eram rapidamente locados. Em uma ocasião, consegui agendar uma visita a uma kit-net na Rua André Cavalcanti. No entanto, quando cheguei ao local o porteiro do edifício me informou que, no mesmo dia, outras dez pessoas já haviam visitado o imóvel e provavelmente já teriam lançado suas propostas de locação. Esta informação foi posteriormente confirmada pela imobiliária, quando telefonei cogitando a possibilidade de alugar o imóvel.

A estratégia de marketing utilizada na divulgação do Cores da Lapa alimentou e também se beneficiou de outra questão fundamentalmente ligada a uma imagem mais recente da Lapa: o samba. O escritor Moacyr Luz (2007), em crônica sobre o bairro, comenta ironicamente este ponto quando escreve:

> Pressinto que nesse momento o mito Madame Satã dá lugar a outra grife: Samba de Raiz. Como sou um sujeito que vou a tudo que é portinha ver a qualidade da música ou do jiló, presenciei cada casa que abriu. E continuam, estilizados, tijolo aparente, pé direito alto, móvel de demolição, surdo, tamborim, cavaquinho e violão (...). Na Lapa de hoje, as meninas beijam pela primeira vez. Os meninos fumam de enevoar a rua e casais clandestinos inventam um plantão pra sapatear um samba que os isenta de culpa: Sem Compromisso. Um desavisado grita: Salve Chico Buarque! Mas o samba é de Geraldo Pereira (LUZ, 2007: 15).

[18] Em 10/08/2010, por exemplo, responsáveis por casas de cultura na Lapa estiveram presentes na Assembléia Legislativa do Estado denunciando o aumento abusivo nos alugueis no bairro e pedindo pela interferência dos deputados nesse processo. Notícia disponível em: http://www.alerj.rj.gov.br/common/noticia_corpo2.asp?num=17185 (Acessado em 11/06/2012).

A ironia de Luz questiona a autenticidade das casas de samba existentes na Lapa e seu público. Todavia, independente de sua qualidade ou originalidade, é consensual a ideia de que nos últimos dez anos ocorreu a "consolidação de um circuito cultural de samba e de choro na Lapa" (Herschmann, 2007: 24), tema que inspirou alguns trabalhos acadêmicos, como o de Micael Herschmann.[19] O pesquisador da área de comunicação analisa o processo através do qual alguns bares passaram a investir em atrações de samba e choro na Lapa, em meados dos anos 1990. Com estes, ele indica, foi retomado o interesse do público por tais gêneros, gerando assim um círculo frutífero de investimentos envolvendo músicos, gravadoras e bares com música ao vivo. Dados de 2007 do Polo Novo Rio Antigo[20] confirmavam a existência de 46 estabelecimentos dedicados ao gênero no bairro, dentre os quais 18 com música ao vivo (SILVA, 21/01/2007). É muito provável que hoje o número real seja bem mais alto que este, considerando os anos que se passaram desde a publicação dos dados e também o fato de que o Polo contabiliza apenas os estabelecimentos a ele associados. É necessário ainda mencionar, por outro lado, o constante abrir e fechar de portas na Lapa: novos estabelecimentos surgem praticamente toda semana, enquanto outros encerram suas atividades.[21]

---

[19] Cabe notar que existem outros trabalhos recentes sobre a questão da música na Lapa: Góes (2007) procura de maneira similar a Herschmann (2007) explicitar o circuito ligado ao choro na Lapa. Requião (2010) demonstra, em uma análise iluminada pelo marxismo, a exploração da mais-valia através dos músicos trabalhadores da Lapa, prejudicados pela falta de legalização no ramo – o estudo de caso empreendido pela pesquisadora focaliza as relações de trabalho no bar Rio Scenarium. Por fim, Frydberg (2010) analisa a descoberta da cidade através da experiência de jovens músicos na Lapa e em Alfama (Lisboa).

[20] O Polo Novo Rio Antigo ou somente Polo, como também é chamado, teve antes o nome de ACCRA (Associação de Comerciantes do Centro do Rio Antigo). No site da associação encontra-se a seguinte definição: "Criado em 2005, o Polo Novo Rio Antigo logo se transformou num importante instrumento de revitalização do Centro Histórico da cidade do Rio de Janeiro, ao reunir empresários e profissionais das áreas de cultura, lazer, gastronomia, turismo, comércio e serviço em torno de uma única bandeira: fortalecer o associativismo e promover o desenvolvimento das regiões da Cinelândia, Lapa, Rua do Lavradio, Praça Tiradentes e Largo de São Francisco que viviam abaladas pelos sucessivos abandonos do poder público e evasão da iniciativa privada". Informações disponíveis em: <http://www.novorioantigo.com.br/quemsomos> (Acessado em 14/03/2011).

[21] Em entrevistas já citadas com Flávio Santoro, ele enumerou as várias dificuldades em ter um negócio na Lapa, sobretudo com relação à conservação do imóvel devido aos problemas que o bairro enfrenta

Outro aspecto ressaltado por Herschmann é o fato da promoção dessas casas ter sido feita basicamente através da internet, dando indícios de que os frequentadores comporiam "um público segmentado, de classe média, com alto nível de escolarização e de informação" (Herschmann, 2007: 26). O grande potencial atrativo do bairro seria a música de raiz. O autor argumenta que a articulação entre um passado e um futuro na Lapa através do samba e choro promove uma espécie de sentimento de "reterritorialização" nos frequentadores, com relação à sua experiência na cidade:

> (...) é como se os frequentadores da Lapa consumissem uma espécie de parque temático de raiz nesta localidade, tivessem acesso ali a uma experiência de imersão e de fruição de alto valor agregado em que a música ao vivo e a paisagem arquitetônica do Rio Antigo são ingredientes fundamentais (Op. cit.: 37).

Tal análise localiza os frequentadores como consumidores de uma Lapa cujo passado estaria diretamente vinculado à musicalidade e às histórias brasileira ou carioca. Esta conexão, por sua vez, teria sido constituída através de uma "invenção das tradições" bem-sucedida (Op. cit.: 49), na qual os discursos presentes sobretudo na mídia teriam tido papel fundamental na construção da Lapa como território do samba e choro na cidade do Rio de Janeiro.

Apesar de pertinente ao tratar do circuito de samba e choro, a análise de Herschmann recai em apenas uma das situações desenvolvidas na Lapa nos últimos anos e que modificaram o perfil, sobretudo noturno, do bairro. Deixa de lado uma série de agentes importantes neste processo quando formula suas conclusões: não aparecem moradores, outros comerciantes ou mesmo pessoas ligadas a circuitos culturais

---

com alagamentos em períodos de chuva, infiltrações e questões estruturais de todo tipo. Além disso, em caminhada que fizemos juntos pela Lapa, ele descreveu o fluxo de surgimento de novos estabelecimentos e algumas possíveis explicações para tal movimento. Segue trecho de meu diário de campo sobre esta conversa*: "Ele me mostra onde era seu antiquário, que agora virou uma lanchonete da rede Subway, pois o imóvel era alugado. Vai apontando os estabelecimentos e dizendo o que eram antes: botequins, mecânicas, autopeça, muitos agora vendidos e transformados em bares arrumadinhos ou restaurantes. Ele me fala dos preços: "Esse imóvel foi vendido por 700 mil, agora é o Boteco Garrafa. Muitas pessoas perderam os pontos devido à alta nos aluguéis. Ali na outra esquina, atual Boteco Belmonte, era o boteco Sete Portas, onde só tinha bêbado, puta e viciado. Todos estes foram comprados pelo seu Antônio, um espanhol".*

distintos ao de samba e choro. De maneira crítica, o autor argumenta que tal processo teve "sucesso alcançado sem uma participação mais efetiva do Estado, a partir da articulação espontânea dos empresários locais (...) e de lideranças importantes" (Op. cit.: 25). Identifica, assim, alguns empresários como "pioneiros" nestes investimentos no bairro, e, consequentemente, responsáveis pela "retomada" da Lapa. Para o autor, portanto, o único fator impeditivo do sucesso total do processo seria a falta de investimentos públicos.

Ao me deparar com este material, passei a notar que a noção de "pioneirismo" esteve presente em outros discursos que analisei sobre a Lapa, bem como a tentativa de dar um sentido coeso para o processo de mudanças, ou seja, representá-lo como algo impulsionado por alguém e desencadeado de uma única maneira. Pude acompanhar um evento promovido pelo Centro Cultural do Banco do Brasil (CCBB) intitulado "Lapa de todos os Sambas", que consistiu, de acordo com a divulgação, em uma:

> (...) série que revive o início do movimento de jovens músicos na Lapa, na cidade do Rio de Janeiro, no final dos anos 1990, que provocou a revitalização da área e a sua relação com a música e a boemia (Centro Cultural Banco do Brasil, 2011).

Nota-se que no próprio *folder* de apresentação do evento é mencionado o fato de que alguém ou, mais especificamente, um movimento "provocou a revitalização" da Lapa. A mesma ideia foi repetida ao longo do evento de diferentes formas, nas apresentações que pude assistir. Tais apresentações ocorriam através de uma rápida conversa entre o jornalista João Pimentel, do jornal O Globo, e os músicos convidados. Em algumas ocasiões, havia um terceiro convidado, geralmente proprietário de alguma casa de show ou bar na Lapa.

Em uma ocasião, o bate-papo de João Pimentel foi com Tiago Alvim, proprietário da casa Carioca da Gema. Tiago Alvim foi apresentado por Pimentel como "um dos que estava lá desde o início".[22] Alvim também esteve envolvido em um dos primeiros bares ligados a este circuito na Lapa, chamado Empório 100 – de propriedade de seu tio, Lefê de Almeida – que descreveu como "um bom laboratório

[22] Os trechos que estão entre aspas foram anotados por mim na íntegra enquanto assisti ao evento. Antes das sessões, me apresentei a Leonardo Conde, organizador da série, e informei-lhe de minhas intenções em acompanhar o evento em razão de minha pesquisa.

de aprendizagem para ter um negócio na Lapa". De acordo com sua fala, seu envolvimento com o local começou no momento em que foi levado para assistir em 1996 um samba que acontecia em um bar chamado Arco da Velha e ficou encantado. Depois disso, tentou promover uma festa em uma casa que possuía em outro bairro e não deu certo. Neste momento, Lefê de Almeida o aconselhou dizendo: "o samba não vai a qualquer lugar". Além de afirmar a existência de "pioneiros", esta última fala reforça também um caráter já enunciado por Herschmann, quando afirma que a Lapa possuía todos os ingredientes para este tipo de investimento, ou seja, para ser considerada ou produzida como o "território" mais importante do consumo do samba na cidade.

Em outra noite do mesmo evento, quando a banda Casuarina se apresentava, o convidado foi Perfeito Fortuna, presidente da Fundição Progresso[23]. João Pimentel deu início à conversa apresentando Fortuna e, nesse momento, fez uma brincadeira dizendo: "O Perfeito, todos sabem, é um dos pioneiros da revitalização na Lapa, mas hoje em dia todo mundo diz que foi pioneiro na Lapa, então a gente nem sabe mais". Fortuna não está diretamente ligado ao circuito do samba, pois o espaço que comanda hoje, a Fundição Progresso, promove atrações musicalmente ecléticas. Esteve ainda à frente do grupo que comandou o Circo Voador por muitos anos, desde sua fundação, até o fechamento em 1996. O Circo Voador ficou conhecido em todo o país por promover importantes shows de rock ao longo dos anos 1980. Teve início com uma tenda provisória no Arpoador, no bairro de Ipanema, mas logo foi transferido para um espaço fixo na Lapa. A história do Circo Voador, ou mesmo da Fundição Progresso, não apresenta qualquer relação significativa com o samba. Por que então Perfeito Fortuna é um dos convidados para o evento do CCBB? Isso demonstra um cruzamento de narrativas que acabam se confundindo na tentativa de fixar um discurso. Com isto quero dizer que a Lapa costuma ser representada como espaço do samba e o samba,

[23] Sobre a história da Fundição Progresso, consta na página oficial da instituição: "Ao lado do Circo Voador, uma antiga e desativada fundição de fogões e cofres estava sendo demolida. O ato de destruir um prédio tão lindo, antigo, inteiro e grande, era demais para os integrantes do Circo Voador, um grupo que valorizava a cultura brasileira de todas as épocas. (…) A fundição foi mantida de pé. A presença do Circo era tão marcante na cidade que, em 1987, a prefeitura e o Estado concederam a ele o uso do espaço da Fundição". Mais tarde, no entanto, após o fechamento do Circo, a Fundição passou a funcionar autonomamente com gestão de uma ONG presidida por Perfeito Fortuna, um dos fundadores do Circo Voador. Disponível em: www.fundiçãoprogresso.com.br (Acessado em 02/06/2011).

por sua vez, é tido como agente fundamental da "retomada" do bairro. Seria, entretanto, imprudente falar da "retomada", dessas mudanças que ali ocorreram ao longo da última década, sem fazer referência à figura de Perfeito Fortuna. Ainda no evento do CCBB, quando perguntado sobre como havia começado este processo, Fortuna mencionou que "a música possuía um papel fundamental", pois:

> Nos anos 1980, após o período militar, a cidade finalmente começava a respirar e a Lapa então por ser um lugar central, que não era de ninguém, pôde tornar-se um ponto de encontro da juventude, pois não havia problema em fazer barulho como nos bairros residenciais. É nesse momento que o Circo Voador se instalou na Lapa, quando ainda não havia nada, com exceção do Asa Branca.

Perfeito lança mão de uma nova data para o início do processo, os anos 1980, e ao invés do samba, refere-se à música de maneira geral como mola propulsora do movimento. Em seguida, a mesma pergunta foi feita aos músicos que se apresentavam no dia. João, vocalista do Casuarina, começou dizendo que chegou em outro momento, bem depois daquele narrado por Fortuna, já no final dos anos 1990, quando segundo ele "a Lapa já existia". E reforça: "como disse o Perfeito, esse movimento foi convergindo para a Lapa, porque lá era um lugar não residencial, abandonado". Aparece aqui um outro componente, tanto na fala de Fortuna, quanto na de João, que consiste em dizer que "na Lapa não mora ninguém". Esta aparece como um bairro não residencial, ou pouco residencial, e por isso teria sido um espaço propício para o desenvolvimento de práticas ligadas à performance e celebração da música.[24] Assim, a ideia mais recorrente de que o processo ocorrido na Lapa foi desencadeado pelo samba – como ressaltada por Herschmann e pela divulgação do evento no CCBB – facilmente encontra contradições quando consideramos outras representações existentes sobre a Lapa tão significativas quanto esta, como a atrelada à história do Circo Voador no bairro.

[24] A Lapa se transformou oficialmente em bairro perante a administração municipal somente em 2012, conforme mencionado na introdução. Por essa razão não é possível precisar quantas pessoas vivem ali, pois esta contagem não foi feita nos últimos censos. No censo de 2010, contabilizou-se o número de 41.142 mil moradores para a região central do Rio de Janeiro, na qual a Lapa estava inclusa. Informação disponível em: http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/tabela/protabl.asp?c=202&z=cd&o=13&i=P (Acessado em 11/06/2012).

Figura 3: Fachadas da Fundição Progresso e do Circo Voador (maio de 2008).

Outro discurso bastante presente é o de que a Lapa congrega, por excelência, a diversidade cultural: é plural, democrática. Com relação a tal tema, Plínio Fróes, empresário ligado ao Polo Novo Rio Antigo e proprietário da casa Rio Scenarium entre outras, comenta em reportagem da Folha de S. Paulo: "A Lapa é o nosso Pelourinho, mas com muito mais diversidade cultural. Aqui convivem em harmonia, estudantes, travestis, empresários, prostitutas" (Vianna, 06/01/2008). Na Revista Serafina, pertencente ao mesmo jornal citado acima, um artigo sobre o bairro informa que a Lapa é "um corpo vivo, que contém todos os tempos e ritmos do Rio" (Seixas, 01/10/2010). O próprio Perfeito Fortuna, em matéria já citada (Vianna, 06/01/2008), também aponta:

> A Lapa é uma Torre de Babel ao contrário. Apesar das diferenças, todo mundo se entende. Quem vem aqui é o inteligente de cada classe: o rico que sabe das coisas e gosta de boa música, o pobre que faz a cabeça do pessoal em Belford Roxo [Baixada Fluminense]… A inteligência está aqui.

Estes discursos fazem referência a algo facilmente constatado em uma caminhada pela Lapa em qualquer sexta-feira à noite, como já mencionado: existe realmente no bairro uma pluralidade de indivíduos e grupos, bem como dos usos feitos de seu espaço. Para ilustrar, vale lembrar que enquanto o circuito de samba e choro é constantemente anunciado e celebrado pela mídia, outros gêneros musicais também encontram na Lapa forte centralidade, como é o caso do rap. Em documentário intitulado "L.A.P.A." (Borges; Domingos, 2007) são mostrados os encontros em festas e rodas de *breaks* organizados na Lapa pelos músicos ligados a este circuito e residentes em diferentes partes da cidade.

Todavia, é possível notar que a soma das ideias de que a Lapa é um lugar privilegiado da diversidade na cidade e também de que não é residencial resulta muitas vezes em diagnósticos equivocados sobre a realidade do bairro, ou mesmo negativos, sobretudo com relação à pouca intervenção do poder público no local – o quarto e último ponto que pretendo abordar aqui. Nas eleições para a prefeitura da cidade em 2008, a Lapa tornou-se uma das principais pautas de discussão entre os candidatos que disputavam o cargo. Em reportagem que apresentava quais eram as propostas de cada um para reduzir a "desordem urbana" na Lapa (O Globo on-line, 18/07/2008), Perfeito Fortuna foi entrevistado e declarou: "Como é uma região vasta em que não mora muita gente, ninguém cuida e qualquer um ocupa. E como não tem muito voto, parece que as reivindicações não valem muito"

A declaração de Fortuna é curiosa, pois chama atenção negativamente para o fato de que o local pode ser ocupado por qualquer um, algo que em outras declarações aparece como um de seus grandes atrativos. A diversidade que caracteriza a Lapa torna-se, no plano dos discursos, algo ambíguo, que pode ser visto tanto como positivo, quanto negativo. Nesse sentido, ela aparece na fala de Fortuna quando ele enfatiza a pouca atenção dada à Lapa pelo poder público. Outra questão que parece ser bastante consensual nessa mesma fala é o fato da atuação governamental ser vista pela maioria como discreta ou pouco efetiva, enquanto os investimentos privados teriam sido fundamentais nas transformações recentes do bairro (Jacques; Vaz, 2003).

Carmen Silveira e Lilian Vaz (2006) mapearam as políticas implementadas pelo Estado na Lapa nos últimos trinta anos. Indicam que somente na década de 1990 e início dos anos 2000 surgiram políticas mais elaboradas destinadas ao bairro, para além das ações de tombamento e reformas de via, isto é, referindo-se não apenas à preservação do patrimônio edificado, mas igualmente à sua utilização. Os projetos dessa época passaram a dar forte ênfase e apoio à criação e manutenção de atividades culturais. Nesse mesmo período, imóveis de propriedade do Estado, abandonados ou utilizados como ocupação residencial foram, em alguns casos, concedidos a grupos específicos de atuação cultural e em outros colocados à venda ou aluguel. Na maior parte das vezes, houve remoção de moradores, configurando um processo polêmico, pontuado por conflitos e interrupções (Silveira; Vaz, 2006).

Cabe notar que, também a partir dos anos 2000, ocorreram intervenções policiais que buscaram coibir, sobretudo, o tráfico de drogas e a existência de

ambulantes na região. A mais conhecida dessas ações denominou-se "Operação Lapa Limpa", conduzida pela Polícia Militar, que teve sua primeira atuação em 2003 e outras sucessivas a partir de então (Folha Online, 25/04/2003, Caruso, 2009).

Em 2009, após a eleição de Eduardo Paes (PMDB) para a Prefeitura Municipal, a presença do termo "revitalização" da Lapa em alguns discursos políticos passou a ser também recorrente. Em seus primeiros seis meses de governo, o prefeito lançou o programa "Lapa Legal", que dispunha de uma série de medidas de planejamento destinadas ao bairro (O Globo on-line, 24/06/09) e que propunha realizar a "revitalização" da Lapa. Dentro das medidas propostas neste projeto, pode-se destacar como mais significativas: a criação de uma feira noturna, alocando os vendedores ambulantes do bairro em barracas permanentes; a presença da Polícia militar durante 24 horas no local; o estabelecimento de imóveis destinados à habitação social e a transformação jurídico-administrativa da Lapa em bairro.

Hoje a presença da Polícia Militar e a criação da feira noturna já estão concretizadas. Além disso, foi feita uma reforma nos Arcos da Lapa, bem como outra mais recente da Praça Cardeal Câmara.[25] Outra ação impulsionada pelo governo de Paes foi o chamado "Choque de Ordem" [26], que no caso da Lapa consiste no fechamento das ruas do bairro entre 22h e 5h às sextas-feiras e sábados, além da regulação da atuação de flanelinhas, estacionamentos irregulares, pessoas urinando na rua, uso impróprio das calçadas, entre outros. Desde então, é comum ver um ônibus da Polícia Militar todas as sextas-feiras na Lapa, que leva até a delegacia principalmente flanelinhas e pessoas que foram pegas urinando na rua, dentre outros casos de contravenção.

---

[25] Durante o processo de escrita desta dissertação, ouvi por acaso, na rádio MPB FM, o anúncio da "festa de inauguração da revitalização da Lapa". O evento, marcado para o dia 30 de Abril de 2012, celebrava a finalização da reforma da Praça Cardeal Câmara com um grande show realizado em frente aos Arcos da Lapa, feito por meio de uma parceria entre a prefeitura e a Fundição Progresso.

[26] O termo "choque de ordem" foi criado no início do governo de Eduardo Paes para intitular as políticas de "ordenamento dos bairros" a serem capitaneadas pela Secretaria de Ordem Pública (SEOP), também concebida pelo mesmo prefeito. Informação disponível em: <http://www.rio.rj.gov.br/web/guest/exibeconteudo?article-id=87137> (Acessado em 05/06/2012). No entanto, como bem atenta Caruso (2009: 156), o termo hoje se tornou *slogan* político para definir outras operações de ordenamento urbano de vários bairros do Rio, realizadas tanto pela administração municipal como estadual.

Figura 4: Guarita da operação "Choque de Ordem" e placa anunciando reformas ligadas ao projeto "Lapa Legal" (julho de 2010).

Por fim, a partir desta breve análise, é possível dizer que a ideia de que a Lapa foi, está sendo, ou será "revitalizada" é constantemente anunciada com diferentes versões. Deste modo, saber quem "revitalizou" a Lapa, quando e como isso aconteceu é uma indagação que se abre para muitas respostas. Em uma alusão satírica às diferentes mitologias que cercam o bairro, seria o equivalente a tentar descobrir se Geraldo Pereira de fato morreu nas ruas do bairro do soco que lhe deu Madame Satã nos anos 1950.[27] Sobre esta e outras narrativas que giram em torno da Lapa, Millôr Fernandes (escritor e humorista) frequentador assíduo da Lapa, que chegou também a morar no bairro, escreveu:

> Pois é, foi ali (ou não foi ali), no Capela (ou não foi no Capela?), que Madame Satã (ou não foi Madame Satã?) matou (ou não matou?), com um soco só! (ou uma facada?), o grande GTP, o sambista Geraldo Pereira ("O escurinho era um escuro direitinho/ Agora está com mania de brigão")? Tudo é lenda! (FERNANDES, 2007 [1965]: 10).

Tal paralelo serve para ilustrar que também no caso da "revitalização", não existe uma narrativa mais verdadeira que a outra, mas uma disputa em relação à "autoria" do processo que parece na realidade se caracterizar justamente por diferentes ações que ocorreram em momentos distintos. Para os propósitos deste trabalho, contudo, basta compreender que uma série de mudanças atingiu a Lapa nos últimos anos, sobretudo na última década, e diversas ações e discursos que fazem parte deste

[27] Trata-se de uma narrativa popular e com diferentes versões que conta que após ter sido chamado de "viado" pelo sambista Geraldo Pereira, Madame Satã teria lhe dado um soco. O sambista, após esse fato, foi encontrado hospitalizado e dias depois, morreu.

conjunto de mudanças são comumente denominadas pelo termo "revitalização". Por essa razão, ele será entendido e usado aqui como termo nativo que caracteriza um conjunto de situações existentes no bairro hoje e não como conceito. Não me vinculo a qualquer sentido que esta noção possa carregar – como aquele que atribui ao lugar uma suposta ausência de vida anterior a estes processos. Cabe, entretanto, discutir brevemente a importância da repetição deste termo neste e em outros contextos nacionais para esclarecer qual foi o posicionamento assumido na pesquisa em meio ao debate teórico provocado por estas aproximações.

1.3) Considerações sobre um debate: *gentrification.*

Silvana Rubino (2009) atenta para o fato do termo revitalização e seus análogos (requalificação, reabilitação, etc.) serem problemáticos, pois:

> Mais do que meros eufemismos para uma forma contemporânea de limpeza urbana, tais termos passaram a ser 'lugares comuns': palavras guarda-chuva que ao cobrir situações diversas terminam sem significado, ou termos associados a um lugar-comum onde falas diversas se encontram (RUBINO, 2009: 34).

Como mostra a autora, o termo evoca a ideia de "limpeza urbana", atualizada em pesquisas recentes pelo debate em torno do conceito de *gentrification* (ou enobrecimento urbano). A presença da palavra revitalização aqui, portanto, remete diretamente a tal conceito[28], definido de maneira sintética por Frúgoli Jr., como:

> criação de áreas residenciais para classes médias e altas em bairros de áreas urbanas centrais, articulados a processos de controle ou expulsão de setores das classes populares, num processo também assinalado pelo desempenho de determinados estilos de vida e de consumo, produzindo mudanças da composição social de um determinado lugar bem como tipos peculiares de segregação socioespacial e de controle da diversidade (FRÚGOLI JR., 2006a: 133-134 *apud* FRÚGOLI JR.; SKLAIR, 2009: 120).

[28]Para um aprofundamento deste debate e trajetória do conceito, ver Rubino (2004, 2005, 2009) e Gaspar (2011).

O mesmo autor, no entanto, aponta para o fato de que outros estudos têm demonstrado que tanto em cidades europeias como latino-americanas, tais processos culminaram em uma transformação mais pautada pela ocupação das elites para lazer e consumo e não tanto residencial, como pensada pelos primeiros teóricos a tratarem do tema. Nesse sentido, importa aqui entender as especificidades dos casos nacionais cujos contextos se aproximam da situação analisada na Lapa, ainda que com algumas significativas diferenças.

Rogério Proença Leite (2004), em tese que analisa o caso do Bairro do Recife (Recife – PE), pontua que no Brasil tais processos costumam ser fruto de uma parceria entre o Estado e a iniciativa privada – não por acaso, mas porque o Estado não possui recursos suficientes para sustentar o projeto e a iniciativa privada, por sua vez, necessita de legitimidade, ou ainda, de instrumentos legais para investir em tais locais. Observa ainda que ambos os segmentos se utilizam da ideia de resgate de uma tradição como argumento fundamental para justificar os processos. Contudo, tal tradição é reinterpretada de acordo com os interesses de cada um dos agentes: no caso do Estado, o fortalecimento de uma memória nacional compartilhada e, do lado da iniciativa privada, a transformação da tradição em mercadoria cultural. Sobre o efeito de tais combinações, o autor declara: "aliar consumo à tradição e patrimônio transforma o espaço público em enclaves para o consumo de uma nova classe média." (Leite, 2004: 25).

Leite associa esta discussão ao trabalho feito por Sharon Zukin, que possui um estudo clássico sobre o bairro do Soho em Nova York. A socióloga norte-americana entende o espaço enobrecido como uma paisagem urbana pós-moderna[29] e destaca, dessa forma, duas características fundamentais desses processos: a *centralidade* e as *paisagens do poder*. Para a autora, a reapropriação de certos espaços da cidade concentra núcleos de atividades que refazem os usos, dando origem a uma apropriação cultural que consequentemente culminaria numa apropriação espacial. Nesta, portanto, subsistem os símbolos do consumo e do poder sobre o *vernacular*[30] (Zukin, 2000).

No caso brasileiro, Leite reforça o papel do *vernacular*, o qual distingue como

[29] Para Zukin (2000: 83) essas paisagens seriam os espaços *gentrificados* e também os espaços que chama de "*disneyficados"*, paisagens dos sonhos.

[30] O vernacular para Zukin diz respeito, de forma geral, ao que é referente às tradições de um lugar ou uma cultura, embora a autora ressalte o caráter do vernacular como algo que remete à ausência de poder e, dessa forma, resistente à paisagem de poder (2000: 85).

formas de *contra-usos* do espaço enobrecido, resistentes à lógica de poder imposta a este[31]. No Bairro do Recife, o tipo de ocupação foi, sobretudo, voltado ao lazer noturno. Houve forte investimento privado por meio de incentivos dados pelo Estado. O autor chama atenção, no entanto, para a permanência de outros usos como aqueles feitos por habitantes antigos, moradores de rua, entre outros[32], configurando os chamados *contra-usos.*

Frúgoli Jr. e Sklair (2009) ao analisarem o bairro da Luz em São Paulo mostram que, no caso paulistano, o processo foi totalmente conduzido pelo Estado, sem uma participação mais efetiva da iniciativa privada ou da população. Através do investimento em instituições culturais, como museus e uma sala de concerto, buscou-se veicular uma suposta transformação do local em "bairro cultural". Os autores, entretanto, demonstram a permanência de todos os usos anteriores, tais como moradias populares, uso do *crack* nas ruas, comércio local, entre outros. Ainda que as instituições recebam diariamente um público de camadas médias e altas, há pouco impacto efetivo sobre o cotidiano do bairro. Dessa maneira, os autores apontam alguns problemas concernentes à ideia de *gentrification.* Esta teria, nesse caso, um potencial explicativo quando analisadas as ações capitaneadas pelo Estado, entretanto, isso acaba por engessar o entendimento de outras práticas existentes no bairro. Afinal, ainda que se possa encontrar uma intenção por parte do Estado em *gentrificar* a área, é difícil dizer que tenha havido uma mudança efetiva nos usos do bairro – sendo mais produtivo pensar aqui nas ideias de continuidades e mudanças simultâneas,[33] conforme propõem os autores. Esta proposta, por sua vez, marca certa distância com relação ao uso do conceito de *gentrification*.

Quando comparada a estas citadas, a situação da Lapa também apresenta um panorama diverso. Como descrito acima, as mudanças neste contexto vêm ocorrendo impulsionadas por interesses particulares distintos, com ações pontuais e dispersas do Estado. No entanto, assim como atentam os autores dos já citados trabalhos sobre a

---

[31] Aludindo com isso à discussão feita por De Certeau (2009 [1984]) sobre "estratégias", ou seja, às práticas ligadas à estrutura de poder e as "táticas", aquelas que subvertem ou resistem a esta lógica.

[32] De acordo com Gaspar (2011), na segunda edição de seu livro, em 2007, Leite fala de um abandono do Bairro do Recife pelo poder público e pelas classes médias e o retorno da dinâmica anterior, com usos feitos predominantemente pelos moradores locais.

[33] De acordo com os autores, tal constatação foi feita com base na discussão sobre estrutura e conjuntura de Marshall Sahlins (1990, 1997a, 1997b), presente em Frúgoli Jr. & Sklair: (2009: 129).

Luz e o Bairro do Recife, os usos populares na Lapa não desapareceram. Ao contrário, compõem e constroem a paisagem do bairro.

Dentro deste debate compreendi que ainda que algumas ações existentes no bairro contribuam para o entendimento daquilo que pode ser distinguido como formas de *enobrecimento urbano*, pensar a Lapa como um espaço *gentrificado*, ou em processo de *gentrification*, implicaria uma série de flexibilizações de tal conceito, sobretudo no que se refere às diversas construções de espaços e temporalidades ali existentes. Estas dificilmente poderiam ser pensadas como um conjunto mais ou menos homogêneo no qual o processo de mudanças estaria se dando da mesma forma ou rumo a um destino em comum. Concluí que este caso parecia ser mais interessante se investigado a partir da multiplicidade de situações e relações encontradas, além de enfrentadas, primordialmente, com base na etnografia e não amparadas *a priori* por esta conceituação. Assim, dou início abaixo a um mapeamento etnográfico feito do bairro para, em seguida, demonstrar o aprofundamento deste trabalho a partir do contexto descrito.

1.4) Percursos noturnos: mapeando o campo em uma *territorialidade flexível*.

Passar pela Lapa em uma sexta-feira à noite consiste em encarar um cenário completamente modificado daquele existente durante os outros dias de semana. A existência de estabelecimentos especificamente voltados ao lazer noturno – bares, restaurantes, casas noturnas e casas de show – sempre marcou a existência do bairro. Porém, tal movimentação cresceu significativamente nos últimos anos. Dados de pesquisa realizada pelo Data UFF em 2004 mostraram que a Lapa possuía já naquele ano: "(...) 116 estabelecimentos do setor musical, teatral, gastronômico, antiquário, turístico e comercial de modo geral. Ao todo 110 mil pessoas frequentando o bairro por semana, gerando uma economia de aproximadamente 14,5 milhões de reais por mês" (Herschmann, 2007: 26). A presença dos estabelecimentos é sentida, evidentemente, todos os dias. No entanto, o fluxo de pessoas em torno destes é claramente maior nas noites de sexta-feira. Dados de 2007, repassados pelo 13º Batalhão da Polícia Militar (Caruso, 2010: 82), apontam que o bairro atraía nesse período, em média, trinta mil pessoas a cada sexta-feira. Apesar de não possuir dados oficiais, é certo que tais números, tanto de frequentadores, como de estabelecimentos, cresceram significativamente no decorrer dos últimos anos.

Além da abertura destes estabelecimentos, outras formas de ocupação do espaço noturno, como comércio informal de bebidas e alimentos (através de vendedores ambulantes)[34] também aumentaram, assim como a ocupação das próprias ruas e calçadas por jovens, situação que se tornou uma das principais características da vida noturna do bairro. Além disso, surgiram inúmeras distribuidoras de bebidas que ficam a noite toda abertas e nas quais é possível comprar qualquer tipo de bebida a preços bastante moderados, porém sem lugar para sentar ou quaisquer outros equipamentos, como banheiros. Ao considerar todos esses componentes, a Lapa pode ser considerada hoje como um importante palco para eventos culturais, encontros e apresentações de grupos de música e dança na cidade[35], passagem obrigatória para aqueles que fazem turismo no Rio de Janeiro, além de significativo ponto de concentração para práticas cotidianas de sociabilidade, sobretudo de jovens. Tais práticas são entendidas aqui tanto como atos de socialização entre estranhos, onde importa apenas a interação por si só, bem como relações praticadas entre "iguais", tais como grupos sociais mais homogêneos, nas quais estão em jogo outras finalidades para além da interação (Frúgoli Jr., 2007).[36]

Um exercício inicial de observação da dinâmica do local permitiu realizar um mapeamento dos lugares, principais práticas e tipos de frequência existentes. Um dado bastante revelador decorrente dessa análise inicial foi a ideia de uma divisão espacial no bairro balizada pelos Arcos da Lapa[37], sendo comum o entendimento de que

---

[34] O termo camelô é o mais comumente usado para designar as práticas de comércio informal na Lapa. Vendedor ambulante é outra denominação acionada por estas pessoas, ainda que com menor frequência. Tal atividade no bairro compreende basicamente a venda de bebidas e alimentos em pequenos carrinhos de mão de alumínio, isopores, ou até barracas. Uns trabalham todo o dia e outros apenas à noite ou ainda somente na sexta à noite.

[35] Muitos grupos se encontram ali para ensaios ou apresentações, demonstrando a centralidade do local com relação a determinadas manifestações culturais na cidade. Na sexta-feira é possível ver apresentações de música gratuitas e ao ar livre pela rua, geralmente nas imediações dos Arcos da Lapa. Toda sexta-feira, por exemplo, pude notar que há um ou mais grupos de percussão se apresentando embaixo dos Arcos.

[36] Para uma discussão mais aprofundada do conceito de sociabilidade, partindo das ideias de Georg Simmel (ano) e explorando a forma como este foi apropriado pela antropologia e sociologia urbana, ver Frúgoli Jr. (2007).

[37] Sobre a centralidade que certos monumentos exercem em relação ao bairro onde se localizam ou ao entorno de forma geral, ver Walter Benjamin, que em "Passagens", ao refletir sobre os monumentos

predominam em cada um dos lados de tal monumento, situado no coração da Lapa, formas distintas de ocupação do espaço noturno, que se diferenciam pela relação de contraste entre ambas, mas que internamente, congregam um conjunto heterogêneo de práticas e lugares. [38]

Nesse sentido, a noção de *classe social* possuiu um papel importante no entendimento desta divisão. Este diferencial deve ser apresentado como recorte interpretativo, visando dar conta da análise desta realidade, sem com isso reificá-la (Fonseca, 2005: 133).[39] Trata-se a princípio de um lado mais pobre e outro mais rico, tanto do ponto de vista dos frequentadores, quanto dos moradores e, consequentemente, isso pode ser igualmente constatado pelo tipo das edificações existentes em cada um.

Existe, de um lado, uma preponderância de bares e casas noturnas voltadas para um público de maior poder aquisitivo, caracterizados por ocuparem casarões cuja estrutura física passou por processos de restauro e que, em sua maior parte, privilegiam em sua programação samba e música popular brasileira. Circunscrevo tal lado a partir da passagem pelos Arcos da Lapa na Avenida Mem de Sá (sentido Praça da Cruz Vermelha) e no trecho da Rua Riachuelo paralelo a este primeiro. Estende-se pela Rua Riachuelo e Avenida Mem de Sá, até a altura da Rua dos Inválidos. Com relação às ruas transversais, constatei uma grande concentração destes equipamentos e circulação de frequentadores na Avenida Gomes Freire e na Rua do Lavradio. Localizam-se ainda neste lado a maior parte dos bares ligados ao já citado circuito de samba, que se tornaram célebres no cenário da Lapa.[40] Tal trecho pode ser visualizado no mapa a seguir.

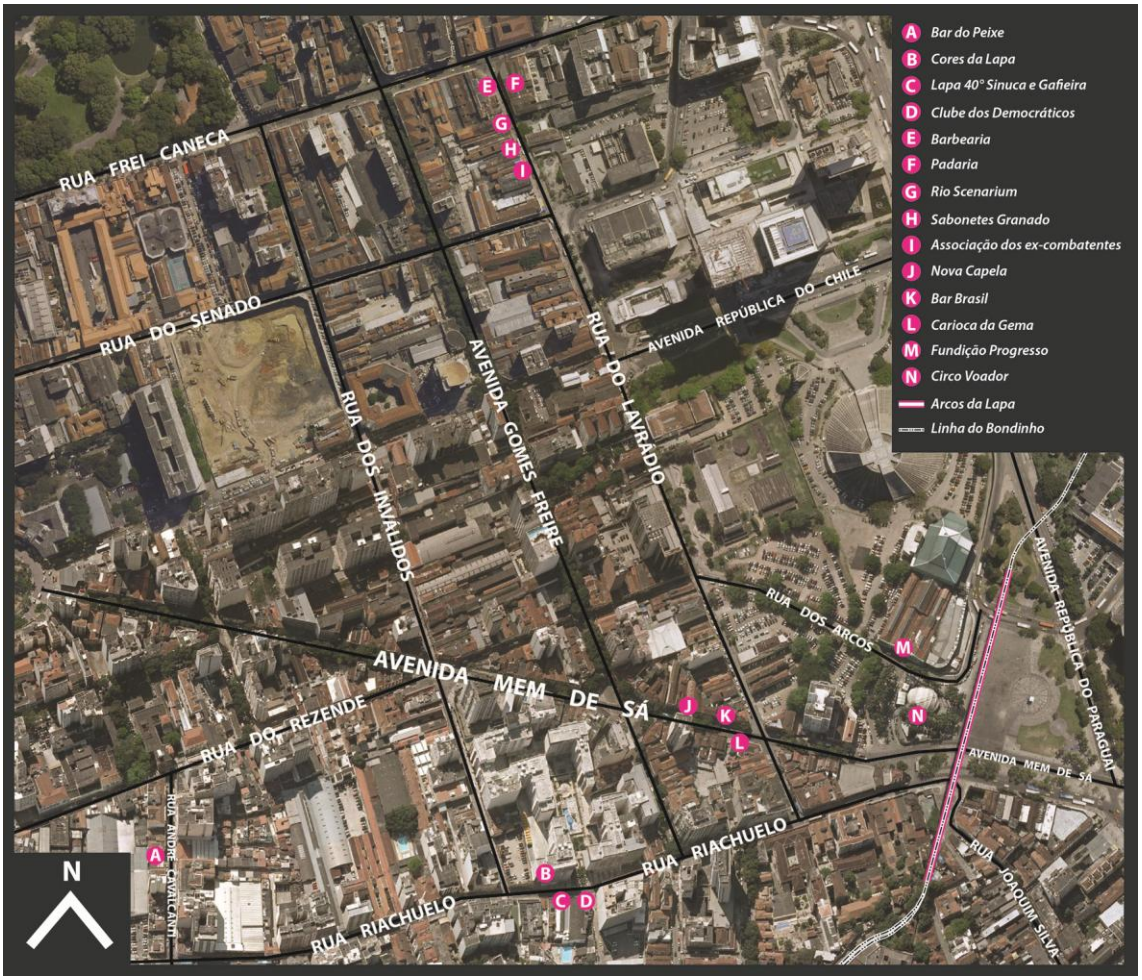
---

parisienses, escreve: "Servindo de fundo a ruas importantes, eles concedem aos *quartiers* um centro de gravidade e, ao mesmo tempo, representam neles a cidade enquanto tal." (Benjamin, 2007 [1982]: 567).

[38] Há muitas formas de se referir a esses dois lados. A seguir, aquelas que ouvi com maior frequência: "para lá e para cá dos Arcos", "antes e depois dos Arcos", "lado pobre e lado rico da Lapa".

[39] Claudia Fonseca (2005: 133-134) atenta para o fato de que assim como gênero, etnia, entre outros, a noção de classe, livre de suas possíveis reificações, constitui também um recorte interpretativo bom para pensar, desde que inserido em uma etnografia que revele experiências cotidianas e assim, conflito, movimento e ambivalência em sua análise.

[40] Cito alguns: o Carioca da Gema, de Tiago Alvim, o Rio Scenarium, de Plínio Fróes e o Lapa 40 graus, do dançarino Carlinhos de Jesus.


A Bar do Peixe
B Cores da Lapa
C Lapa 40° Sinuca e Gafieira
D Clube dos Democráticos
E Barbearia
F Padaria
G Rio Scenarium
H Sabonetes Granado
I Associação dos ex-combatentes
J Nova Capela
K Bar Brasil
L Carioca da Gema
M Fundição Progresso
N Circo Voador
Arcos da Lapa
Linha do Bondinho
RUA FREI CANECA
RUA DO SENADO
AVENIDA REPÚBLICA DO CHILE
RUA DO LAVRADIO
AVENIDA GOMES FREIRE
RUA DOS INVÁLIDOS
RUA DOS ARCOS
AVENIDA MEM DE SÁ
RUA DO REZENDE
AVENIDA REPÚBLICA DO PARAGUAI
AVENIDA MEM DE SÁ
RUA ANDRÉ CAVALCANTI
RUA RIACHUELO
RUA RIACHUELO
RUA JOAQUIM SILVA
N

MAPA 1

Há neste trecho botequins do tipo "pé sujo" [41], alguns dos quais são frequentados por jovens universitários e possuem inclusive um público cativo. Já outros são primordialmente frequentados por moradores locais. Existem ali, do mesmo modo, bares gays, distribuidoras de bebidas, lanchonetes e restaurantes de todos os tipos (populares, de comida japonesa, etc.) e outros considerados tradicionais, como o Nova Capela, de comida portuguesa, que existe desde 1903. Um importante detalhe na caracterização dessa área é que um dos únicos pontos de prostituição de travestis ainda existente na Lapa fica na Av. Gomes Freire nas imediações da Av. Mem de Sá[42], exatamente onde há o maior número de bares. O tradicional Clube dos Democráticos – que abriga ao longo da semana festas organizadas por diferentes grupos – fica também nesta área, na Rua Riachuelo, bem em frente ao já citado condomínio Cores da Lapa. No limite com o outro lado dos Arcos, estão o Circo Voador[43] e a Fundição Progresso. Além disso, em toda noite de

Figura 5: Catraca que delimita o início do Quarteirão Cultural da Rua do Lavradio (março de 2011).

[41] O botequim "pé sujo" é popularmente conhecido como um bar de características simples que dispõe, em geral, de um único balcão e poucas mesas. É comum que seus frequentadores permaneçam a maior parte do tempo em pé, apoiando copos e garrafas de bebidas em objetos improvisados ou no próprio balcão. Tais locais caracterizam-se também pelos alimentos que ali são vendidos e que variam de lugar para lugar. No Rio de Janeiro pode-se destacar a venda de pizzas, ovos cozidos, carne assada, salgados fritos, sendo também possível pedir "pratos feitos" com refeições completas e café no período matutino. O ambiente pequeno e sua pouca ventilação costuma fazer com que as paredes e o chão do recinto estejam constantemente engorduradas, independente da regularidade com que são faxinadas.

[42] O trabalho de Casco na Lapa (2007: 300) menciona a questão da prostituição e expõe a existência de uma diferenciação entre as travestis a partir do momento em que os usos noturnos da Lapa se intensificaram para outras práticas. A maior parte delas hoje faz ponto na Av. Augusto Severo, no limite com a Glória, por ali ser menos movimentado e mais escuro, o que permite desnudar-se de maneira mais completa e dar maior privacidade aos clientes do que no "coração" da Lapa, sempre movimentado e iluminado. Sabe-se, no entanto, como demonstra Silva (2007), que as travestis tinham "trânsito livre" pelo bairro pelo menos até o final dos anos 1980, época em que o autor ali fez sua etnografia.

[43] Como mencionado, o Circo Voador foi fechado em 1996 pela prefeitura. No entanto, em 2004 foi reaberto através de uma ação movida pela produtora Maria Juçá, que obrigou a prefeitura a reconstruir o espaço (Gobbi, 13/07/2004). Hoje é gerido pela mesma produtora em parceria com a Secretaria Municipal de Cultura.

sexta-feira, existem vendedores ambulantes circulando pelas ruas, embora em número consideravelmente menor do que no outro lado. Com relação aos usos diurnos, predominam neste lado edifícios residenciais voltados à classe média baixa e a maior parte do comércio local, a saber: serviços básicos, pequenos mercados, bancos, padarias, antiquários, brechós, oficinas mecânicas, além de um hospital, uma faculdade de medicina, academias, hotéis, motéis, pensões, igrejas evangélicas, escolas e, mais recentemente, um TRT (Tribunal Regional do Trabalho), instalado na Rua do Lavradio.

Esta última rua citada certamente tem se destacado no cenário da Lapa. Chamou-me a atenção, desde o início do campo, a existência de um quarteirão específico no final da rua, quase na Praça Tiradentes, que é fechado para passagem de carros todas as noites, com o uso de catracas. Trata-se de um projeto intitulado Quarteirão Cultural e realizado pelo Polo Novo Rio Antigo em parceria com a Prefeitura Municipal, que estabeleceu, por decreto, o fechamento das ruas e a liberação das calçadas para colocação de mesas e cadeiras. O quarteirão é composto principalmente por bares relativamente novos e de alto padrão, incluindo o Rio Scenarium, misto de casa de show e antiquário – que contém diversas peças antigas de decoração espalhadas pelos três andares do casarão que ocupa. Os bares deste quarteirão estão, conforme pude observar, entre os mais caros para se consumir na Lapa. E no caso do Rio Scenarium, que cobra para entrar, notei ser o valor mais alto cobrado na Lapa em bares do mesmo tipo (com atrações musicais ao vivo).

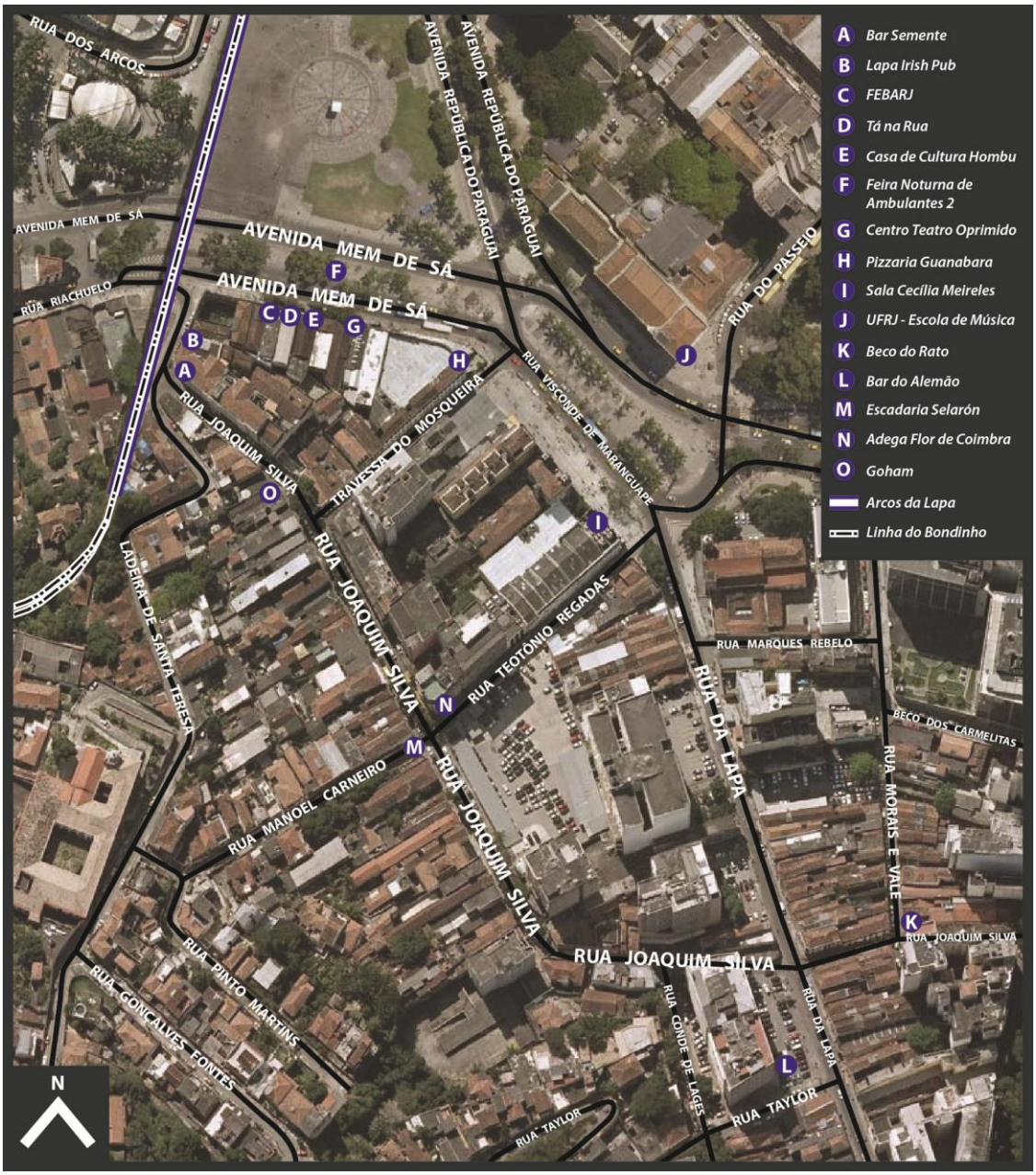
Realiza-se neste trecho, ao primeiro sábado de cada mês, a Feira do Rio Antigo, organizada por intermédio do Polo Novo Rio Antigo. As barracas da feira são estabelecidas a partir do Quarteirão Cultural e os produtos vendidos são, em geral, artesanatos e antiguidades. A feira, no entanto, acaba por animar todo o comércio local, inclusive bares e restaurantes. Afora os dias de feira, a Rua do Lavradio abriga vários antiquários e lojas de móveis, além de outros estabelecimentos que vieram na esteira destes, tais como uma loja de sabonetes finos da marca Granado, inaugurada ali em 2009. A rua tem também restaurantes frequentados, sobretudo, pelos funcionários do TRT e dos edifícios empresariais do entorno. É importante ressaltar, contudo, que no mesmo quarteirão, encontram-se outros estabelecimentos, não necessariamente ligados a este circuito, tais como uma padaria popular, a Associação dos Ex-combatentes do

Brasil e duas pequenas barbearias[44].

Figura 6: Barracas e movimentação na Feira do Novo Rio Antigo (março de 2011).

O quarteirão cultural da Rua do Lavradio parece representar dentro deste lado da Lapa uma radicalização das características que a definem, ainda que de maneira generalizante. Isso porque, do outro lado, os bares são nitidamente voltados para pessoas de menor poder aquisitivo e a ocupação do espaço das próprias ruas por vendedores ambulantes e pelos frequentadores é mais intensa e feita de maneira menos regulada. Quando me refiro a esta segunda territorialidade, entendo que ela seja composta pela Rua da Lapa, seguida pela Avenida Mem de Sá até chegar aos Arcos da Lapa. Paralela à Mem de Sá está a Rua Joaquim Silva, também dentro deste perímetro – que pode ser visualizado no mapa a seguir. Incluo ainda todas as perpendiculares neste trecho: Rua Taylor, Rua Theotônio Regadas, Travessa do Mosqueira e uma parte da Rua Evaristo da Veiga.

[44] Notei que uma delas fica aberta durante a noite e, além dos serviços comuns de barbeiro, um dos filhos do dono vende cervejas em um isopor na frente do local. O mais curioso é que a barbearia, que pertence à mesma família há mais de trinta anos, é inteiramente decorada por quadros pintados pela esposa do dono. Os quadros são normalmente comprados por turistas estrangeiros e descritos pelos próprios donos como sendo de *arte naif*. Em geral, estampam símbolos locais como os Arcos da Lapa e o bondinho de Santa Teresa. Obtive estas informações na noite de 17 de Julho de 2010 quando caminhava pela Lapa. A barbearia me despertou imensa curiosidade e acabei entrando para me informar sobre o local.


A Bar Semente
B Lapa Irish Pub
C FEBARJ
D Tá na Rua
E Casa de Cultura Hombu
F Feira Noturna de Ambulantes 2
G Centro Teatro Oprimido
H Pizzaria Guanabara
I Sala Cecília Meireles
J UFRJ - Escola de Música
K Beco do Rato
L Bar do Alemão
M Escadaria Selarón
N Adega Flor de Coimbra
O Goham
Arcos da Lapa
Linha do Bondinho
RUA DOS ARCOS
AVENIDA MEM DE SÁ
AVENIDA REPÚBLICA DO PARAGUAI
RUA RIACHUELO
RUA DO PASSEIO
RUA VISCONDE DE MARANGUAPE
RUA JOAQUIM SILVA
TRAVESSA DO MOSQUEIRA
LADEIRA DE SANTA TERESA
RUA TEOTÔNIO REGADAS
RUA MARQUES REBELO
RUA DA LAPA
BECO DOS CARMELITAS
RUA MORAIS E VALE
RUA MANOEL CARNEIRO
RUA PINTO MARTINS
RUA GONÇALVES FONTES
RUA CONDE DE LAGES
RUA TAYLOR
N

MAPA 2

Ao imaginar um percurso por esta região em uma noite de sexta-feira a partir de quem vem do outro lado dos Arcos, a primeira diferença notada é a multidão. O número de pessoas é sempre maior do que antes da passagem. Cruzando os Arcos fica a feira noturna de ambulantes que ocupa o canteiro central da Avenida Mem de Sá, bem como a Praça Cardeal Câmara. O fechamento das ruas a partir de 2010 permitiu que os frequentadores passassem a permanecer não apenas no canteiro e na praça, mas igualmente nas duas faixas da avenida. Do lado oposto à praça estão pelo menos três distribuidoras de bebidas, um restaurante, uma pizzaria, casas noturnas e centros culturais que à noite, muitas vezes, funcionam como local de festa, sendo eles: Centro de Teatro do Oprimido, Grupo Tá na Rua, Casa de Cultura Hombu e FEBARJ (Federação de Blocos Afro e Afoxés do Rio de Janeiro).

A maioria dos frequentadores acaba passando a maior parte da noite do lado de fora de tais equipamentos, consumindo bebidas dos vendedores ambulantes e distribuidoras, mas aproveitando o som que vem de dentro destes lugares, chegando a dançar na própria rua. A experiência sonora que se tem caminhando em frente a este trecho é, no mínimo, confusa. O tempo de escuta para identificar uma música nunca é suficiente, pois logo a primeira é interceptada por uma segunda e assim por diante. Há, além disso, apresentações de grupos musicais, a maioria deles de percussão. E outras mais inusitadas como uma menina que presenciei algumas vezes se apresentando com um número de dança, no qual reproduz o clipe “Thriller”, de Michael Jackson. Tal tipo de movimentação se estende a todas as ruas transversais nesse trecho que ligam a Av. Mem de Sá à Rua Joaquim Silva. As especificidades da Rua Joaquim Silva, no entanto, serão descritas no próximo item.

Este lado abriga ainda restaurantes relativamente conhecidos, tais como a Adega Flor de Coimbra, que existe há 70 anos e serve pratos portugueses (embora não possua a mesma popularidade que o Nova Capela, do outro lado), a Pizzaria Guanabara, original do Leblon e que abriu uma filial na Lapa há poucos anos, e o restaurante japonês Gohan, instalado há mais de quinze anos ali e que, como pude observar, possui um público cativo. Já na divisa da Lapa com a Glória, a movimentação noturna é bem menos intensa, ficando restrita a alguns bares específicos que são alvo do público jovem universitário, como o Bar do Alemão, que tem rock ao vivo toda sexta-feira ou o Beco do Rato, com atrações de samba. Há ainda outros botequins comuns de frequentação local e pelo menos dois bares populares com forró

ao vivo. Vale notar que deste lado estão também um dos prédios ligados à Escola de Música da UFRJ e a Sala Cecília Meirelles, há muito tempo em reforma. Outro equipamento importante deste lado e que recebe frequentadores de toda a Lapa é a ACM (Associação Cristã de Moços), entidade que oferece serviços ligados a práticas esportivas a preços moderados, além de organizar um processo seletivo para bolsistas que podem frequentá-la gratuitamente. É, inclusive, possível perceber ao andar pelas ruas da Lapa que muitas pessoas, principalmente crianças, vestem o uniforme da ACM.

Revela-se dessa forma uma cartografia particular da Lapa, na qual identifico práticas diversas, mas que se aglutinam de maneira mais ou menos coesa quando analisadas sob a ótica de classe. Entrecruzando cada uma delas, contudo, há uma série de práticas peculiares passíveis de uma investigação mais aprofundada. Dessa forma, entendo que a Lapa não pode ser tomada como um território social, mas sim como uma *territorialidade flexível* (Arantes, 2000: 107), ou seja, contextos de tempo e espaço flexíveis. O bairro pode assim ser considerado uma boa síntese do espaço urbano contemporâneo, tal como define Antônio Arantes (2000) quando escreve:

> Nesse espaço comum, que é cotidianamente trilhado, vão sendo construídas coletivamente as fronteiras simbólicas que separam, aproximam, nivelam, hierarquizam ou, numa palavra, ordenam as categorias e os grupos sociais em suas mútuas relações. Por esse processo, ruas, praças e monumentos transformam-se em suportes físicos de significações e lembranças compartilhadas, que passam a fazer parte da experiência ao se transformarem em balizas reconhecidas de identidades, fronteiras de diferença cultural e marcos de 'pertencimento' (ARANTES, 2000: 106).

O espaço urbano configura apenas uma das variáveis para compreender o processo de identificação do sujeito com a cidade, e não o único determinante. Ou seja, a dimensão espacial é concreta e indispensável para entender certos grupos urbanos. Contudo, de acordo com a discussão proposta por Perlongher é também "necessário o recurso à outra territorialidade, no nível dos códigos" (2005 [1991]: 276).

Em sua análise dos territórios homossexuais no centro de São Paulo nos anos 1980, o autor atenta para o fato de que nos estudos predominantes na sociologia urbana desse mesmo período não eram contempladas outras formas de pensar a

reterritorialização dos indivíduos no deslocamento do campo para a cidade, que não através dos códigos familiares, "normais" – por meio dos estudos de comunidade. O autor tenta evidenciar como tal processo pode ocorrer dentro da noção de *regiões morais*, apoiando-se no clássico conceito cunhado por Robert Park (1987). Perlongher, porém, marca seu distanciamento do sentido original de *região moral* ao tirar sua ênfase num espaço fixo e buscar defini-la por meio da ideia de uma "territorialidade itinerante que não se subscreve a uma fixitude residencial" (Perlongher, 2005 [1991]: 274). Perlongher pretendia com isso demonstrar que nos casos onde os indivíduos não se territorializavam na cidade através de laços de tipo comunitários, poderia ocorrer um movimento de reterritorialização, por exemplo, através da criação de códigos internos.

Tem-se assim uma complexidade de relações e situações capazes de evidenciar a organização de certos grupos no espaço urbano, as quais só poderiam ser apreendidas por meio de um jogo de olhares: distantes e aproximados. Este deve resultar em um mapeamento do lugar que leve em conta igualmente o espaço e os códigos internos, podendo inclusive conduzir a um deslocamento deste primeiro sem que se percam as especificidades das relações ali estabelecidas. O espaço, contudo, não perde a sua importância. Como atentam estes autores, deve somente ser compreendido por meio da relação estabelecida pelo sujeito e não como fator determinante. A partir desta compreensão, dei início a um exercício de aproximação das relações existentes na Rua Joaquim Silva e seu entorno.

1.5) Um ponto de vista, a vista de um ponto: a Rua Joaquim Silva.

A Rua Joaquim Silva chamou-me a atenção desde o início por representar uma espécie de radicalização do que seria o segundo lado dos Arcos, já descrito. Passei então a centralizar meus esforços em entender melhor a dinâmica local. Compartilho da ideia já proposta por outros antropólogos de que a rua pode ser pensada como "um recorte etnográfico possível para a exploração e o conhecimento da vida urbana contemporânea a partir de baixo e de dentro" (Cordeiro; Vidal, 2008: 9). Ou ainda, compreendo que:

> rua é mais que via, trilho ou caminho (...) Uma rua é um universo de múltiplos eventos e relações. A expressão "alma da rua" significa um

> conjunto de veículos, transeuntes, encontros, trabalhos, jogos, festas e devoções (...) A par de caminhos, são locais onde a vida social acontece ao ritmo do fluxo constante que mistura tudo (SANTOS; VOGEL, 1985: 24).

Sendo assim, em um primeiro momento, já tinha consciência de que se tratava de um espaço marcado pela presença de uma população pobre, bem como pelos diversos casos de assaltos e a presença do tráfico de drogas, constantemente anunciados na mídia[45]. Nesse sentido, cabe notar que durante o trabalho de campo, quando eu mencionava em diferentes contextos que meu objeto de estudo era a Rua Joaquim Silva, ouvia sempre comentários sobre como ali era "pobre", "feio" ou "perigoso". Um dos comentários mais curiosos foi, contudo, o de um rapaz músico que se referiu à rua como "Faixa de Gaza da Lapa". Alguns ainda se referiam à região como "parte baixa da Lapa" ou "baixo Lapa".

Como já mencionado, a rua situa-se em uma região da Lapa marcada pela predominância de edifícios de conjugados voltados às classes populares e também habitações coletivas, neste contexto, comumente chamadas de "cabeça de porco".[46] Cabe salientar que em toda a Lapa, mas especialmente neste lado, existem vários edifícios e sobrados funcionando como cortiços. Alguns deles foram ocupados ilegalmente há muitos anos.[47]

---

[45] Alguns exemplos de reportagens que tratam de acontecimentos que se deram na Rua Joaquim Silva são: "Polícia estoura 'boca de fumo' em bar na Lapa". O Dia online: 05/09/09; "Assalto e morte no Centro". O Dia online: 11/02/2009; "Operação da polícia prende 13 acusados de tráfico na Lapa (RJ)". Folha Online: 25/04/2003; isso dentre outras matérias.

[46] O cortiço é um dos muitos tipos de habitação coletiva que, se distinguem das moradias individuais, unifamiliares. A presença de habitações deste tipo na região central do Rio de Janeiro remonta ao final do século XIX e início do XX, quando a cidade experimentou um espantoso crescimento demográfico, conforme aponta Colaço (2007: 116). No mesmo artigo há uma sistematização dos principais trabalhos produzidos sobre a história dos cortiços no Rio de Janeiro. Durante o trabalho de campo, o nome que mais ouvi para se referir a este tipo de moradia foi "cabeça de porco". Tal termo se tornou popular na cidade devido à existência de um grande cortiço de mesmo nome, marco na história urbana do Rio de Janeiro, em razão da operação de despejo de seus moradores em 1893 (para uma reconstrução deste episódio, considerado uma "operação de guerra", ver: Chalhoub, 1996: 15-19).

[47] Um destes casos é o do prédio do antigo Hotel Bragança, situado na Avenida Mem de Sá, cuja ordem de despejo foi cumprida em Janeiro de 2010, removendo 75 famílias, sendo que algumas delas já estavam ali há cinco décadas, conforme relatam Freire & Morel (2011). Atualmente, o imóvel, cuja fachada é tombada pelo município, está à venda.

Figura 7: Fachadas de alguns dos cortiços existentes na Rua Joaquim Silva e Travessa do Mosqueira (maio de 2008).

Prevalecem ali bares, restaurantes e distribuidoras de bebidas populares. A rua possui um fluxo significativo de turistas estrangeiros em razão da presença da Escadaria Selarón[48], que a conecta ao bairro de Santa Teresa e que tem sido decorada com azulejos coloridos pelo artista plástico chileno de mesmo nome, tornando-se assim um importante ponto turístico da cidade. Na mesma escadaria, que congrega casas em seu entorno, Selarón possui um ateliê. Ele costuma passar o dia todo na Escadaria zelando por esta e convidando os turistas para conhecer seu espaço. Ali vende seus quadros e assim a escadaria constitui um chamariz para esta venda. Selarón é uma figura peculiar, usa roupas muito simples, sendo possível vê-lo muitas vezes com uma vassoura, limpando obsessivamente a escada e os azulejos.

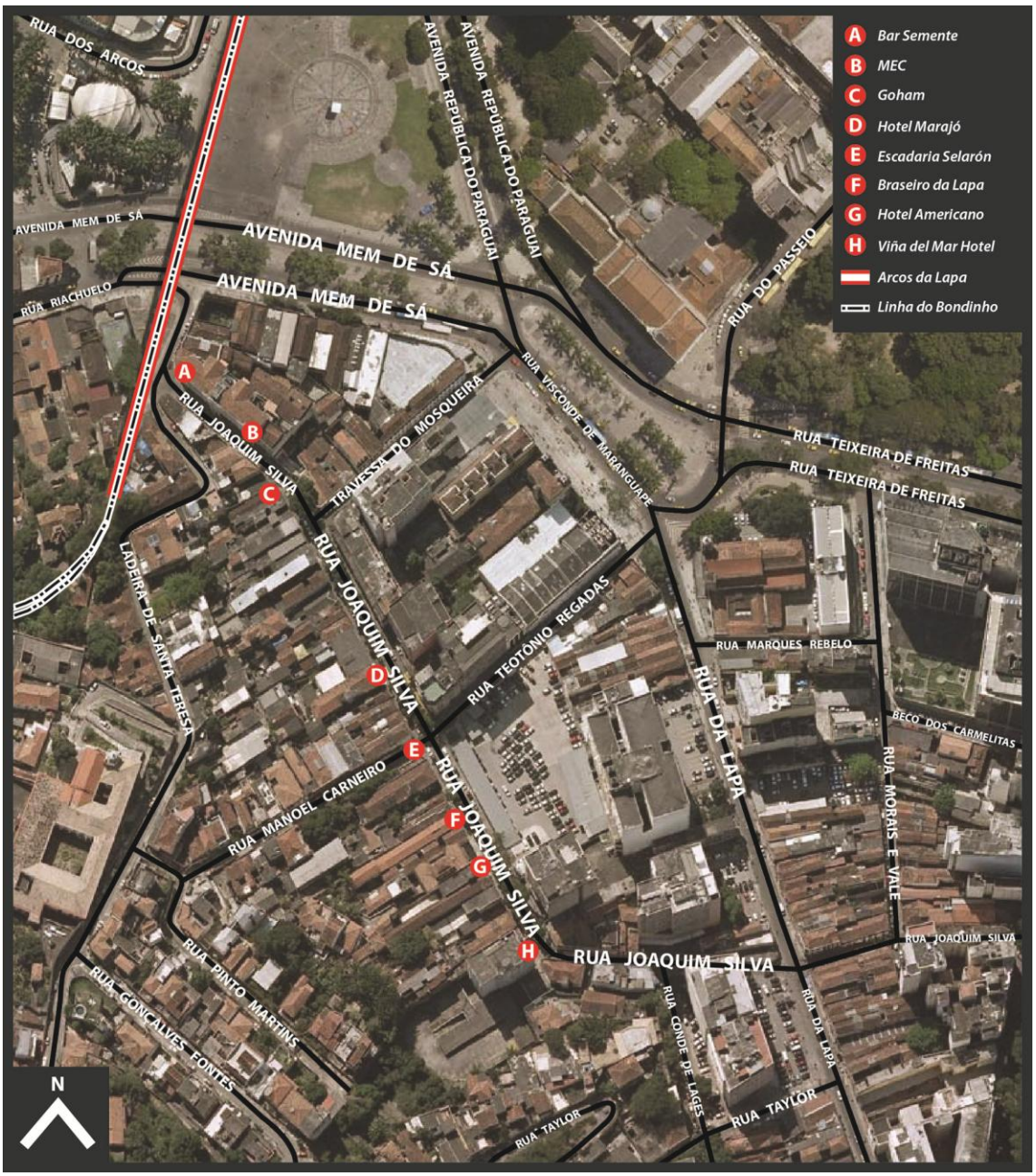
[48] A Escadaria Selarón (também conhecida como Escadaria da Lapa), que liga o bairro da Lapa ao de Santa Teresa, tem 215 degraus, todos revestidos com mosaicos de azulejos e cerâmicas coloridas. Em 1990, o artista plástico chileno Jorge Selarón, radicado no Rio de Janeiro desde 1983, resolveu iniciar a restauração da escadaria que leva ao Convento de Santa Teresa. Passou assim a decorá-la em seus 215 metros de extensão com vários azulejos provenientes de mais de 60 países. Em 2005, a Escadaria Selarón foi tombada pela Prefeitura do Rio de Janeiro e, no mesmo ano, Jorge Selarón recebeu o título de cidadão honorário do Rio de Janeiro.

Informações disponíveis em: <http://www.riofilmcommission.rj.gov.br/locacao/escadaria-selaron> (Acessado em 10/07/2011).

Figura 8: Escadaria Selarón (maio de 2008).

À noite, entretanto, sobretudo na sexta-feira, a escadaria se transforma com a ausência de Selarón e se torna um ponto de frequentação jovem, assim como boa parte da Rua Joaquim Silva. Cabe notar que a rua é paralela à Avenida Mem de Sá, uma das principais do bairro. Acima dela não há outras ruas, apenas a Escadaria e a Ladeira de Santa Teresa, que conectam a Joaquim Silva com o bairro de cima. O acesso só pode ser feito por baixo e pela Lapa[49], exceto para quem vem de Santa Teresa. As ruas que dão acesso à Rua Joaquim Silva também aglutinam distribuidoras de bebidas, bares, casas noturnas e consequentemente ficam movimentadas à noite. Tal configuração confere à rua um aspecto peculiar, especialmente nas noites de sexta, à medida que seu acesso é dificultado, de um lado, pela quantidade de pessoas na rua e, de outro, pelo encontro com o bairro de Santa Teresa, cuja geografia é bem diversa, situação que pode ser visualizada no mapa a seguir. Soma-se a isso a enorme quantidade de pessoas e camelôs na rua, o que a transforma, de fato, em um lugar muito movimentado e assinalável no cenário noturno da Lapa.

[49] No final de 2011, quando finalizava o trabalho de campo, um trecho da Rua Evaristo da Veiga, principal acesso à rua pela Lapa de carro foi fechado, permanecendo apenas o acesso para pedestres, gerando uma grande polêmica entre os moradores sobre a dificuldade do acesso de táxis, ambulâncias, entre outros automóveis, em caso de emergência.


A Bar Semente
B MEC
C Goham
D Hotel Marajó
E Escadaria Selarón
F Braseiro da Lapa
G Hotel Americano
H Viña del Mar Hotel
Arcos da Lapa
Linha do Bondinho
RUA DOS ARCOS
AVENIDA REPÚBLICA DO PARAGUAI
AVENIDA REPÚBLICA DO PARAGUAI
AVENIDA MEM DE SÁ
AVENIDA MEM DE SÁ
AVENIDA MEM DE SÁ
RUA RIACHUELO
RUA DO PASSEIO
RUA VISCONDE DE MARANGUAPE
RUA TEIXEIRA DE FREITAS
RUA TEIXEIRA DE FREITAS
RUA JOAQUIM SILVA
TRAVESSA DO MOSQUEIRA
RUA JOAQUIM SILVA
LADEIRA DE SANTA TERESA
RUA TEOTÔNIO REGADAS
RUA MARQUES REBELO
RUA DA LAPA
BECO DOS CARMELITAS
RUA MORAIS E VALE
RUA MANOEL CARNEIRO
RUA JOAQUIM SILVA
RUA JOAQUIM SILVA
RUA JOAQUIM SILVA
RUA PINTO MARTINS
RUA GONÇALVES FONTES
RUA CONDE DE LAGES
RUA DA LAPA
RUA TAYLOR
RUA TAYLOR
N

MAPA 3

Apesar de não possuir uma feira noturna organizada pela prefeitura ou ter sido fechada para passagens de carro pela mesma, a dinâmica que ali se estabelece funciona basicamente a partir dessa mesma lógica. Além dos bares, várias barracas e carrinhos se espalham entre as calçadas dos dois lados da rua – que são estreitas –, tornando a circulação de carros bastante dificultada. Existem ainda os vendedores que circulam pelo local com produtos na mão e se misturam em meio à multidão que ocupa a rua.

Os produtos oferecidos são muitos e variados: bebidas em geral, churrasquinho, caipirinha, yakissoba, mini-pizza, batata frita, artesanatos, camisetas. Há ainda todo um trecho dedicado à cultura rastafári em sua forma menos ortodoxa. Por mais ou menos dez metros a passagem na rua é feita por uma área onde se escuta somente reggae, vendem-se camisetas com temas dedicados ao cantor Bob Marley, cachimbos feitos de durepox e outros artefatos similares. E, por fim, o odor do local não deixa dúvidas sobre o intenso consumo de maconha que ali é feito.

Figura 9: Início da noite de sexta-feira na Rua Joaquim Silva (novembro de 2011).

Depois desse trecho, a movimentação na rua diminui e volta a se intensificar na esquina com a Travessa do Mosqueira, onde existe um bar com música ao vivo e novamente na altura da Escadaria Selarón. A Polícia Militar fica sempre posicionada em frente a esta, com um ou dois carros. A partir do trecho onde começa a Escadaria, a movimentação de pessoas é quase nula e depois volta a se intensificar mais abaixo, próximo à Rua da Lapa, onde existem outros bares mais movimentados, como por exemplo, o já citado Beco do Rato.

Figura 10: Na Rua Evaristo da Veiga que dá acesso à Rua Joaquim Silva, vendedores de artefatos considerados "hippies" expõe seus produtos. Já na Joaquim Silva, o grupo ligado à cultura rastafári organiza a barraca para a noite de sexta-feira (novembro de 2011).

Mais do que um microterritório, compreendi que a Rua Joaquim Silva poderia servir como ponto de partida e ao mesmo tempo como limite de minha etnografia. Não me restringi a analisar apenas as relações existentes nessa rua e seu entorno, no entanto, parti destas para compreender o bairro e as relações que o pressupunham como referência. Busquei, contudo, não me afastar muito deste espaço, compreendendo que, uma vez entrando em uma rede de relações, esta pode, em última instância, nos levar a lugares outros que já não interessam à pesquisa. Portanto, importa aqui compreender as diferentes determinações que a Lapa recebe e também emana. A Rua Joaquim Silva é um ponto privilegiado de observação, mas igualmente um ponto de vista da Lapa. Um lugar de onde se contempla o bairro, mas que, ao mesmo tempo, permite refletir sobre o próprio ponto de contemplação.

CAPÍTULO 2: DE SEGUNDA A QUINTA-FEIRA.

2.1) Conhecendo a rua.

Em 2008, quando realizei meu primeiro trabalho de campo na Lapa, a Rua Joaquim Silva já me parecia ser um lugar instigante devido à peculiaridade de sua movimentação noturna, descrita acima. Decidi então passar um dia todo ali e me hospedei no Hotel Marajó. O hotel é de propriedade de dois irmãos portugueses e funciona ao mesmo tempo como hotel e motel. Na mesma rua, o Hotel Americano e o Viña Del Mar seguem o mesmo padrão, tanto com relação ao estilo, como ao preço. Distinguem-se assim do quarto hotel da rua, o Love's House que além de ser mais popular, possui moradores fixos[50]. Na época, por exemplo, a diária no Love's House custava treze reais e no Marajó, cinquenta. A circulação na Joaquim Silva durante o dia é, por um lado, fortemente composta por moradores da região, já que a rua não é passagem obrigatória para acessar nenhuma das vias mais importantes do bairro. Por outro lado, há uma frequentação turística do local, gerada pelas visitas à Escadaria e até outras mais inusitadas, tais como o uso da rua e, sobretudo da Escadaria, para filmagens diversas[51]. Na primeira ocasião em que me hospedei ali, por exemplo, assisti a parte das gravações do filme hollywoodiano "Hulk 2"[52], que tiveram lugar na

[50] O hotel Love's House possui certa visibilidade para além do contexto da rua, pois já foi utilizado como local de uma exposição de arte, feita em 2001, na qual treze artistas ocuparam os treze quartos do hotel com suas instalações. A exposição durou pouco mais de uma semana e em seguida foi documentada em livro com textos e fotografias: "Love's House" (Andrade, 2002). Apesar disso, segue ainda hoje exercendo a mesma finalidade e nos mesmos moldes. O uso da rua por artistas, no entanto, segue presente, sendo que alguns ateliês de fotógrafos estão hoje instalados ali, tais como o Barracão de Imagens e o Coletivo Joaquim 71.

[51] A mais emblemática destas talvez seja o videoclipe do *rapper* estadunidense Snoop Dogg ("Beautiful ft. Pharrell"), de 2003, cuja gravação foi toda feita na cidade do Rio de Janeiro e boa parte na Escadaria Selarón. A Escadaria hoje faz parte da lista de locações oferecidas pela Rio Film Comission (órgão formado pela Secretaria de Estado da Cultura em parceria com a Rio Filmes, do governo municipal, para facilitar o uso de locações na cidade para filmagens estrangeiras).

[52] A filmagem feita na Rua Joaquim Silva consistia na gravação de uma cena de briga dentro de um bar entre o próprio Hulk, interpretado pelo ator Edward Norton, e um dos vilões enfrentados por ele ao longo do filme.

rua e na Escadaria, além de outras locações na cidade do Rio de Janeiro.

Figura 11: Entrada do Hotel Love's House, ao lado da Escadaria Selarón, em dia tranquilo na rua (novembro de 2008).

Além dos cortiços, bares e outros estabelecimentos comerciais, notei que a rua, na época, abrigava também alguns locais passíveis de uma aproximação mais detida, tais como um projeto social ligado ao Circo Voador que oferecia cursos de idiomas e computação, um pequeno restaurante de culinária natural, uma rádio comunitária chamada Rádio Madame Satã, além de uma associação de moradores, situada não exatamente na Rua Joaquim Silva, mas muito próxima desta, na Rua Theotônio Regadas. Algumas destas aproximações tiveram importante rendimento no desenvolvimento da pesquisa conforme relato a seguir.

Na associação de moradores, realizei uma entrevista informal com o presidente, Hélinho, e outros moradores que também estavam ali no momento. As falas destes interlocutores chamavam a atenção principalmente para um descaso com relação ao lado da Lapa em que a associação estava. Tal condição agravava-se com a ocupação noturna do bairro, sobre a qual, para eles, haveria regulação apenas do outro lado, referindo-se àquele lado como "para lá dos Arcos". Enquanto isso no lado deles, "para cá dos Arcos", a situação irregular de vendedores ambulantes, de som alto e de pessoas urinando e usando drogas nas ruas, ainda prevalecia. Uma das frases mais marcantes que ouvi nessa conversa foi de Seu Hélinho: "Aqui não é a Lapa da boemia, é a Lapa da baderna, isso sim!"[53]

Já no projeto social, a primeira pessoa com quem tive contato foi Dagmar, que era coordenadora na época. Ela explicou que o projeto era um dentre outros financiados pelo Circo Voador.[54] Em parceria com a Microcamp (escola privada de informática e idiomas), o Circo, como é popularmente conhecido, era o responsável pela manutenção do MEC – Movimento de Educação e Cultura –, instalado na Rua

[53] Como se tratou de uma rápida ida a campo, não pude, nessa época, aprofundar meu contato com os membros da associação, tampouco compreender o alcance e o tipo de representatividade exercido por ela. Apesar disso, tive a impressão de que se tratava de algo mais ligado aos moradores da segundo lado, ou seja, "para cá dos Arcos", como eles mesmos disseram.

[54] O Circo tem também uma creche, chamada Creche-Escola Brincar e Aprender, na Rua André Cavalcanti e um projeto intitulado ELA (Escola Livre de Artes), no próprio espaço da casa de shows.

Joaquim Silva desde outubro de 2007.[55] A princípio, a ideia era que o projeto atendesse apenas aos moradores da região, porém, desde o início houve procura por pessoas de diferentes áreas da cidade e estas foram igualmente aceitas nos cursos, apesar da maioria dos alunos ainda serem residentes da Lapa.

Sobre a escolha da casa na Rua Joaquim Silva para sediar o MEC, Dagmar afirmou que a localização se devia ao fato de a rua abrigar uma população carente deste tipo de informação. Marlene, secretária que estava na mesa ao lado, acrescentou a informação de que a escolha do local teve igualmente relação com a possibilidade de usar aquela casa, que foi doada pelo governo do estado do Rio de Janeiro, para que o Circo Voador instalasse ali o projeto.

No momento da entrevista, o projeto existia há menos de um ano, mas já era considerado pela coordenadora um sucesso. Para ela, havia um cuidado por parte dos moradores com as instalações, para que nada fosse depredado ou, por exemplo, para que não se deixasse nenhum som em volume alto na rua que pudesse atrapalhar as aulas. Além disso, ela disse ter ficado surpresa com o grau de seriedade com o qual os alunos encaravam os cursos. Relatou que todos eles apareciam sempre bem arrumados às aulas e portando todo o material necessário. Eram ainda muito comprometidos com relação à presença, justificando sempre que precisassem faltar. Um caso frequente, disse Dagmar, era a ausência ocasionada pelas visitas que as mulheres faziam aos maridos em unidades prisionais, situação bastante comum naquele contexto. A coordenadora ainda chamou atenção para o fato de que o projeto também intencionava que a casa se tornasse um espaço de socialização para a população local, funcionando como área de lazer. Disse ainda que Marlene, secretária e moradora da rua, vinha pensando em algumas atividades para desenvolver ali.

Marlene, que entrou por acaso na conversa, acabou tornando-se minha segunda entrevistada no MEC, devido à sugestão feita por Dagmar, já que a secretária do projeto vivia no bairro há mais de 50 anos. Conversei longamente com esta senhora. Ela me contou que viera do Maranhão para o Rio de Janeiro ainda muito jovem, tendo se estabelecido inicialmente como manicure, tornando-se em seguida camelô, sempre

[55] Atualmente, o nome do projeto conforme consta no *website* do Circo Voador não é mais MEC, e sim, Estação Joaquim Silva. No contexto da rua, entretanto, a maioria das pessoas refere-se ao lugar como "escola". Ao longo do texto, contudo, referir-me-ei ao espaço como MEC e projeto social. Ver: <http://www.circovoador.com.br/#/cursos> (Acessado em 23/05/2012).

na Lapa. Além disso, já naquele momento a fala de Marlene e as interrupções de pessoas passando pelo projeto a procurando mostraram que se tratava de alguém fortemente envolvida com a população local. Mais à frente, ela própria mencionou que era uma "líder" entre os moradores. Apreciava o trabalho feito por Helinho na associação de moradores, outra "liderança", de acordo com ela.

Ela relatou ainda que havia deixado de trabalhar como camelô devido ao crescimento de tal movimentação na Lapa nos últimos anos e, consequentemente, da desordem e problemas gerados por isso. Passou então a trabalhar como secretária do MEC a convite de Maria Juçá, administradora do Circo Voador. Segundo ela, boa parte dos moradores locais, naquele momento, trabalhava como ambulante ao menos na sexta-feira à noite, dia de maior movimentação na Lapa.

Estas três entrevistas relatadas permitiram captar uma dinâmica do bairro enunciada pelos próprios interlocutores, na qual identifiquei alguns pontos centrais. Em primeiro lugar, a existência de dois lados ao redor dos Arcos era igualmente acionada pelos membros da associação e, de alguma maneira, também pela coordenadora do projeto quando identificava naquela região da Lapa uma situação de carência e falta de recursos. Com o crescimento da vida noturna no bairro, havia pouca regulação por parte do poder público, como também apontavam empresários, produtores culturais ou mesmo pesquisadores. A diferença é que havia um entendimento de que isso acontecia de forma mais problemática do "lado de cá dos Arcos". E mesmo Marlene, que não acionava a polaridade entre o "lá" e o "cá", falava sobre a falta de regularização nesse caso, não apenas do ponto de vista dos moradores, mas também daqueles que trabalhavam como camelôs nas ruas dos bairros.

Esta situação esclarecedora é um ponto de partida importante para este capítulo à medida que, como já demonstrado, o bairro costuma ser tratado em várias ocasiões como um local "onde não mora ninguém". É evidente que nesse discurso que busca definir a Lapa como um local "abandonado" está implícita a ideia de abandono não no sentido demográfico, mas com relação a moradores dotados de algum poder aquisitivo significativo. Trata-se aqui, como deixa claro a fala da coordenadora do projeto, de uma população pobre e ligada a atividades informais (como o trabalho de camelô) ou até ilegais, dado o alto número de mulheres cujos maridos estão presos. Frente à situação de mudanças vividas no bairro, é pertinente perguntar sobre quais seriam as especificidades da Rua Joaquim Silva e seu entorno. De que maneira os agentes aqui

mencionados, sejam eles moradores, trabalhadores ou frequentadores, se situam com relação ao bairro e à própria rua?

Estas entrevistas foram realizadas em um período de pré-campo, no qual passei apenas dez dias na cidade. Quando retornei definitivamente em 2011, a associação não existia mais, apenas o projeto social do Circo Voador.[56] Apesar de ter passado por lá nos anos anteriores e ter realizado outro pequeno campo em 2010, não havia feito um investimento específico nessa rua novamente. Na pesquisa de mestrado, este era um dos objetivos colocados: retornar à Rua Joaquim Silva e enfrentar as questões colocadas por agentes deste contexto já na primeira abordagem.[57]

*

Decidi procurar por Marlene, a secretária, no início de 2011. Pensei em oferecer trabalho voluntário no MEC. Em troca eu poderia entrar em contato com os moradores que faziam os cursos ali. Fui ao projeto social no mês de fevereiro e o local estava fechado para reforma. Perguntei a um senhor que estava trabalhando ali perto sobre Marlene e ele me conduziu até sua casa, que até então eu não sabia, mas localiza-se logo em frente ao MEC.

Marlene vive em um cortiço[58], estabelecido em um antigo sobrado. Na época da entrevista, ela já havia me dito que se tratava de uma "invasão", em seus próprios termos.[59] Nesse dia, quando entrei ali, ela usava uma máscara de pepino no rosto e fazia as unhas com uma amiga. Recebeu-me de maneira um pouco apressada, mas

---

[56] Soube depois que o fim da associação se deu com a mudança de Helinho, o presidente, para outro bairro. Aparentemente, nenhum outro morador se dispôs a cumprir a função exercida por ele.

[57] Cabe notar que quando formulei o projeto de mestrado, a proposta inicial era estabelecer uma espécie de comparativo entre a Rua Joaquim Silva e a Rua do Lavradio, o que se reformulou frente às descobertas etnográficas posteriores.

[58] É evidente, no entanto, que no caso de Marlene, ela se refere a este espaço como "minha casa". Concluí que era um cortiço por se tratar de uma habitação coletiva e por ter visto outros moradores referirem-se ao sobrado em que ela vivia como "cabeça de porco", tal como a maioria dos outros na rua.

[59] Em uma ocasião, no entanto, ofereceram-me a possibilidade de alugar um quarto ali, processo este que seria arranjado através de uma figura referida como "senhorio". Descobri então que muitos dos "proprietários" de cômodos neste cortiço acabavam por locar seus espaços a terceiros, indicando que, ainda que de maneira diversa, o cortiço, mais do que um tipo precário de moradia, segue sendo uma forma de negócio, conforme apontam Ant & Kowarick (1994: 76) com relação a esta atividade já no início do século XX em São Paulo.

muito receptiva. Eu disse que estava interessada em continuar a pesquisa na rua, queria conhecer mais moradores e perguntei se o projeto precisava de alguém para trabalhar em qualquer função. Ela prontamente me respondeu que careciam de professores de inglês. Eu já havia dado aulas de inglês por dois anos e me sentia plenamente segura para desempenhar a atividade. Aceitei imediatamente e ela me informou que as aulas começariam depois do carnaval. Marlene pediu ainda que eu voltasse na semana seguinte para conversar com a coordenadora e acertar os detalhes. Uma semana depois encontrei com Débora, que atualmente coordena o projeto. Ela me explicou como seria minha participação e me perguntou quantas turmas eu poderia assumir. Propus-me a ficar com duas, às terças e quintas-feiras.[60]

Percebi logo de início que o projeto atuava de maneira relativamente precária. Apenas dois professores, sendo um de informática e outro de inglês, eram pagos através do convênio com a Microcamp. Os demais eram voluntários. Débora, Marlene e Bira (espécie de zelador "faz-tudo") eram funcionários contratados pelo próprio Circo Voador. Como o repasse de verba muitas vezes não era suficiente, os alunos davam em algumas ocasiões uma pequena contribuição em dinheiro e pagavam pelas cópias do material didático. O valor da contribuição era, contudo, sempre negociável de acordo com a disponibilidade de cada um.

É importante esclarecer que a ideia de que o projeto funciona de maneira precária e faltam investimentos e interesse por parte do Circo Voador é uma opinião formulada por mim. No entanto, como já demonstrava a fala de Dagmar, antiga coordenadora, pude comprovar que na visão dos interlocutores (alunos e outros moradores), o projeto é visto como uma importante benfeitoria feita pelo Circo Voador para aquela população. Esta é também a imagem que aparece na própria divulgação do projeto na página do Circo na internet[61] e, do mesmo modo, o que exprimiu Maria Juçá em uma recente entrevista para o canal de televisão Globo News[62]. Nesta, ela mencionou a existência da creche e do MEC, referindo-se a eles como "projetos sociais enormes", ressaltando ainda que a "atividade social" do Circo é "muito

[60] Nesse dia aproveitei para explicar-lhe que não trabalhava formalmente como professora de inglês e sim como estudante de mestrado, e que estava interessada em fazer contato com moradores devido ao tema de minha pesquisa. Ela não apresentou nenhuma objeção à proposta.

[61] Ver: <http://www.circovoador.com.br/#/cursos> (Acessado em 23/05/2012).

[62] A entrevista foi ao ar no dia 24 de janeiro de 2012 em um programa da emissora chamado "Em Pauta", onde foi discutida a comemoração de 30 anos do Circo Voador e sua importância na cidade.

grande", sendo, por sua vez, bancada pela "atividade cultural", ou seja, os shows que a casa oferece.

Os problemas e conflitos gerados em razão da gestão do projeto foram muitos ao longo do tempo em que permaneci ali[63]. No entanto, não penso que explicitar estas situações seja relevante para o desenvolvimento da etnografia. Cabe, todavia, assinalar a existência destes para que fique mais claro como funcionava este projeto no qual me inseri[64]. Levando isso em conta, os desdobramentos desta experiência serão descritos neste capítulo.

2.2) Citadinos, situações, histórias de vida e redes de relação.

Antes de adentrar na descrição do trabalho etnográfico realizado na Rua Joaquim Silva, quero ressaltar a importância de alguns conceitos no desenvolvimento da pesquisa. Um deles é a noção de *citadino*, proposta inicialmente pelos teóricos da Escola de Chicago e recuperada por autores contemporâneos tais como Michel Agier (2008, 2011) e Isaac Joseph (2005 [1998]). Com base na clássica noção *simmeliana*, a figura do citadino seria aquela que estabelece na cidade relações de proximidade e distância com outros citadinos. Frúgoli Jr. ressalta ainda que:

> Ele não se reduz à figura do transeunte, mas como aponta Isaac Joseph (1944-2004), tampouco coincide obrigatoriamente com a do cidadão (embora possa vir a assumir tal condição) (FRÚGOLI JR., 2007: 7).

Ao retomar criticamente tal noção, Michel Agier (2011: 62-65) compreende que o grande equívoco dos estudiosos da Escola de Chicago foi terem transformado a figura do citadino em um estrangeiro absoluto. Tratava-se de uma radicalização da

[63] Estes se referiam, principalmente, aos problemas gerados pela falta de verba. Isto se refletia na falta de material básico, manutenção da estrutura da casa e dos equipamentos, sem contar certa falta de preparo para receber os voluntários.

[64] Não pretendo enquadrar estas ações sociais em alguma categoria específica que defina quais práticas são essas exercidas no âmbito do projeto (isto é, se são filantropia ou caridade, entre outras). Como pontua Jessica Sklair (2010), este é um campo extenso de possibilidades e debates e se, por um lado, há em todas as ações desse tipo uma ideia de "participação do cidadão" com relação aos problemas sociais, por outro, parece mais importante iluminar as "diferentes preocupações, interesses políticos e estruturas organizacionais dessas diversas formas de ação social" (Sklair, 2010: 31).

própria ideia do estrangeiro de Simmel (1983), constituído como um estrangeiro relativo. Agier, portanto, levanta a possibilidade de circunscrever, cercar esse indivíduo e assim não abandonar a figura do *citadino* nas pesquisas urbanas. De acordo com o autor, o ponto de vista regional pode ser útil nesse sentido. Ele evoca criticamente a ideia de *região moral* também proposta pelos pesquisadores da primeira geração da Escola de Chicago. Busca, porém, analisá-la não em termos de um espaço marcado por "vícios" ou marginalidades mas sim pela possibilidade oferecida por tal noção de se entender quais seriam as características e identidades atreladas a um bairro, por exemplo, quando visto de fora, supondo como referência toda a cidade.

Tal concepção deve estar sempre combinada com aquela que permite visualizar que tais identidades são somente relativas e que existe outro referencial visto de dentro, mais ligado ao movimento costumeiro da antropologia, ao qual o autor almeja chegar através das noções de *situação* e *rede*. Dessa maneira, a proficuidade de tais conceitos deve-se ao fato de que permitem jogar com diferentes identidades atribuídas sobre um lugar e registrar a maneira pela qual o mesmo é definido por diversos atores, não fixando às identidades um julgamento rápido, nem de um lado, nem de outro (Agier, 2011: 65).

Por essa razão, uma análise de diferentes *situações sociais*[65], definidas através das relações que pude estabelecer com determinados *citadinos*, tornou-se crucial no desenvolvimento do trabalho. Pensar em uma perspectiva situacional, como recuperada por Agier (2011: 73) a partir de Clyde Mitchell (2010 [1987]), significa considerar a existência de um contexto no interior do qual certas relações se dão *(setting)*. E do mesmo modo deve-se ressaltar a noção de sentido compartilhado (*sens partagé)*: no nível da definição cognitiva deve haver uma percepção social e não

[65] A noção de *situação social* já foi discutida por uma série de autores na antropologia, tais como Max Gluckman (2010 [1987]), cujo texto sobre a inauguração da ponte na Zululândia moderna é um dos mais célebres exemplos de uso desse conceito. O autor entende que analisar uma única situação vivida em campo não só resolveria a questão de levar a sério e expor o material etnográfico recolhido durante a pesquisa – pois implicaria uma descrição detalhada de determinado evento, isolando os aspectos mais importantes –, como também poderia apontar para um entendimento do contexto total daquela sociedade, ainda que constituída de forma plural. Tal noção é também discutida por outros autores clássicos, como Clyde Mitchell (2010 [1987]) e E.E Evans-Pritchard (2005). Mais recentemente foi retomada criticamente por Ulf Hannerz (1980) e Michel Agier (2011) e será trabalhada aqui a partir destas abordagens.

individual daquela dinâmica. Assim, cada situação permite entrever a estrutura que está presente por trás desta e não somente iluminar casos específicos e isolados.

Considero ainda a importância assumida aqui pelas *histórias de vida* ou do "fazer biográfico" [66]. Isso porque, por meio desta abordagem, que situa o agente no mundo, torna-se mais plausível encontrar sentido para as situações por eles vividas. Concordo, desse modo, com Suely Kofes (2004), quando aponta que:

> Não é o indivíduo o que a biografia (ou a história de vida) revela. A biografia, assim pensada, pode revelar inflexões, diferença e, portanto, alteridade. Desta perspectiva, biografia e etnografia compartilham a possibilidade de mostrar a presença dos constrangimentos sistêmicos e, simultaneamente, suas fraturas (KOFES, 2004: 14-15).

Entendo que este movimento nunca pode estar desvinculado do primeiro citado. Isto é, o *citadino*, analisado por meio de sua *biografia*, deve igualmente ser localizado em alguma *situação* específica, ou ainda, em uma rede de relações. Gabriel Feltran (2011), em sua etnografia na periferia paulistana, pondera acertadamente sobre o uso de tal método quando diz:

> as redes de relações dos indivíduos foram exploradas ao máximo, já que a intenção da pesquisa nunca foi elaborar biografias, mas contextualizar as trajetórias estudadas em torno das experiências, mais amplas, nas quais elas se inseriam (FELTRAN, 2011: 44).

Ou ainda, como chama atenção Agier, um passo fundamental no trabalho do antropólogo urbano é quando este:

> se apoia sobre as diferentes situações para 'ver' e 'seguir' as redes sociais que operam 'in situ'. É nesse momento que ganha todo o sentido o princípio da articulação das situações nas vidas dos citadinos, que permite reconstruir a coerência das redes em diferentes ocorrências da vida urbana

[66] Para uma distinção entre os conceitos de trajetória, história de vida e biografia, cf. Kofes (2004). Optei por usar *biografia* e *histórias de vida* quase como sinônimos. Conforme aponta Kofes, entendo que o conceito de *trajetória* está muito vinculado à discussão de Bourdieu sobre o tema, já alvo de uma série de críticas, na qual o que importa "é o deslocamento do ator no espaço social" (2004: 10).

(AGIER, 2011: 77-78).

A descrição que se segue abaixo é baseada em atividades que pude desenvolver quando me inseri no projeto social e, mais do que isso, quando passei a realizar trabalho de campo cotidianamente na Lapa. A partir daí, tomei contato com vários citadinos e suas histórias de vida, observei situações e passei a articulá-las, na medida do possível, em redes de relações.

Divido este relato, por fim, em três momentos, ou melhor, três pontos de vista de compreensão do bairro. O primeiro deles, "Da sala de aula", trata dos interlocutores que conheci por meio das aulas que dei no projeto social. São moradores e frequentadores da Lapa através dos quais pude apreender diferentes significados e relações construídas com o bairro. Em um segundo momento, intitulado "Da cadeira de Marlene", parto do período que antecedia minhas aulas no MEC, quando me sentava em frente ao local do projeto em uma cadeira que a própria Marlene deixava ali para que as pessoas se sentassem ao seu lado, algo que eu fazia todas as terças e quintas. A partir daí, desenvolvo minha relação com esta senhora e narro situações que vivenciei em sua presença. "Do bar do Alemão", o último ponto desenvolvido nessa parte, trata do trânsito que fiz pelo bairro ao longo dos dias de semana, considerando meu próprio circuito e de meus conhecidos que também viviam na região. Um dos lugares que passo a observar a partir disto é o Bar do Alemão, através do qual acompanhei, do início ao fim, um evento ligado a jovens músicos do circuito de jazz e as peculiaridades das relações travadas por eles com esta região da Lapa.

2.3) Da sala de aula.

Os alunos

No dia 17 de março de 2011 dei início às aulas e me apresentei às duas turmas contando um pouco de minha trajetória – a maioria deles estava bastante interessada em saber como eu havia aprendido inglês. Ao final dessa primeira explicação, tentei comentar rapidamente sobre o curso de mestrado, dizendo que era na área de antropologia, sendo em seguida confrontada com muitas caras de interrogação. Após tentar explicar genericamente do que se tratava, contei-lhes que minha pesquisa era sobre a Lapa. Foi interessante notar que na primeira turma isso não gerou nenhuma

reação no grupo de quase quinze alunos, bastante variado em termos geracionais. No entanto, na segunda turma, um pouco mais cheia, mas composta da mesma forma, fui rapidamente interceptada por uma aluna: “mas o quê da Lapa?” Expliquei a proposta inicial de comparação entre as duas ruas: Rua do Lavradio e Rua Joaquim Silva. A mesma aluna então reagiu dizendo: “ah, são muito diferentes!”, sendo em seguida interrompida por outra que disse “não é não, porque as duas têm comércio”, gerando um grande burburinho e discussão entre todos.

Após a minha apresentação, pedi para que eles se apresentassem dizendo o nome, onde viviam, o que faziam e porque queriam aprender inglês. Reparei que a maior parte deles vivia na Lapa e, sobretudo, nas ruas próximas à Rua Joaquim Silva (Ladeira de Santa Teresa, Rua Taylor, Avenida Augusto Severo, para citar algumas, além da própria Rua Joaquim Silva). Outros vinham de diferentes regiões da cidade, porém trabalhavam nas proximidades. As respostas sobre porque gostariam de aprender inglês eram relacionadas principalmente às questões profissionais ou, em alguns casos, como para os idosos, porque sempre tiveram vontade e ainda não tinham conseguido. Já os mais novos, era porque não tinham aulas de inglês na escola ou no caso dos que tinham, consideravam (ou os pais consideravam[67]) o ensino bastante fraco. Nas duas turmas surgiu ainda uma resposta bastante recorrente que consistia basicamente em dizer que como o Rio de Janeiro iria receber os Jogos Olímpicos em 2016, eles queriam estar preparados para desempenhar alguma atividade.

No momento das apresentações, Ana, que tinha reagido à minha explicação sobre a pesquisa dizendo que ambas as ruas tinham comércio, contou que é comerciante, vende bolsas de confecção própria no que denominou ser seu “ateliê”, na Ladeira de Santa Teresa. É também expositora na já citada Feira do Rio Antigo, na Rua do Lavradio. Além de Ana, outros que também trabalham no bairro tinham as seguintes atividades: Júlio, camelô[68]; Luís, porteiro de um edifício no centro, mas também sócio do irmão em um bar na Rua Joaquim Silva; Fernando, varredor da COMLURB (Companhia Municipal de Limpeza Urbana do Rio de Janeiro); Maria de Lourdes, merendeira de uma escola municipal e Patrick, músico.

---

[67] Seis entre os mais novos estavam acompanhados pelos pais, que também faziam o curso.

[68] Júlio é camelô de “caixinha”, um tipo bastante comum na noite da Lapa. São vendedores que penduram uma caixa de madeira no pescoço e nela vendem cigarros, isqueiros, doces e chocolates em geral.

Sobre a rua

Em muitos momentos de interação com eles, especialmente após as aulas, as representações que estes possuíam sobre a rua se tornavam mais claras. Em uma destas ocasiões, eu saía do espaço do projeto junto a Fernando e passávamos ao lado dos Arcos da Lapa, em geral ocupados por meninos, moradores de rua e outro tipo de camelô bastante comum neste lado da Lapa, os "rastas". Conforme descrevi anteriormente, estes estão presentes massivamente na rua na noite de sexta-feira. Vendem objetos tais como brincos, pulseiras e anéis considerados "hippies". São, em geral, jovens e se caracterizam pelos cabelos que normalmente são iguais aos típicos das religiões rastafári, com *dreadlocks.* Trabalham, na maior parte das vezes, sozinhos ou junto a um pequeno núcleo familiar: mulher e filho(a). Além das noites de sexta-feira, costumam expor seus objetos ao redor dos Arcos também nos outros dias da semana. No dia em que passávamos ali, Fernando começou a me puxar pelo braço para irmos para o outro lado da calçada. Quando perguntei o que estava acontecendo, ele disse que eu deveria andar mais longe dos Arcos e tomar mais cuidado ao passar por ali, pois era "perigoso"[69].

Fernando me contou que um dia caminhava com um amigo quando um homem veio ameaçá-los com uma garrafa de cerveja quebrada. Ele então parou e falou para o homem: "Você não está me reconhecendo não, cara? Eu sou gari, passo aqui todo dia, me respeita!" e o rapaz foi embora. Cabe notar que Fernando vive na zona norte da cidade, mas trabalha como gari no centro. No final da aula seguinte, estávamos novamente conversando na saída e ele retomou o assunto dizendo que não pretendia me preocupar e sim me alertar quando falou sobre o perigo de passar por ali. Introduziu Ana na conversa, dizendo: "Não é, Ana, melhor tomar cuidado para passar ali perto dos Arcos?" Ana respondeu que sim, também achava perigoso. E eu perguntei: "até você que trabalha ali do lado?" (pois como já dito, o local de confecção

[69] Cabe esclarecer que apesar de conhecer as narrativas que classificam aquele trecho do bairro como perigoso, eu, de alguma maneira, me sentia protegida por estar ali todos os dias. Ainda que considerando as significativas diferenças entre um bairro no centro e outro na periferia, penso que vivenciei uma sensação próxima daquela apontada por Alba Zaluar (1994 [1985]) em seu trabalho de campo na Cidade de Deus, quando escreve que: "estar ali dentro (...) era até certo ponto uma garantia de minha integridade física. Pois se eu estava ali era porque conhecia gente do local. Tinha imunidades sociais e morais" (Zaluar, 1994 [1985]: 10 -11).

de suas bolsas fica na Ladeira de Santa Teresa). Ela então respondeu: "É porque aqui tem muito vagabundo novo que não conhece a gente, então tem que passar dizendo 'eu sou da Lapa'!".

Outra situação, no entanto, revelou uma faceta bastante distinta dessa enunciada por Ana e Fernando. Em uma ocasião, Ana se atrasou em um dia que haveria prova do curso de inglês. Eu já sabia o motivo do atraso, pois Marlene havia me informado quando perguntei sobre sua ausência. Ela me contou que, na noite anterior à prova, a filha de Ana que mora na rua havia tido uma briga terrível com o marido e todos tinham escutado. O episódio culminou com o esfaqueamento do rapaz, embora sem ferimentos graves. Por isso, Ana havia levado a filha para a casa de parentes no interior do estado, temendo que o marido tentasse se vingar. Quando chegou ao MEC, Ana contou a história com mais detalhes e Marlene se aproximou para também ouvir e comentar o episódio. As duas disseram que várias pessoas da rua interviram na briga, inclusive os "rastas", o que pareceu bastante surpreendente para ambas. Em geral, eles não são muito bem vistos pelos moradores com quem tive contato, também porque não permanecem ali muito tempo e assim acabam sendo considerados, como assinalou Ana, "vagabundos novos". Na percepção de Ana, tal atitude foi inusitada, pois não esperava deles qualquer tipo de ajuda, apesar de não ter dito claramente se os acha perigosos ou não, como apontou Fernando.

Tal imagem que constitui a Rua Joaquim Silva como "perigosa" é recorrente entre pessoas que a frequentam, mas não vivem ali. A noção de "perigosa", contudo, acaba se unindo a outras, compondo certo estigma que paira sobre a rua. Há, por um lado, uma experiência prática que organiza estas ideias: não são poucos aqueles que viveram casos de violência no local. Por outro, há de se chamar atenção para aquilo que Teresa Caldeira (2003) consagrou como a "fala do crime"[70] que circula e alimenta estas ideias para além do vivido.

Nesse sentido, em outra situação, saía um dia da aula com um grupo de alunos que discutia a possibilidade de realizarmos uma confraternização da turma. Fernando

[70] A autora diz: "A fala do crime alimenta um círculo em que o medo é trabalhado e reproduzido e no qual a violência é a um só tempo combatida e ampliada. (...) A fala e o medo organizam as estratégias cotidianas de proteção e reação que tolhem os movimentos das pessoas e restringem seu universo de interações" (CALDEIRA, 2003: 27).

queria resolver onde seria a comemoração e deu início à discussão dizendo: “Para mim pode ser em qualquer lugar, menos aqui!”, referindo-se à Rua Joaquim Silva. Eu perguntei o porquê, ele balançou a cabeça e disse titubeando: “ah, não sei, acho que aqui é um pouco sujo”. Outra aluna que estava conosco concordou e disse que não queria ir em “boteco”, mas sim em um “lugar chique”. Fernando então sugeriu um restaurante do outro lado do centro, mas todos acharam muito longe. Ela sugeriu algum bar na Avenida Gomes Freire, ainda na Lapa, porém do outro lado dos Arcos e, por fim, houve acordo.

Vale notar que em inúmeras ocasiões encontrei com estas pessoas, após o término da aula, sentados em bares na própria Rua Joaquim Silva. Pode-se dizer que em se tratando de uma ocasião especial, é plausível que eles não quisessem realizar a reunião ali, em um local ordinário. Todavia, é sugestiva a ideia de que para Fernando tal rua seja vista como “suja”, além de “perigosa” e, ainda assim, seja um local central de suas práticas cotidianas, como trabalho e estudo. Há que se considerar que “não há sujeira absoluta, ela existe aos olhos de quem a vê” (Douglas, 1976: 13). Ao atrelar sujeira e perigo, Fernando nos fornece dados suficientes para sugerir, com base na clássica obra de Mary Douglas (1976), que o que ele encontra na Rua Joaquim Silva é desordem. Um espaço que ele não consegue classificar, pois é, ao mesmo tempo, lugar onde confraterniza com seus amigos, trabalha e estuda. Mas é igualmente um polo de concentração de moradores de rua, lugar constante de assaltos e tráfico de drogas. Ainda que passe por ali todos os dias, insiste em dizer que a rua lhe dá medo, é perigosa.

Sobre a Lapa

Em outras ocasiões surgiram em nossas conversas representações sobre o próprio bairro acionadas pelas falas desses interlocutores. Luís, que é porteiro e sócio do irmão em um bar na rua, um dia me perguntou se eu estava gostando de morar naquela região da cidade (pois eu vivia em Santa Teresa, bairro vizinho à Lapa). Quando respondi que sim, ele seguiu comentando que o local era “realmente muito bom, impossível não gostar”. Enumerando uma série de fatores para comprovar seu ponto de vista, disse: “aqui tem uma praia maravilhosa, que é a praia do Flamengo, tem o MAM [Museu de Arte Moderna que fica no Aterro do Flamengo], tem o Circo Voador, onde eu trabalhei”. No meio de sua fala, no entanto, ele mesmo pausou e

disse: “isso eu estou dizendo o que tem de bom para todo mundo, né, não o que tem para mim”. A partir de seu comentário, perguntei-lhe em seguida: “mas então para você o que tem de bom?”, e ele respondeu: “ah, tem uma vida”. Acredito que Luís tenha acionado certas representações da região por estar em minha presença, pensando que aqueles fossem elementos valorizados por mim. Ele mesmo, contudo, ao final deixou claro que aqueles lugares não faziam parte de sua relação com o bairro, com exceção do Circo Voador, onde trabalhou.

A história de vida de Luís está fortemente vinculada à Lapa. Apesar de não residir ali atualmente, ele passou a vida toda no local e se mudou para a Saúde, na zona portuária, apenas depois de casado. Durante o trabalho de campo, tive a oportunidade de conhecer também seu pai, o Seu Nequinha, antigo morador da região. Fui apresentada a este senhor primeiro como professora e, em seguida, como alguém que estava fazendo uma pesquisa sobre o bairro. Luís mencionou que seu pai seria a pessoa “mais adequada” para me ajudar com a pesquisa. Seu Nequinha logo me disse: “sou o mais antigo aqui. Para falar a verdade, tem um mais antigo que eu, que mora ali na Escadaria, mas depois dele sou eu e tem também a Dona Marlene que está aqui há muitos anos”. E logo emendou: “Aquele cara, sabe aquele ‘viado’ – e eu disse: “Madame Satã?” –, “é, esse mesmo, você viu o filme?”– digo que sim –, “eu conheci ele, estava sempre por aqui, ele não era daquele jeito que mostram no filme não” (referindo-se ao filme “Madame Satã” de 2001, do diretor Karim Ainouz) [71].

É curioso notar que somente pude assimilar tão rapidamente que Seu Nequinha estava falando de Madame Satã porque quando entrevistei Marlene, em 2008, uma das primeiras coisas ditas por ela em nossa conversa fora que havia conhecido pessoalmente Madame Satã. Referiu-se a ele como “aquele que fez o filme” e disse ainda que era um homem “meio lá, meio cá”. Tais situações apontaram para o fato de que, em diversas ocasiões em que me apresentei como pesquisadora, as pessoas se empenhavam em me indicar moradores ou frequentadores antigos, isto é, alguém que

[71] No dia em que conheci Nequinha, eu estava apenas de passagem pela rua. Combinei de ir até sua casa para conversarmos com mais calma em outra ocasião. Logo em seguida, no entanto, ele foi vítima de um AVC e internado. Uma semana depois, quando cheguei ao projeto, Marlene me contou que Seu Nequinha havia falecido e Luís tinha passado para avisá-la e dizer que não estaria presente às aulas naquela semana. Marlene e Nequinha não eram grandes amigos, mas ela pareceu bastante abalada com sua morte tendo me dito: “ele era um dos mais antigos aqui, até outro dia estava aí na rua cheio de vida, impressionante como a vida prepara umas coisas para a gente”.

pudesse me contar a “história” da Lapa. Ainda que eu enfatizasse que estava mais interessada nas mudanças recentes ali ocorridas, a ideia de um passado do bairro e a necessidade de evocá-lo parecia ser muito forte e presente. Seu Nequinha e Marlene, no entanto, quando se dizem “os mais antigos da Lapa” referem-se apenas a moradores das proximidades da Rua Joaquim Silva. Deixam claro com isso que espacialmente a Lapa deles é uma Lapa bastante específica e delimitada.

Independente da veracidade das falas de Marlene e Nequinha ao dizerem ter conhecido Madame Satã, existe uma circulação de tais imagens entre essas pessoas. É como se o elemento “Madame Satã”, figura célebre ligada ao passado mais conhecido da Lapa, se tornasse um componente fundamental para estes agentes comprovarem, perante um estranho, a veracidade e importância de seus tempos de vivência no bairro. Logo em seguida, contudo, Seu Nequinha faz questão de dizer que o conhecimento que possui sobre essa figura, e consequentemente sobre a Lapa, é mais profundo do que aquele mostrado no filme. Estas situações mostram que há um jogo claro entre a imagem da rua e do bairro que vem de fora e a forma como ela é apropriada por aqueles que circulam por ali diariamente.

Isso ficou ainda mais evidente na ocasião em que um turista francês, no dia 24 de junho de 2011, caiu do alto dos Arcos da Lapa e morreu. Na reportagem do jornal O Globo sobre o ocorrido constava:

> O turista francês Charles Damien Pierson, de 25 anos, morreu no início da tarde desta sexta-feira ao cair de um bonde de Santa Teresa, no momento em que ele passava pelos Arcos da Lapa. Segundo testemunhas, ele viajava no estribo do trem quando escorregou e caiu de uma altura de aproximadamente 15 metros. O morador de rua Mauro Silva, de 40 anos, contou ter visto o turista ainda agonizando. Ele disse ainda que dois menores roubaram a câmera fotográfica e objetos dos bolsos do francês (GOULART, 24/06/2011).

Na semana seguinte ao acidente, quando estive na rua novamente, o assunto era um dos mais comentados. No entanto, mais do que a morte do turista em si ou os inúmeros problemas que o bonde de Santa Teresa já apresentava naquela época (tendo

sido, dois meses depois, desativado em razão de outro grave acidente[72]), o tema mais comentado era o roubo dos pertences do francês, enquanto ele ainda agonizava no chão. Ana me disse: "O gringo deu muito azar, foi cair justo aonde? Na Lapa, bem no meio da malandragem". E seguiu comentando sobre como aquele trecho embaixo dos Arcos era o que mais concentrava os supostos "malandros". Misturavam-se na fala de Ana duas representações distintas. A primeira é a ideia corrente de que a Lapa é o "berço da malandragem carioca" e, por essa razão, o tal turista teria "dado azar" ao cair ali e ser assaltado minutos antes de morrer. Por outro lado, existe o fato dele ter caído justamente no lugar da Lapa com o maior número de "malandros". Nesse caso, contudo, a referência são os contraventores e não aos malandros "mitológicos", algo que Ana bem sabe da existência por conhecer o lugar e passar por ali todos os dias. Nesse caso, como no de Seu Nequinha, misturam-se dois pontos de vistas: um que vem das representações externas e outro, da experiência prática.

Ana

A partir da proximidade que pude estabelecer com Ana, quero me deter um pouco mais em sua experiência com a rua e o bairro. Como já mencionado, ela vende bolsas de pano fabricadas pelo marido em um "ateliê" na Ladeira de Santa Teresa. O imóvel foi alugado há oito anos para fabricar e vender as bolsas. Além disso, uma de suas filhas mora na Rua Joaquim Silva e tem, em suas palavras, um "comércio": vende yakissoba na Rua Joaquim Silva às sextas-feiras à noite. Ana, que nasceu em Realengo, na zona oeste carioca, realiza hoje praticamente todas as suas atividades cotidianas na Lapa, mas, apesar disso, não vive mais lá. Ela atrela sua mudança para outro bairro a um episódio traumático que viveu na Lapa em 2003, quando sua filha mais nova foi vítima de um assassinato passional, seguido de suicídio do namorado, na noite de ano novo. Desde então, resolveu se mudar para o Rio Comprido, a fim de tentar esquecer a história. Separou-se do marido, que continuou na Lapa. Apesar disso, os dois ainda trabalham juntos e ela se refere a ele como "meu marido".

A venda das bolsas de Ana está completamente articulada a um circuito

[72] Em 28 de agosto de 2011, o bonde de Santa Teresa descarrilou e tombou, deixando cinco mortos e cinquenta e sete feridos. Informações disponíveis em: http://oglobo.globo.com/rio/acidente-com-bonde-em-santa-teresa-deixa-mortos-feridos-2670931 (Acessado em 25/07/2012). Depois do acidente, o bonde foi desativado e até hoje não voltou a funcionar.

comercial existente na Lapa. Ela passa por mesas de bares oferecendo seus produtos[73], mas se beneficia igualmente das visitas diurnas que turistas fazem à Escadaria Selarón, muito próxima a seu "ateliê". Participa ainda como expositora da Feira do Rio Antigo, na Rua do Lavradio, que ocorre uma vez ao mês. Ao longo do trabalho de campo, sempre que passava pela feira procurava ficar um tempo na barraca de Ana. Em uma ocasião, notei que a feira estava mais vazia que o normal e que havia poucos estrangeiros. Perguntei-lhe o porquê daquele movimento e ela justificou dizendo que o sol e o excesso de calor naquele dia teriam feito com que muitos turistas preferissem ir à praia. Ela mencionou também o fato da rua ser pouco arborizada, o que dificultava a permanência ali por muito tempo em dias de muito calor.

Ana completou dizendo que isso acarretava um baixo número de vendas. Tal situação tornava inviável a presença de alguns expositores na feira. Isso porque o valor para poder expor mensalmente era de sessenta reais, pagos ao Polo Novo Rio Antigo, organizador do evento. Ela então disse: "eu aumento o preço das minhas bolsas e consigo pagar, olha aqui [e me mostrou uma bolsa relativamente pequena com o preço de quarenta reais], mas e quem vende coisas pequenas, bijuterias e tal? Fica difícil!". Ainda assim, Ana julga ser mais fácil expor na Lapa do que em outros lugares da cidade, como a conhecida feira da Praça General Osório em Ipanema, onde o preço cobrado para participar do evento, em sua ocorrência semanal, seria muito mais alto. Nesse dia, também a indaguei sobre o porquê da feira acontecer na Rua do Lavradio. Ela apontou para a área do Quarteirão Cultural e disse: "porque foi aqui que começou o comércio na Lapa", referindo-se evidentemente à chamada "revitalização", que ganhou força a partir das iniciativas de empresários que investiram em bares, restaurantes e antiquários em tal rua, culminando com a já citada criação do Quarteirão Cultural.

Ao articular tal situação com aquela primeira citada, quando me apresentei aos

---

[73] Esta prática é muito comum nos bares da Lapa e também nos restaurantes em Santa Teresa. Oferece-se de tudo, mas o mais comum são roupas e artesanatos. Uma vez, contudo, uma menina em torno de 15 anos chamada Angel Caroline me ofereceu a declamação de um poema, o qual ela mesma escreveu falando sobre a Lapa. Os versos diziam: "*Andando pela Lapa eu não me lembro de mais nada/ Da minha vida passada/ Mas sei que já vivi nesse lugar!/ Tenho um déjà vu e me torno a lembrar/ Das noites que ficava a me embebedar/ E dos sambas e poesia que fazia/ No meu dia a dia olhar a boêmia*". Dei uma contribuição em dinheiro à garota depois de ouvir o poema e ele me ofereceu em troca uma folha contendo os versos recitados e uma ilustração de um sambista em frente aos Arcos da Lapa.

alunos no projeto e lhes contei sobre minha pesquisa, vale lembrar que Ana rapidamente se opôs à ideia de que a Rua Joaquim Silva seria diferente da Rua do Lavradio, pois ambas possuem "comércio". Isso indica que, apesar de apontar os problemas em relação à cobrança das taxas para participar da feira, a relação de Ana com o bairro é menos fragmentada, à medida que ela exerce suas práticas em várias partes da Lapa e, com isso, enxerga nesta poucas diferenças, ao contrário da maior parte das pessoas que apontam a distinção entre o "para cá" e "para lá" dos Arcos. Quando falei sobre o comparativo entre as duas ruas, Ana mencionou, antes de tudo, uma semelhança, gerando polêmica em meio à turma. Isso não significa que a relação que estabelece com os dois espaços seja igual. Na Rua Joaquim Silva, Ana tem famílias, amigos e também trabalho. Já na Rua do Lavradio, só desempenha esta última atividade.

Mas a complexidade de sua relação com a Lapa, além das relações profissionais e de amizade, é singular justamente no que tange à sua recusa em viver ali (isto é, dormir, pois passa a maior parte do dia no bairro). Ana não consegue desvincular a Lapa do fato de ter perdido, nas ruas do bairro, sua filha caçula de maneira trágica. O peso deste trauma familiar parece marcar de modo contundente sua relação com o bairro, porque ao mesmo tempo em que recusa dizer que vive ali, não se desvincula do local. Não pretendo tentar encontrar sentido nessa relação[74]. Basta apenas informar que ela é significativa quando buscamos entender de que maneira os indivíduos estabelecem seus vínculos com este espaço.

Luís

Outro interlocutor que não vive mais na Lapa, mas estabelece no bairro uma série de relações pessoais e profissionais é Luís, que possui um bar com o irmão na Joaquim Silva. O "Braseiro da Lapa", bar dos filhos de Seu Nequinha, fica apenas uma quadra após o MEC. Luís foi um dos alunos do projeto social que me deu maior abertura para falar sobre a pesquisa e muitas vezes eu saía das aulas e passava em seu

[74] Isso porque entendo que os processos traumáticos sejam aqueles caracterizados pela dificuldade de encontrarem significado, uma intrusão dolorosa do real no psicológico, que não pode ser plenamente articulada à história do indivíduo, como atenta Crapanzano (2004: 91-92).

bar para conversarmos[75]. Ele veio para a Lapa com mais ou menos cinco anos, mas nasceu em Magé (RJ), onde vivia com sua mãe e mais seis irmãos. De acordo com ele, seu pai, na época, apesar de ser casado com a mãe, tinha outra mulher no Rio de Janeiro, com quem possuía outros filhos. Como as condições financeiras da mãe de Luís eram muito precárias, ela pediu ao pai que levasse ao menos um filho (no caso, Luís) quando foi viver definitivamente no Rio com outra mulher. Ele diz que nessa época viveu com o pai na Rua Morais e Vale, na Lapa, mas depois conseguiram comprar uma casa em São Cristóvão e se mudaram para lá. A tentativa não deu certo, a família não se adaptou ao novo bairro e voltaram logo depois para a Lapa. Foi quando foram viver na Rua Joaquim Silva. Depois que os filhos saíram de casa, Seu Nequinha foi morar com a atual mulher na Ladeira de Santa Teresa.

Em se tratando de trabalho, Luís já fez um pouco de tudo: foi *office boy,* trabalhou em banca de jornal, foi camelô e inclusive tentou carreira como maratonista. Hoje é porteiro de um edifício no centro das 7h às 13h, além de sócio do irmão no bar. Nos anos 1990, ele trabalhou no Circo Voador, antes do fechamento do local. Primeiro trabalhava na porta vendendo cerveja, quando o Circo ainda era de lona e não possuía a estrutura atual de casa noturna. Segundo ele, os vendedores faziam um furo na lona e passavam cerveja para quem estava dentro. Depois de um tempo trabalhando como camelô, Luís acabou sendo chamado para trabalhar dentro do Circo Voador como *barman*. Mais tarde, trabalhou na Fundição Progresso na mesma função.

Ele destaca que entre os trabalhos que desempenhou, o que mais valoriza é o de camelô. Na época em que exerceu esta atividade ele vendia de tudo. Como ele mesmo diz, "tinha que se virar": relógio, guarda-chuva, roupa íntima. Para Luís, trabalhar "na rua" é muito difícil e ele se orgulha de ter conseguido prosperar economicamente. No entanto, não deixa de dizer "eu sou da rua também", como se essa fosse uma identidade que nunca se perde. Observando o número crescente de camelôs trabalhando à noite na Joaquim Silva, Luís um dia me disse: "eu quero que eles ganhem mais do que eu ganho aqui [no bar], é muito difícil trabalhar na rua".

Nas noites de sexta-feira e sábado, as mais movimentadas na rua, ele e o irmão

[75] Em uma ocasião sugeri a Luís que gravássemos uma entrevista. A experiência foi trágica: Luis tornou-se monossilábico e ficou muito constrangido. Minutos depois desliguei o gravador e seguimos conversando normalmente. A partir daí compreendi que este era um recurso pouco interessante de ser utilizado com meus interlocutores, dado que eu já convivia semanalmente com eles.

dividem-se entre o trabalho no bar e as constantes "voltinhas" que dão pela Lapa em busca de lazer, como tomar uma cerveja com algum amigo ou interagir com as mulheres que circulam por ali. Porém, a noite mais importante para eles é a de domingo. Nesse dia, Luís chama para tocar no bar um grupo de pagode de Magé, sua cidade natal. Além de reunir várias pessoas da rua que conhece desde pequeno, o bar nesse dia é também utilizado para realização de festas de aniversários, entre outras comemorações, dos moradores locais. Atualmente, Luís tem tido problemas com a polícia para realizar o pagode. Ele pensa que apesar desse processo ocorrer em toda a Lapa, a polícia tem reprimido especialmente as manifestações que ocorrem na Rua Joaquim Silva, pois nesta o tráfico de drogas é mais presente.

Além da relação familiar, existe outra dimensão que caracteriza o vínculo de Luís com a Lapa. Ele acredita fortemente na possibilidade de não ter um trabalho fixo e sim "virar empresário", em suas palavras. O que significa basicamente que gostaria de ter um empreendimento próprio e não ser subordinado a alguém. Na Lapa, enxerga um caminho para isso, pois existiria um movimento de "valorização" do bairro que deve chegar à Rua Joaquim Silva em breve, algo que ele entende que tem acontecido de "lá para cá". Ele esclarece: "não aconteceu na Rua do Lavradio, na Mem de Sá? Vai chegar aqui também". Com esta afirmação, ele se refere ao fato de essas ruas terem recebido um investimento maior de grandes empresários do que a Rua Joaquim Silva e, consequentemente, serem também mais contempladas com relação às políticas públicas.

Quando ouvi tal afirmação de Luís, perguntei se ele não entendia que isso poderia gerar um interesse pelos imóveis da Rua Joaquim Silva, por parte de pessoas de fora, ao que ele respondeu: "Mas aí quem for forte fica, quem não for vai embora, pega os 50, 60 mil que eles pagam e vai embora, compra uma casa na baixada com esse dinheiro. Foi assim que aconteceu em outros lugares, não foi?" [76]. É importante atentar para o tipo de análise que Luís faz sobre os acontecimentos do bairro: para ele, não existe uma imposição com relação às mudanças ocorridas e sim, uma ideia de negociação. É claro que se deve levar em conta que este movimento ainda não ocorreu no local onde seu estabelecimento está. De todo modo, ele se percebe ao lado daqueles

[76] Cabe ressaltar que o imóvel onde se encontra o bar de Luís é a parte da frente da entrada de um cortiço. Tal imóvel, como outros na rua, foi ocupado por um grupo há muitos anos. Atualmente, o grupo entrou na justiça com um pedido alegando usucapião para obter a propriedade legal do prédio.

que obterão benefícios com as mudanças na rua caso elas venham a acontecer e, para isso, tem inclusive se preparado. Além das aulas de inglês, Luís faz também um curso de empreendedorismo oferecido gratuitamente por um projeto social na favela da Rocinha[77].

2.3) Da cadeira de Marlene.

Assim como Luís, Marlene e seu filho também trabalharam como camelôs vendendo cerveja em frente ao Circo Voador. A partir de certo momento, o filho de Marlene passou a trabalhar dentro da casa de shows. Sua posição de secretária no projeto social desta mesma casa hoje, decorre da relação estabelecida por seu filho com Maria Juçá. De acordo com ela, quando Juçá decidiu criar o projeto, seu filho a acompanhou em uma visita à Rua Joaquim Silva, na qual conheceram o imóvel que acabou sendo escolhido para abrigar o MEC. Depois disso, diz Marlene, Juçá entrou no Gohan (restaurante japonês vizinho à casa de Marlene) para almoçar. Quando saiu, Marlene estava em frente a sua casa vendendo doces, uma das atividades que desempenhava na época para seu sustento. Ela diz que Juçá a perguntou se ela possuía carteira de trabalho e ao ouvir sua resposta positiva, afirmou: "então você vai trabalhar comigo". Marlene então, com quase sessenta anos, tornou-se trabalhadora registrada pela primeira vez em sua vida.

Apesar de se dizer secretária, o papel exercido por ela nesse espaço vai muito além daquele exercido por uma secretária comum. Ela controla de maneira rígida a entrada e saída dos alunos, chamando todos pelo nome e os advertindo no caso de terem faltado a uma aula ou esquecido de levar o livro. Costuma também comentar sobre a trajetória destes, dizendo: "esse não presta, já começou o curso várias vezes e nunca termina", ou ainda: "aquele rapaz ali é camelô, você acredita? Viu como ele é esforçado? Eu conheço a mãe dele, a família dele". Marlene muitas vezes reclama da falta de respeito à sua casa pelos alunos, pois como esta fica logo em frente ao projeto, não é raro o caso de um aluno chegar mais cedo à aula e pedir para que ela abra o espaço do projeto, para que possam entrar. Ela narra essas situações com um tom de

[77] Tal situação remete à discussão proposta por Gilberto Velho quando sugere o conceito de "projeto individual" para tratar dos processos de individuação nas sociedades complexas. Velho postula que existe uma dimensão de "escolha" na vida social, calculada por meio dos projetos pessoais, embora deixe claro que estes estão "sujeitos à ação de outros atores e às mudanças sócio-históricas" (1981: 27).

indignação: “mas são abusados mesmo de ir à minha casa”. Por outro lado, ela própria executa algumas situações dentro do projeto que também saem desse âmbito. Como exemplo, as festas de aniversário que organiza durante os períodos de aula para os professores ou alunos mais antigos, ou ainda quando utiliza o espaço para suporte de confraternizações que ocorrem na rua entre os próprios moradores.

Notei que o projeto ia muito além de um simples espaço de trabalho em sua experiência, pois ela estende a esse local suas relações como moradora da rua. Pode-se dizer ainda que Marlene é uma figura polêmica. Se por um lado é considerada um tanto quanto autoritária em suas ações com relação ao projeto, por outro, zela profundamente pelo bem estar de todos e pelo funcionamento do local. Assim, ela é tanto querida, quanto temida pelos alunos.

A situação, no entanto, é bastante distinta quando consideramos os alunos que são também moradores da rua e da região. Há uma relação de respeito profundo por Marlene entre a maioria deles – que a chamam sempre de Dona Marlene, entre os mais velhos, e Tia Marlene, entre as crianças. Ou seja, mais interessante do que explorar aqui a relação que ela estabelece dentro do projeto, quero tratar de sua relação dali para fora, onde passa a maior parte do tempo. Isso porque Marlene fica o dia todo sentada em uma cadeira na calçada em frente à casa que abriga o MEC. Na maior parte das vezes que está do lado de fora, ela dispõe na calçada uma ou duas cadeiras para que alguém se sente ao seu lado. Entra na casa para resolver coisas pontuas, como nos inícios de aulas, para fazer as chamadas. Ali muitas vezes me sentei com ela para conversar ou apenas para observar o movimento da rua e ouvir seus comentários. Notei que ela conhece a maior parte das pessoas que passam e estas a cumprimentam geralmente pelo nome. Ela, por sua vez, responde sempre efusivamente com as mesmas palavras: “oi, amor!”. Algumas pessoas chegam a parar e ficam conversando por mais tempo.

É interessante notar que Marlene, em um primeiro momento, quando conversamos em 2008, aludia de maneira pouco animada ao fato de ter começado a trabalhar sentada, em um lugar fechado e de maneira formal pela primeira vez na vida. Mas é possível afirmar que depois de um tempo, ela mesma passou a subverter sua função de secretária, possibilitando exercê-la ao mesmo tempo em que consegue permanecer quase o dia todo na rua, como fazia quando vendia seus doces em frente de casa.

A presença de Marlene na rua, no entanto, não é passiva. De sua cadeira, ela parece exercer algumas funções na rua, sendo que a mais evidente delas é a de "posto de informações". Ela está sempre atenta ao movimento e é capaz de informar sobre quem passou por ali, quando e como. Além disso, não haveria como não notar a existência de uma extensa rede de fofocas da qual Marlene parece, de alguma forma, ser catalisadora, recebendo e distribuindo a partir do ponto privilegiado que ocupa na rua. A maioria delas gira em torno de brigas e histórias de relacionamentos entre homens e mulheres que vivem na região. Os conflitos ocorridos dentro da escola também permeiam as conversas que presenciei sentada ao seu lado, bem como os conflitos da rua, sobretudo aqueles relativos aos problemas entre camelôs e o tráfico de drogas na região. O domínio destas fofocas e dos episódios ocorridos na rua demonstra o forte envolvimento de Marlene com a população local e o fato de que está plenamente integrada nas redes de relações ali existentes[78].

Desta perspectiva, chamaram minha atenção algumas situações vividas por tal interlocutora com respeito a estas duas questões: o tráfico de drogas e o comércio informal. Em uma ocasião, eu estava sentada ao seu lado quando passou uma garota de aproximadamente vinte anos usando apenas uma calça jeans, um top e um casaco amarrado na cintura. Marlene, como de costume, disse: "Oi, amor" e, em seguida, "veste a blusa, te cobre garota, que hoje está fazendo frio". A menina atendeu prontamente à ordem e começou a vestir a blusa.

Enquanto isso, um homem passou por nós, chamou a garota e disse: "olha, a PM acabou de passar aí, pegaram um, viu, revistaram três e levaram um". A menina pareceu pouco abalada com o fato e respondeu: "É, hoje é o Chagas que está de ronda, é só dar uma graninha que ele libera, não vai dar em nada não". Notei, então, que se tratava de alguém envolvido com o tráfico. A menina, em seguida, despediu-se de nós e saiu andando. Quando tentei dar continuidade ao assunto junto a Marlene, ela replicou: "Não, esse assunto não te interessa". Depois disso, não comentei mais o caso, pois percebi que ela não queria que eu tivesse conhecimento sobre aquele tema, agindo

[78] O papel desempenhado por Marlene, a partir de sua cadeira, remete à clássica discussão sobre fofoca empreendida por Gluckman (1963: 308) em "Gossip and Scandal". O autor demonstra que a fofoca é um instrumento importante de regulação social, na medida em que é capaz de estabelecer, de alguma maneira, os limites de uma comunidade, estabelecendo aqueles que fazem ou não parte dela dependendo do domínio que possuem desta. Sendo ainda capaz de definir quem são os líderes locais, considerando o domínio que possuem destas informações.

como se selecionasse as coisas que eu poderia saber ou não.

A situação confirmou algo já bastante evidente com relação à atuação da polícia na rua: existe uma "lógica de reciprocidade" vigente entre a polícia e os traficantes nessa região, que também é comum a outras áreas onde esta atua no Brasil e existem atividades ilícitas (Feltran, 2010: 598). A etnografia de Caruso (2009), feita com policiais na Lapa assinala, do mesmo modo, a vigência desta prática que a autora classifica como "arrego" [79], bastante utilizada pela polícia local especialmente na Rua Joaquim Silva e que parece ser confirmado pela menina ligada ao tráfico. Mais importante, no entanto, é atentar para a relação de Marlene com este tema. Ao mesmo tempo em que demonstra ter uma relação afetuosa com a menina, não lhe agrada, evidentemente, quando eu tento falar do assunto, afinal, além de pesquisadora, estou ligada à instituição onde ela trabalha.

Entretanto, foi através desta mesma via, institucional, que voltamos a falar sobre o tema ainda na semana deste episódio. Conversávamos sobre alguns problemas atravessados pelo MEC em termos estruturais. Marlene comentou que tinha pedido à coordenadora que encontrasse alguém para arrumar um buraco que foi feito na parede da casa, gerando infiltração. Quando foi me explicar sobre o buraco, disse: "um buraco que esse pessoal que vende tóxico aí na rua fez, você sabe que tem, né?" Senti que, de alguma forma, tal comentário guardava relação com o momento narrado anteriormente e que Marlene, de início, tentou esconder, mas logo notou que era muito evidente e eu já notara.

Até então e ainda mais com o episódio da polícia, eu entendia que a relação de Marlene com os "meninos" do tráfico – pois todos que atuam na Joaquim Silva são muito novos e assim são chamados – era marcada, sobretudo, por uma lógica de

[79] Caruso (2009: 164) aponta para o fato de a atuação da Polícia Militar na Rua Joaquim Silva ser caracterizada por práticas nas quais, na maior parte das vezes, ou os policiais simplesmente alertam os usuários para não fumarem mais ou fumarem em outras áreas, ou então aplicam a lógica do "arrego", pedindo algo em troca para que o usuário não seja levado à delegacia. Raríssimas vezes ocorrem detenções, como mostra a autora, com base nas próprias estatísticas da polícia. Com relação aos traficantes, Caruso aponta: "Por outro lado, depois que o acordo entre as partes é estabelecido, fica claro que a polícia já tem, previamente, estabelecido outros acordos. Não mais com o usuário, mas agora com o seu fornecedor. Ao sugerir fumar em outra área, indica indiretamente uma 'zona livre', em que o dono passa a ser o traficante. Nesta rede de relações todos acabam se beneficiando de alguma maneira: polícia, usuário e traficante. Cabe, a cada um dos personagens, compreender os códigos que se traduzem numa linguagem de uso comum" (2009: 167).

proteção. Outros moradores já haviam me afirmado que a maior parte deles era dali mesmo, ou seja, criados na rua. Porém, a intensificação deste movimento na Joaquim Silva era também recente e acompanhava o processo de "revitalização". Cabe notar que esta atividade funciona de maneira bastante encoberta, isto é, não é um tráfico de drogas que se utiliza de armas de fogo aparentes, de maneira ostensiva, como é comum em favelas. Eu mesma demorei a notar o desenrolar destas atividades na rua. Trata-se, afinal, da região central da cidade do Rio de Janeiro, com circulação livre de todo tipo de pessoas e também da polícia. Sendo assim, o tráfico de drogas ocorre de maneira relativamente discreta. Por outro lado, o uso de maconha neste mesmo espaço, sobretudo à noite, acontece de forma escancarada[80].

Durante os preparativos para uma festa que ocorreria na rua, conversei sobre o assunto com três moradores que disseram se incomodar bastante com esta presença. Sentiam, contudo, que não havia nada a ser feito para mudar a situação. Notei também que, ainda que de maneira velada, a relação de Luís e de seu irmão com esses meninos não era muito positiva. Eles nunca me falaram abertamente sobre isso, mas deixavam claro sua postura, ao chamá-los sempre de "vacilões". No dia em que tentei gravar uma entrevista com Luís, depois que desligamos o gravador, ele me disse: "Sabe, aqui na Lapa a gente não pode falar sobre tudo. Eu conheço muita gente". Em um domingo, quando eu chegava na rua para uma festa de São João, uma briga entre o irmão de Luís e outro rapaz tinha acabado de ser apartada. No calor do momento e tentando não incomodar muito com minha aguçada curiosidade, abordei uma das alunas do curso, também moradora da rua, que estava perto de mim e indaguei-a sobre o motivo da briga. A resposta que obtive foi: "isso é problema deles aí, nem sei...". Desconfiei fortemente que se tratava de uma briga com um dos meninos do tráfico. Para além

[80] A maneira pela qual o tráfico de drogas se estabelece na Rua Joaquim Silva assemelha-se à dinâmica descrita por Alba Zaluar (2002: 35) acerca do que ocorre no bairro de Copacabana. Neste local, "vapores" e "aviões" se dividem principalmente em boates e quiosques da orla oferecendo a droga, que muitas vezes é armazenada na própria praia em quantidades pequenas, sendo necessário recorrer sempre às favelas mais próximas para adquirir mais droga e revender a um preço menor. Tal trabalho, de ir até a favela, é feito pelos chamados "aviões", já os "vapores", como aponta a autora: "como o nome indica, nunca ficam muito tempo parados em determinado lugar, estão sempre em movimento, evaporando quando necessário por causa da vigilância dos policiais, embora haja um esquema de tolerância e cumplicidade por parte destes, ou em busca de novos fregueses na porta de boates, restaurantes e bares, a 'segunda área".

destas especulações, no entanto, quero chamar atenção para tais posturas visando deixar claro que meu entendimento da dinâmica da rua e meu acesso a certas informações possuía um limite, qual seja, o limite de minha própria presença. Eu não poderia evidentemente ser invisível, nem ser outra pessoa que não pesquisadora e também professora voluntária naquele contexto. Assim, naturalmente, eles selecionavam quais informações eu poderia ou não saber.

Por outro lado, eu estava ali durante quase toda a semana e por mais velado que o assunto fosse em minha presença, inevitavelmente observei muitas situações que giraram em torno do tema. Em um desses momentos, estava sentada ao lado de Marlene em frente ao MEC, quando, de repente, ela saiu gritando e entrou em sua casa, isto é, no corredor do sobrado que dá acesso aos quartos do cortiço onde vive. Logo depois, ela saiu dali antecedida por um rapaz com quem esbravejava, dizendo que o que ele havia feito era um "abuso": "onde já se viu guardar droga dentro da minha casa?", perguntava Marlene. O garoto então replicava: "Calma, Tia Marlene, calma, eu não estava fazendo nada, só estava indo no banheiro!". Ela então continuava dizendo que aquilo era uma falta de respeito, que não era a primeira vez que ocorria na semana. Ao mesmo tempo, no entanto, enfatizava que conhecia sua família, inclusive sua mãe e que não queria perder a paciência com ele, mas esconder drogas em sua casa ela não admitia. Marlene ainda introduziu um fato novo para mim, dizendo: "você sabe que meu filho já se meteu nessa e eu quase morri, isso eu não aguento!" Gritando de volta, o menino repetiu várias vezes que a respeitava e não queria perder este respeito, mas que Marlene estava sendo injusta com ele. Muitas pessoas na rua pararam para assistir ao bate-boca. Quando o rapaz se afastou, Marlene sentou-se novamente ao meu lado muito nervosa. Ela falou que tentava não se intrometer nas atividades desempenhadas pelos meninos. Não tolerava, entretanto, que estes invadissem o seu espaço, como a sua casa e o projeto social, locais nos quais eles tentavam, muitas vezes, alojar a droga.

Esta situação indicou que o armazenamento da droga na Joaquim Silva parece ocorrer de maneira descentralizada, ou seja, não há uma "boca"[81]. A droga é armazenada onde é possível, com base no improviso: em buracos feitos na parede, banheiros de cortiços, bares. Além dessa questão de menor relevância aqui, o que fica

[81] Como são comumente chamadas as casas em favelas controladas pelos traficantes, onde a droga é armazenada e, a partir dali, distribuída.

destas situações é que existe um princípio de regulação informal dessa atividade entre os próprios moradores, não necessariamente ligados ao tráfico.

A questão do tráfico – na medida em que envolve rapazes da rua, muito novos e cujas famílias não possuem relação alguma com a atividade – impõe, por um lado, que a população assuma uma postura de proteção com relação a estes meninos e meninas: não falam sobre o assunto e até, no caso de Marlene, os tratam com carinho. Por outro lado, todos se utilizam do mesmo espaço para trabalhar e viver e parece existir um principio de convivência estabelecido entre eles bastante peculiar, que não deve ser rompido. É esse princípio, portanto, que entende que "não há nada a fazer sobre o assunto", porém também estabelece limites, como o de não permitir que a droga seja armazenada em qualquer lugar, como na casa de alguém. Há uma regulação local, consensual, a qual, todavia, só pude compreender superficialmente.

Isto evidencia, como atenta Alba Zaluar em seu clássico estudo na Cidade de Deus, que a divisão entre bandidos e ladrões, não se coloca, também nesse caso, como puramente de oposição, há relações complexas e ambíguas entre eles no plano das relações sociais e também das representações. [82] Ainda que haja não apenas conflito entre eles, é preciso destacar que o "mundo do crime", para utilizar uma categoria intensamente discutida por Feltran (2010, 2011), tensiona outros mundos como aquele do trabalhador ou da família. Dessa forma, "desarranja categorias previamente pensadas para descrever as ações morais e as organizações coletivas nesses territórios" (2010: 593). A lógica do tráfico passa a disputar legitimidade com outras há muito tempo vigentes, como aquela do morador. Requer que essas fronteiras, entre o legítimo e o ilegítimo nesse contexto, sejam revistas e repensadas. Nesse processo, encontra-se consenso na busca de uma nova definição que acaba formulando princípios de convivência particulares, mas surgem também brigas e discussões, silêncio e desconforto.

A presença do comércio informal na rua, por meio do trabalho dos camelôs,

[82] A autora indica que: "se o trabalho é um critério fundamental de diferenciação entre tais categorias, isso não quer dizer que a oposição entre eles seja rígida e absoluta ou que exista, no plano das relações sociais, uma segregação claramente demarcada, separando-os completamente. Ao contrário, as relações entre bandidos e trabalhadores mostram-se muito mais complexas e ambíguas, tanto no plano das representações que a atividade criminosa tem para os trabalhadores, como no plano das práticas efetivamente desenvolvidas entre eles" (1994: 133).

permitiu do mesmo modo refletir sobre uma lógica particular de regulação desta atividade existente na rua, sobre a qual quero igualmente pensar através da experiência de Marlene. Se por um lado ela diz tentar não se envolver com o tráfico na rua, sua posição é outra no que diz respeito ao trabalho dos camelôs. Diferente do tráfico, trata-se de uma relação colocada em outros termos no que tange à ilegalidade. Isso por um lado é evidente, afinal não são produtos ilícitos que circulam entre estes vendedores. Por outro, é preciso notar que ainda que não tenha sido completamente legalizada como a feira noturna de ambulantes na Mem de Sá, a presença massiva deste tipo de comércio na Joaquim Silva às sextas-feiras é algo existente há mais de uma década e assim há um processo de regulação informal.

Quando nos conhecemos, Marlene me falou de sua posição como "liderança" com relação a este grupo na rua. Naquele período ela disse estar afastada desta atividade em razão dos conflitos gerados pela efervescência da vida noturna no bairro e na rua e, consequentemente, do aumento no número de camelôs. Entretanto, na mesma semana em que acertei com ela minha participação como professora no projeto, estive na rua na sexta-feira à noite. Nessa ocasião, surpreendi-me quando passando em frente à sua casa vi que lá estava ela, sentada em um banco com um isopor de bebidas a serem vendidas. Perguntei o que ela fazia ali e ela disse: "toda sexta-feira estou aqui". E eu repliquei: "mas daquela vez que conversamos você me disse que não vendia mais na rua" (referindo-me à entrevista de 2008). Ela então respondeu:

> Sim, parei porque tiveram umas brigas, eu me chateei, começaram a aparecer outras pessoas. Mas aí me chamaram para voltar, porque sou eu que organizo aqui, ninguém vende se eu não autorizar. Meu nome lá na prefeitura é importante, eu que vou às reuniões... Tu sabe, eu é que comecei tudo aqui, antes não tinha nada, só tinha ladrão, viado, era tudo escuro, eu que comecei, organizava um pagode embaixo dos Arcos, te contei, não foi?[83]

Como costuma fazer de dia, ela então puxou outra cadeira para que eu me sentasse ao seu lado e ficamos conversando sobre suas atividades entre os camelôs. Marlene começou a me contar que estava tentando articular com um deputado que conhecera a possibilidade de estabelecer na Rua Joaquim Silva uma feira noturna de

[83] Reconstituo de maneira aproximada a fala de Marlene.

ambulantes organizada pela prefeitura, como aquela que havia na Avenida Mem de Sá[84]. No meio da conversa, fomos interrompidas por uma senhora que chegou bastante nervosa dizendo que mais uma vez tinham estacionado o carro no local onde ela colocaria sua barraca naquela noite. Ela dizia à Marlene que acreditava ser de propósito, pois o carro nunca estava parado ali, apenas às sextas-feiras, e pedia para que Marlene intermediasse sua conversa com o dono do carro, aparentemente também morador, pois se ela mesma o fizesse, perderia o controle. Marlene tentou acalmá-la e disse que mais tarde passaria por lá.

Tentamos retomar a conversa, mas éramos constantemente interrompidas por algum outro camelô da rua ou por clientes interessados em comprar bebidas. Em outras noites de sexta, passei por ali para ficar um tempo com Marlene. Contudo, notei depois de um tempo que, enquanto conversávamos, ela mantinha sempre "um olho no peixe, outro no gato", mas nenhum deles em mim[85]. Afinal, um estava em seu isopor de bebidas e outro no movimento da rua. Demonstrando a intensa relação que ela desenvolve ao "olhar a rua" (Jacobs, 2000: 52) e zelar por sua segurança, de acordo com sua própria percepção desta. É difícil avaliar qual o nível de influência que Marlene possui com o poder público, entretanto, como afirma, entre os camelôs locais ela é certamente capaz de exercer a função de reguladora, mediadora de conflitos ou, em suas palavras, de "líder"[86].

---

[84] Tal colocação de Marlene é importante na medida em que revela o quanto é tênue no caso da Lapa a fronteira entre as práticas de comércio formais ou informais. Tal aspecto já foi constatado por outros autores que trabalham com economia informal no Brasil, tais como Rosana Pinheiro-Machado (2004), quando atenta que: "Embora hoje seja consenso que a informalidade não é uma 'bolha' que flutua à margem da sociedade capitalista, estudos recentes mantêm a discussão das fronteiras entre o formal e o informal (...) os conceitos não dão conta da multiplicidade das práticas que eles abarcam. O debate sobre tensão entre os dois polos ainda se faz necessário em tempos em que a informalidade parece estar em todos os lugares, em todas as ruas, em todas as empresas. É preciso questionar os conceitos e rever até onde eles nos são instrumentais" (2004:121).

[85] Compreendi, dessa maneira, que a sexta-feira à noite era um momento pouco propício para realizar trabalho de campo com Marlene ou mesmo com outros ambulantes da rua, já que todos estavam sempre muito ocupados.

[86] Frúgoli Jr. (1999), em trabalho que analisa a presença dos camelôs no centro de São Paulo, atenta para a existência de "regras ligadas a princípios organizativos informais" (1999: 152) que pautam a relação deste e de outros grupos que usam as ruas da cidade para sobrevivência. Estas, no entanto, geram princípios distintos de relações. Apoiado em Lomnitz (1994), o autor chama atenção para a presença de

Ainda nesse dia, depois que a senhora saiu, perguntei a Marlene se ela imaginava alguma explicação para que o dono do carro o estacionasse bem no ponto de venda daquela senhora todas as sextas. Ela me disse que muitos moradores não gostavam da movimentação na rua, apesar de achar que atualmente este tipo de situação ocorria com menos frequência: "mas antes tinha até gente que chamava a polícia", afirmou. Ao comentar o caso, apontou para uma casa e me contou que uma das pessoas que fazia as denúncias era moradora do local, indicando alguém que eu certamente conhecia. Logo me dei conta de quem era a pessoa, uma mulher de aproximadamente cinquenta anos que também frequentava as aulas de inglês junto aos seus filhos. A verdade é que tive poucas oportunidades de conversar com essa senhora, mas suas desavenças com Marlene me pareciam evidentes desde o início. Em uma ocasião perguntei se seus filhos participariam de uma festa organizada por Marlene e ela me respondeu enfaticamente que não, pois não gostava de vê-los "metidos com essas coisas".

É importante mencionar este fato para apontar que, assim como em qualquer regulação, há sempre aqueles que não estão de acordo com os princípios estabelecidos. Ainda que menos polêmica que a questão do tráfico, pois mais regulada, os conflitos aparecem de maneira significativa também no que diz respeito ao comércio informal na rua. Este, no entanto, parece tensionar menos estas relações, ao passo em que está ligado – para a maioria deles e, sobretudo, para Marlene, cuja situação foi aqui abordada – às suas histórias de vida e redes de sociabilidade, constituindo assim parte fundamental das relações que estabelecem com o bairro onde vivem.

2.4) Do bar do Alemão.

Durante o período em que realizei o trabalho de campo de maneira mais sistemática, em 2011, morei no Rio de Janeiro, em Santa Teresa, bairro com características residenciais e turísticas, que carece de serviços básicos, tais como mercados e farmácias. Mesmo que não fosse à Rua Joaquim Silva, passar pela Lapa

---

um principio que é "horizontal" ou "simétrico" entre os integrantes de um grupo informal, o que os coloca como iguais e possibilita várias relações de ajuda. O outro princípio, contudo, é "vertical" ou "assimétrico" e nasce da igualdade, mas gera indivíduos diferenciados, que se tornam intermediadores muitas vezes dotados de maior poder que os outros (Frúgoli Jr, 1999: 155).

fazia parte de meu dia-a-dia: ali fazia compras de supermercado e outros utensílios básicos, frequentava uma academia e encontrava com amigos em bares e restaurantes. Encarei estas atividades sempre como uma possibilidade de estar atenta à dinâmica do bairro. Assim, o registro etnográfico muitas vezes acabou acontecendo também em outra esfera da minha rotina, que não relacionada aos interlocutores que estabeleci inicialmente na Rua Joaquim Silva.

Como mencionado, uma das atividades que realizava na Lapa era ir a bares e restaurantes. Tal circulação, mais restrita ao período noturno, priorizava alguns estabelecimentos de minha preferência. Costumava ir ao Bar do Peixe, situado no limite com o Bairro de Fátima. Um estabelecimento sobretudo familiar e muito frequentado pelos moradores daquela região, tais como os amigos que me apresentaram o local. Outro bar no qual estive muitas vezes foi o Bar da Cachaça, que fica no trecho que concentra os bares mais caros da Lapa. Este, no entanto, é frequentado por um público universitário que permanece na rua quase o tempo todo e entra naquele espaço, muito pequeno, apenas para comprar bebidas ou utilizar o banheiro. Por fim, na Rua Riachuelo, quase chegando aos Arcos da Lapa, fui em algumas ocasiões ao Bar da Pepéia, situado em um pequeno corredor, espremido entre dois botequins maiores e decorado por objetos diversos e inusitados. Pepéia, a proprietária, vende cervejas e caldinhos e é do sexo masculino. No entanto, veste-se como mulher, com longos cabelos loiros, salto alto e vestidos curtos. De modo simpático, cumprimenta a todos que entram no bar, sem exceção, com dois beijinhos no rosto.

Passando os Arcos da Lapa, em uma espécie de praça (mas que de dia funciona como estacionamento) – situada entre a Rua Joaquim Silva, a Rua Taylor e a Rua da Lapa – fica o já citado Bar do Alemão ou Nova Lapa Ltda. O bar, não fica, portanto, no trecho descrito da Joaquim Silva como aquele que concentra boa parte da movimentação noturna. Comecei a observar a movimentação deste bar nas noites de sexta-feira. Trata-se de um botequim simples, com um único balcão e algumas mesas de latão na frente, decorado por uma grande imagem de São Jorge e faixas e bandeiras do time de futebol Vasco da Gama. Alemão é um senhor que tem por volta de sessenta anos. É conhecido pelos frequentadores por seu extremo mau humor. Trabalha com ele um único funcionário e sua esposa também o auxilia em algumas noites servindo as mesas.

O diferencial desse bar para outros do mesmo tipo é uma pequena garagem anexa ao estabelecimento. Nesta ocorrem, às sextas-feiras, shows de música ao vivo sempre feitos pelo mesmo grupo: Os Vulcânicos. O gênero da banda é classificado como *rockabilly.* O repertório do grupo, no entanto, é bastante eclético, apresentando desde músicas do grupo Ramones, clássico *punk rock* americano, até Belchior, cantor de música popular brasileira de relativo sucesso nos anos 1970. O público é composto por jovens, muitos deles amigos e conhecidos da banda. Não é preciso pagar para ficar no bar, todavia os músicos sempre "passam o chapéu" para arrecadar contribuições. Pude notar ainda que jovens com vestuário de característica *punk* encontram-se ali. Muitas vezes, chegando ao bar, recebi panfletos de divulgação do movimento "anarcopunk" sobre atividades deste mesmo grupo, desenvolvidas na extinta ocupação Flor do Asfalto, espaço de moradia e atividades de membros do movimento, na zona portuária da cidade.

"Jazz no Buteco"

Figura 12: Público do evento "Jazz no Buteco" na Lapa.[87]

Estava frequentando o Bar do Alemão há algum tempo quando soube por amigos, em meados de março de 2011, que, às quartas-feiras, Alemão estava dando

[87] Foto retirada de:
http://lulacerda.ig.com.br/wp-content/uploads/2011/09/Nova-Lapa-Jazz.jpg (Acessado em 27/07/2012).

espaço para outro grupo tocar, este, no entanto, de jazz. Estive ali logo depois para conferir o evento e notei que o público era maior do que o de sexta-feira. Em meu retorno, na quarta-feira seguinte, espantei-me, pois a quantidade de pessoas havia dobrado. Ao longo do show do quinteto, que contava com várias participações de outros músicos, era sempre anunciada no microfone a existência de um blog sobre o grupo, com vídeos e fotos. O evento começou a ficar rapidamente popular, sobretudo entre jovens, e a extrapolar as dimensões do pequeno Bar do Alemão, ocupando toda área do entorno e atraindo vendedores ambulantes. O espaço passou então a ser chamado de "praça do jazz" através do blog, no qual se anunciava o evento semanal: "Jazz no Buteco"[88]. O quinteto de músicos fixou-se como grupo, chamado Nova Lapa Jazz, em uma alusão ao nome oficial do Bar do Alemão: Nova Lapa Ltda.

Com o rápido aumento no número de frequentadores, tornou-se cada vez mais difícil ficar dentro do bar e muitos passaram a beber em outros bares ao redor ou a ficar na rua e comprar bebida com os camelôs que, a essa altura, já haviam ocupado totalmente a praça com uma ampla variedade de produtos ofertados, entre comidas e bebidas. O blog e as redes sociais foram o modo encontrado pelo grupo de comentar o andamento do evento, sobretudo com relação aos problemas enfrentados com as reclamações da vizinhança – notadamente residencial –, devido ao alto volume de som nos dias de semana, em uma região da Lapa com movimentação noturna menos intensa do que no restante do bairro. As reclamações geraram a presença da polícia em algumas edições do evento. Nessa época, o Nova Lapa Jazz lançou um abaixo-assinado via internet, intitulado "Abaixo-assinado pelo movimento de revitalização da Rua da Lapa", no qual almejavam a obtenção de um alvará para a realização dos shows. Neste constava:

> Com pouco mais de 300 metros de extensão e cercada de casarios históricos [sic], a Rua da Lapa não renasceu com a revitalização do restante do bairro. (...) O contraste tem como marco divisor os Arcos: no lado A da Lapa, o charme restaurado e o comércio revitalizado nos sobrados das ruas do Lavradio, Mem de Sá e Riachuelo; no lado B, o abandono e a desordem

[88] Depois que o grupo parou de tocar na Lapa, o blog foi retirado da rede. Como o investimento etnográfico que fiz nesse evento ainda não era claro para mim nessa época, não tive a oportunidade de guardar os textos disponíveis no blog. Dessa maneira, reconstituo a trajetória do evento através do que lembro ser mais presente nas edições que assisti e nas postagens do blog que li.

> das ruas da Lapa, Taylor e Joaquim Silva (...). Dentro deste contexto e da necessidade de rever esta proposta de "revitalização", ou melhor, conservação do bairro, este abaixo assinado tem como principal objetivo chamar a atenção do governo e dos moradores locais para a regulamentação de eventos em espaços públicos (...). Estamos fazendo um evento semanal na praça das esquinas da Rua da Lapa com a Rua Taylor e Rua Joaquim Silva (esse evento ocorre todas as quartas feiras de noite). O público que frequenta o evento cresceu muito nos últimos meses e está chegando a mais ou menos 700 frequentadores por noite. (...) O show das quartas-feiras acelera o comércio local e estimula a revitalização da Rua da Lapa e adjacências. (...) Pedimos a todos que assinem essa petição para fortalecer o levantamento do alvará que nos permitirá fazer eventos no espaço público tão abandonado da região em questão.[89]

A petição foi assinada por mais de mil pessoas. Mais importante que isso, entretanto, é notar que ao reivindicar o alvará de liberação, o grupo alude à noção de "revitalização" para justificar a necessidade de intervenção nesse espaço e legitimidade de seu evento. Justifica também a existência de "dois lados" da Lapa para dizer que este, onde fazem o evento, não recebeu os investimentos necessários. E ainda lança mão de um outro argumento: há um "abandono" desta região. O que parece contraditório neste caso já que os problemas enfrentados para o evento permanecer no local estão justamente ligados à presença de moradores neste mesmo espaço. Sem a força de um grupo consolidado de empresários, mas igualmente sem querer permanecer na ilegalidade, como acontece com as outras práticas vinculadas a este lado da Lapa, a iniciativa do grupo de tentar obter o alvará não teve sucesso.

Até o início de Agosto, o evento continuou ocorrendo na Lapa, mas não mais no Bar do Alemão. Ainda na "praça do jazz", o grupo se estabeleceu em frente ao bar vizinho ao de Alemão por um tempo. E depois, saíram da praça e passaram a tocar na própria Rua Taylor. Em quatro meses, o público do jazz passou de cinquenta pessoas para quase mil, conforme pude observar. O crescimento no número de vendedores ambulantes certamente atingiu as mesmas proporções. A presença do evento passou a ecoar também em meus interlocutores da Rua Joaquim Silva. Alguns que eu já

[89] Petição online feita em Junho de 2011. Disponível em: <http://www.peticaopublica.com.br/?pi=P2011N12005> (Acessado em 05/06/2012).

conhecia de vista, porque trabalhavam como camelôs somente na sexta-feira à noite, começaram a vender também no jazz na quarta. Além disso, na mesma semana em que o Choque de Ordem interrompeu o pagode do Braseiro da Lapa, bar de Luís e seu irmão na Joaquim Silva, o mesmo tipo de repressão ocorreu no "Jazz no Buteco". Luís comentou comigo sobre a dimensão alcançada pelo evento de jazz e as possibilidades que poderiam surgir por meio dessa visibilidade. A mais esperada por ele é que as repressões aos eventos ocorridos daquele lado da Lapa diminuíssem, afinal, o evento dos "meninos do jazz" demonstrava a potencialidade da região.

No entanto, aconteceu o contrário. No dia 10 de Agosto, antes que o show começasse, os agentes do Choque de Ordem interromperam o início do jazz, com ameaça de apreensão dos instrumentos e cancelamento do evento. Duas semanas depois, nas redes sociais foi anunciado pelo grupo a realização dos shows em uma nova localidade: uma pequena praça ao lado da Praça Tiradentes, com apoio da subprefeitura do centro e do Centro Cultural Carioca. As reações entre meus conhecidos que frequentavam o evento foram variadas. Um dos rapazes que dividia o apartamento comigo em Santa Teresa achava que o jazz perderia muito público saindo da Lapa, pois, para ele, tratava-se de um local de passagem para quem vive na Lapa, Santa Teresa, Bairro de Fátima ou Glória. A Praça Tiradentes era considerada "mais afastada" e, de fato, ele não foi mais ao jazz após a mudança. Uma garota que vivia no mesmo edifício que eu e que encontrei algumas vezes no evento, entretanto, disse que aprovou a mudança, pois a Praça Tiradentes tinha uma "energia" melhor que a Lapa, local que ela considerava ser de "energia pesada". Ela ressaltou também o aspecto dessa pequena praça ser atrás do IFCS (Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da UFRJ), atraindo assim um público mais seleto, universitário, já que na Lapa sempre tem "todo tipo de gente". Com isso, ela se referia certamente ao fato de que, apesar de congregar muitos jovens de classe média, o jazz enquanto ocorria na Lapa congregava igualmente moradores de rua que vivem naquela região, por exemplo.

Em uma das edições do evento na Lapa, presenciei a seguinte situação: antes do início do show, o saxofonista da banda avisou que ocorreria naquela noite uma filmagem do evento. Tratava-se da confecção do primeiro vídeo clipe do grupo. Quando as filmagens começaram, uma moradora de rua estava entre as pessoas que ocupavam os lugares mais próximos em torno da banda. Ao contrário do restante das pessoas que assistiam ao show, mas estavam preocupadas em dar espaço para os

rapazes que faziam a filmagem, a moradora de rua, que parecia possuir algum tipo de transtorno mental, dançava bem em frente às câmeras, se esforçando ao máximo para aparecer no vídeo. A situação estava nitidamente perturbando os rapazes que filmavam e também os integrantes da banda. No intervalo, um dos integrantes do grupo tentou pedir para que ela não atrapalhasse mais a gravação. Isso gerou uma reação desesperada por parte da mulher, que passou a chorar e foi consolada por um segundo integrante da banda, que inclusive a abraçou. Ela, desse modo, pareceu ter "entendido o recado" e, no segundo momento do show, ficou mais afastada, apesar de às vezes ainda insistir em dançar em frente à câmera. Apesar da atitude pacífica e conciliadora dos membros da banda para com a moradora de rua, ficou claro que a presença do evento naquele espaço não condizia com seus usos ordinários. Por outro lado, a fala de minha vizinha, quando disse que a "energia" da Lapa era afetada pelo fato de que lá "tem todo tipo de gente", revelava justamente o contrário: um evento como o jazz é que, na opinião de alguns, não condizia com a atmosfera daquele lado da Lapa.

Em meio a estes dados e à relevância que o evento passou a apresentar no contexto de minha pesquisa, decidi procurar os membros da banda para entender, da parte deles, qual era a relação com a Lapa e o que havia acontecido em torno do evento. Queria entender ainda as razões da escolha daquele local para realizar os shows. Iuri, saxofonista da banda me recebeu em duas ocasiões para conversarmos, acompanhado de Gabriel, o baixista, ambos com pouco menos de 25 anos de idade e criados na zona sul da cidade. Eles contaram que o início se deu com o intuito de fazerem ensaios abertos, no estilo *jam session*, em algum bar da Lapa. O baterista do grupo possuía o contato do Alemão e eles ainda tinham um segundo contato, do dono de um bar vizinho ao já citado Bar da Cachaça, do outro lado dos Arcos. Depois de contatar os dois donos de bares, decidiram fechar com o Alemão. Isso porque a proposta de Alemão era melhor em termos financeiros e o espaço para shows ali (na garagem) era mais amplo do que no outro bar. O acordo feito foi de que tocariam todas as quartas e o cachê seria de vinte e cinco reais por músico. Em dois meses, o público já tinha chegado a quase 500 pessoas, algo totalmente inesperado para o grupo. Assim, "começaram os problemas", diz Iuri. O primeiro foi com o próprio Alemão, que não queria reajustar o valor pago aos músicos e chegou a pagar, em determinado momento, um máximo de cinquenta reais por músico. Ele dizia aos rapazes que seu lucro era

limitado, pois a maior parte das pessoas acabava consumindo em camelôs e outros bares, já que o acesso ao seu bar tornava-se dificultado, afinal ali estavam os músicos.

Partiu do próprio Alemão, mas também dos camelôs, a pressão para que a banda controlasse a presença dos ambulantes no local. Iuri me diz: "quando eu vi, já tinha virado *dealer* de camelô na Lapa" [90]. Alemão achava que o cachê devia ser pago pelos camelôs, afinal eles também estavam lucrando com os shows da banda. Segundo Iuri e Gabriel, alguns camelôs pediram para que eles mesmos fizessem isso, pois restringiria as pessoas que poderiam ou não vender ali. Isto é, se a banda tivesse o controle de quem pagou o cachê, os próprios camelôs que fizeram a proposta exerceriam as práticas de controle de quem poderia ou não vender. Em duas semanas, diz Iuri, ele já tinha um caderninho com todos os nomes de vendedores anotados. Antes do show, passava de carrinho em carrinho confirmando quem havia pagado os quinze reais. Havia um grupo mais articulado, segundo ele, composto por uma mãe, um filho e um terceiro vendedor. Estes tinham outro caderninho com os mesmos nomes e, sempre após a checagem de Iuri, copiavam para o seu próprio caderno quem havia pagado. Iuri, no entanto, conta que às vezes acabava burlando esse sistema, como no caso de um garoto que sempre dizia que tinha poucas cervejas no isopor e que a mãe estava em casa doente. Ele acabava marcando o pagamento do garoto, quando na verdade não havia. Como fiscalizador de camelôs, Iuri afirmou que não teve muito sucesso.

Nas últimas noites do evento na Lapa, ele desistiu de fazer a checagem dos pagamentos. Na mesma época, soube por conhecidos que trabalhavam na prefeitura que as denúncias eram constantes por parte dos moradores e logo o Choque de Ordem interviria definitivamente no evento. Iuri disse para os vendedores que não poderia ser responsável por tudo aquilo caso os fiscais da prefeitura aparecessem. Em nossas conversas, ele repetiu várias vezes a frase "eu não queria virar inimigo do estado, sabe?". Ainda contou ter perguntado aos ambulantes: "quando o Choque de Ordem aparecer, vocês vão correr ou vão ficar aqui comigo?". Em seguida, ele mesmo completou a frase, dizendo: "E no fim, no dia em que o Choque de Ordem chegou, eles correram...".

---

[90] A palavra *dealer* em inglês refere-se a qualquer tipo de negociante, vem do verbo *to deal* (lidar). É muito comum o uso do termo para designar atividades ilícitas, tais como *drug dealer* (traficante de drogas).

As reclamações que levaram à intervenção do poder público, conta Iuri, vinham, sobretudo, do prédio que fica logo acima da praça onde o evento aconteceu a maior parte do tempo. No início, eles recebiam muitas queixas individuais e desferidas diretamente, tais como pessoas que iam até o show e diziam: "tenho insônia", "estou grávida", "minha mãe está doente", entre outros problemas. Até que outros representantes do edifício passaram a procurá-los de maneira mais formal. Havia um homem que se dizia "líder" do edifício e os procurava para fazer negociações na qual exigia coisas como o volume do som mais baixo e o fim do show até meia-noite. Para outro homem, no entanto, que se dizia o síndico, mas não morava no prédio, bastava que eles impedissem que os ambulantes bloqueassem a garagem do prédio. Quando estes acertos começaram a acontecer, no entanto, "o Choque de Ordem chegou", diz Iuri, e eles tiveram que ir embora. No início, os ambulantes chegaram a perguntar se poderiam ir junto para o mesmo lugar. Iuri não sabia como seria e não pôde garantir nada. Alguns foram, mas a pressão da Guarda Municipal na Praça Tiradentes foi grande por se tratar de um evento em parceria com a subprefeitura, e, portanto, a presença de camelôs ficou bem mais restrita.

Na mesma época em que o evento foi transferido para a Praça Tiradentes, Marlene perguntou a mim e a Raquel, outra professora de inglês do projeto, se conhecíamos os tais rapazes do jazz. Marlene nunca esteve no evento vendendo bebidas, no entanto sabia de sua existência e sucesso. Provavelmente, associou nosso perfil ao público que frequentava o jazz. Ela tinha uma proposta a fazer aos rapazes e nos pediu para que fôssemos suas porta-vozes. A proposta era a de que ela organizasse o show deles na Rua Joaquim Silva aos domingos, no trecho em frente à sua casa. Ela pagaria um cachê fixo e alto, conforme nos disse, no entanto, a venda de bebidas no evento seria de sua exclusividade.

Raquel e eu conversamos sobre o assunto e decidimos que o melhor seria propor que nós a acompanhássemos até a Praça Tiradentes em uma quarta-feira e ela mesma fizesse a proposta à banda. Assim, nós não faríamos a mediação da maneira que ela queria, apenas a apresentaríamos aos rapazes. Marlene acabou então recuando e nunca efetivou a proposta. Conversando com Iuri depois, ele mesmo me contou que já havia recebido um convite do que chamou de "cartel de camelôs da Joaquim Silva", para tocar lá. Nessa proposta, eles receberiam um valor fixo de três mil reais pagos por um grupo de ambulantes que controlaria a venda de bebidas. No mesmo período,

entretanto, a subprefeitura acabou apresentando outra proposta e eles acataram, por entender que "dentro da legalidade", seria mais fácil obter apoio financeiro e concorrer em editais públicos de incentivo a projetos culturais.

O evento "Jazz no Buteco" e os desdobramentos em torno dele possuem um caráter bastante elucidativo das práticas que caracterizam esta região da Lapa – a Rua Joaquim Silva e seu entorno. Demonstram ainda a peculiaridade da relação estabelecida pelos membros da banda com estas práticas. Primeiro, o impasse com Alemão e os camelôs. Em seguida, com os moradores e o Choque de Ordem. Nota-se que a estratégia desempenhada por eles ao tentar resolver a situação é dúbia, pois ao mesmo tempo em que cedem à lógica proposta pelos camelôs e por Alemão de tentar criar uma regulação paralela para os problemas do evento (como excesso de camelôs e volume do som alto), fazem também uma petição pública requerendo sua legalidade, através de um alvará.

Neste jogo entre o legal e o ilegal, que no fim culmina em duas propostas – permanecer na região bancados pelos camelôs ou aceitarem a proposta da subprefeitura –, optam pelo legal. Mas essa opção, é preciso lembrar, não está colocada para todos que realizam suas atividades ali. Há uma especificidade do tipo de evento feito pelo grupo Nova Lapa Jazz e do público atraído por eles. O alvará para tocar na Lapa não saiu, entretanto, a subprefeitura fez uma proposta e o espaço que eles desejavam foi garantido. Ficar ou não na Lapa não era uma questão para os músicos como é para Marlene, Luís e tantos outros. Eles desejavam um lugar para tocar e não necessariamente precisava ser a Lapa. Apesar disso, eles reforçam que gostavam mais do clima oferecido pelo bairro do que pela praça, já que lá "passava gente de todo o tipo" que acabava se atraindo pelo som deles, era uma boa "vitrine" para o grupo. A escolha da Lapa para dar início ao projeto não é aleatória, no entanto a possibilidade de sair dali é facilmente acatada. Ainda que substituível, há uma relação construída com esse espaço pelos músicos e seu público.

CAPÍTULO 3: SÁBADO E DOMINGO.

3.1) Outros cheiros, outros sons.

> Tentei não sentir o forte cheiro de urina da madrugada queimando no sol da manhã. Não tocava funk, nem samba, nenhum ambulante gritava. Ouvi apenas água escorrendo, vassouras esfregando a calçada imunda da noite anterior. Martelos e furadeiras em ação, as oficinas mecânicas e outros estabelecimentos já abertos, mas poucas pessoas na rua. A Avenida Mem de Sá parecia abandonada sem nenhum dos bares funcionando, deu até receio de passar por ali. Preferi caminhar pela Riachuelo, mais movimentada.[91]

Esse relato foi feito após uma das primeiras ocasiões em que caminhei pela Lapa em um sábado de manhã. Tal impressão marca um forte contraste com o que, na época, eu conhecia do bairro através das noites de sexta-feira e dos dias de semana. Ao longo do tempo pude compreender com maior precisão as características do trânsito existente na Lapa aos sábados e domingos.

No sábado pela manhã, além da limpeza e manutenção dos bares, casas de show e restaurantes, nos quais o trabalho é intenso na noite anterior, há também uma circulação mais marcada pela presença de moradores e poucas pessoas de fora. Assim, se explica o fato da Rua Riachuelo, com inúmeros edifícios residenciais e comércio de serviços básicos, ser mais movimentada do que a Av. Mem de Sá nesse período. Percebi igualmente que, nesse mesmo horário, há muitos que caminham rumo à Praia do Flamengo e outros que vão à feira do Bairro de Fátima, na Rua Tadeu Kosciusko. Pela tarde e pela noite, o movimento nos bares começa a se intensificar, mas é menor do que a movimentação de sexta-feira.

No domingo, a dinâmica é parecida com a do sábado. Pela manhã e ao longo do dia, pouca movimentação, ainda menor do que no dia anterior. A maior parte do comércio na Rua Riachuelo fica fechada. Apenas dois grandes supermercados abrem até às 14h e, depois disso, somente algumas lanchonetes, uma padaria e uma farmácia funcionam até o início da noite. Acontece também até às 14h a feira da Glória, que

[91] Escritos do diário de campo (Novembro de 2007).

além de agitada, é muito extensa. É possível ver que muitos circulam pela Lapa com carrinhos e cestas de feira, colocando em evidência o trânsito de pessoas entre os bairros. No fim da tarde, há movimentação nos bares, muitas vezes em razão das partidas de futebol – os aparelhos de televisão estão presentes em todo tipo de estabelecimento, dos mais simples aos mais sofisticados.

Existe, no entanto, outra forma de circulação feita de maneira bastante intensa nesse dia e horário. Trata-se dos cultos que ocorrem nas igrejas evangélicas: Assembleia de Deus, Igreja Universal do Reino de Deus, Igreja Batista, entre outras. É curioso notar que pude captar esta situação não através do trânsito de pessoas com trajes característicos, portando a bíblia ou signos correntes da fé cristã, mas sim, em razão das músicas que ecoam de todas estas igrejas e que podem ser ouvidas por quem anda pelas ruas onde elas se situam.

3.2) Aproximações e afastamentos: relações vistas a partir do Bar Semente.

Se o domingo é o dia mais tranquilo no final de semana com relação à movimentação de frequentadores, um bar específico se beneficia justamente desta calmaria presente no bairro para dar lugar às suas principais atrações musicais. A poucos metros da casa de Marlene e do MEC, fica o bar Semente. Situado na Rua Joaquim Silva, esquina com a Rua Evaristo da Veiga, existe desde 1997 e tem como dia mais importante e movimentado em seu calendário de shows, justamente o domingo. Uma das razões é aproveitar a pouca movimentação de pessoas e camelôs na rua, já que as principais atrações do bar são shows de música ao vivo e instrumental. O barulho que vem de fora, portanto, muitas vezes atrapalha os músicos e a apreciação do público. A trajetória do local se articula aos já citados atores que entendem que a Lapa "renasceu" através da música e principalmente do samba. É nesse contexto que o Bar Semente se encontra, sendo considerado "um dos pioneiros" no bairro. Em matéria de 2008, que trata da história do Semente, capa do Segundo Caderno do Globo, consta o seguinte:

> No pequeno palco do Semente, bar que fica na Rua Joaquim Silva, na Lapa, um time do primeiro escalão da música brasileira se reúne (...). Esta cena é comum, quase que diariamente, no bar que há dez anos funciona no bairro, um dos pioneiros, o mais alternativo e o que reúne mais músicos por metro quadrado (PIMENTEL, 13/04/2008).

Dada a intenção de investigar em maior profundidade o bar, realizei uma noite de observações no local antes de procurar seus responsáveis. O Semente está instalado em uma casa térrea pintada de verde, com quatro grandes janelas e uma porta entre elas, sendo que a fachada é tombada. Duas das janelas dão para a Rua Joaquim Silva, enquanto as outras, para a Rua Evaristo da Veiga – a vista destas últimas são os Arcos da Lapa. A entrada no bar Semente tem o custo fixo de 18 reais. O local funciona todos os dias, com exceção de sexta-feira. O clima é bastante intimista, trata-se de um lugar pequeno, com capacidade máxima para setenta pessoas. Há um pequeno palco quase no nível do chão. Meia-dúzia de mesas espalham-se em frente a este.

No final da primeira noite em que estive ali, justamente em um domingo, abordei a pessoa que estava no caixa, falei brevemente de minha pesquisa e perguntei sobre a possibilidade de falar com o responsável pelo bar. Um garçom que escutava nossa conversa ao lado me disse: "A Aline, é ela a dona, ela aparece aqui na segunda-feira, vem com o Yamandú Costa"[92]. O rapaz ainda prosseguiu dizendo que Yamandú era também um dos sócios da casa. Perguntei se havia alguma forma de conseguir o contato de Aline, já que não poderia voltar à casa naquela segunda-feira. A moça balançou a cabeça e não soube o que dizer, mas o rapaz me deu um folheto que divulgava o acontecimento de uma festa no Clube dos Democráticos e me disse que a festa era organizada por Aline e que ela mesma cuidava de responder o e-mail que estava no folheto de divulgação. Mais tarde, quando me despedi, o garçom me disse: "Você já vai? Ainda é cedo. Mais tarde começa a aparecer um pessoal, a Marisa Monte[93] vem aqui às vezes, você sabia?". Novamente agradeci o contato de Aline e reafirmei que precisava mesmo ir embora. Percebi logo nesse contato inicial o quanto a questão da música, especialmente samba e musica popular brasileira, aparecia como um código relacional importante neste ambiente, algo que foi plenamente confirmado depois.

Após um contato por email, na semana que antecedia o Carnaval, fui ao bar encontrar Aline, a proprietária[94]. Quando começamos a conversar, contei rapidamente sobre a pesquisa e pedi para que ela falasse um pouco sobre como chegou à Lapa.

---

[92] Conhecido violonista e compositor gaúcho.

[93] Conhecida intérprete de sambas e da música popular brasileira de maneira geral.

[94] Entrevista realizada no 3 de Março de 2011 no bar Semente e gravada.

Aline é gaúcha e veio viver no Rio de Janeiro em 1997, para fazer um curso de mestrado em Engenharia de Produção. Sempre gostou de música, especialmente choro e samba, e acabou se aproximando do circuito existente na Lapa como frequentadora, até se tornar produtora e abandonar sua área de trabalho para se dedicar exclusivamente a isso.

O Semente começou a existir como bar em 1997. A professora de estatística da UERJ Regina Weissmam e o psicanalista Oswaldo Krowoski, frequentadores do restaurante, que já possuía o nome de Semente, resolveram alugar o imóvel e transformá-lo em bar quando souberam do fechamento deste[95]. Com o tempo, o Semente acabou se transformando em um importante palco para músicos de samba e de choro e Regina passou a ser considerada, de acordo com Aline, "uma espécie de mecenas da música", por abrir espaço a músicos iniciantes na casa. Em 2001, já frequentadora assídua do bar, a gaúcha ajudava Regina com a programação. No ano seguinte, no entanto, os proprietários não quiseram dar continuidade ao bar e fecharam as portas. Estavam endividados com multas devido ao alto volume da música, já que naquela época o movimento do lado de fora na rua era infinitamente menor, e, além disso, a casa precisava de reformas. Passado um tempo, contudo, um grupo de frequentadores descobriu que Regina ainda seguia pagando o aluguel do imóvel, apesar de manter o bar fechado. Em uma ocasião, reabriram o bar para comemorar o aniversário do filho de Oswaldo, que também era um dos músicos que tocava na casa. Aline conta:

> Aí se reuniu nesse dia um monte de gente, teve uma roda de choro linda, foi um momento mágico. No final, tinha um pequeno grupo aqui, a gente se olhou e falou: 'esse lugar tinha que ficar aberto.... pois é, tinha, então vamos montar um projeto para isso!' (…) A gente se reuniu no dia 28 de Dezembro de 2003 e montou um projeto chamado Comuna do Semente, que duraria três meses.

O projeto consistia em uma forma de reabrir o bar somente aos domingos entre amigos, em que cada um faria um pequeno investimento inicial de dinheiro e todos trabalhariam nas noites nas diferentes funções. Os músicos tocariam de graça e haveria

[95] Tais informações também constam na já citada matéria de jornal sobre o bairro (Pimentel, 13/04/2008).

ainda cobrança de uma taxa de entrada que seria investida na reforma da casa. Nessa época, o bar se chamou Comuna do Semente, devido ao caráter coletivo do empreendimento[96]. Após o fim da Comuna, Regina não pôde mais pagar o aluguel e Aline acabou assumindo o Semente sozinha. Abandonou a proposta da Comuna e a partir daí, diz: "me apeguei à única coisa que eu poderia me apegar: a música e os músicos". Hoje tem como sócio o músico, e também gaúcho, Yamandú Costa, como já havia sido mencionado pelo garçom no outro dia. Ela abandonou seu antigo emprego e atualmente se dedica ao bar e ao projeto no Clube dos Democráticos[97]. Às sextas-feiras, o Semente não abre, não só devido ao fato de que Aline está envolvida com outro evento, mas também pelo excesso de barulho na rua existente hoje na rua, que praticamente inviabiliza a apresentação dos músicos dentro da casa. Ainda sobre o bar, ela diz que aos poucos o vem "profissionalizando" e o tornando "sustentável". O maior desafio, diz Aline, é estar em um "lado da Lapa tardio na chegada da revitalização". Ela completa:

> A história da legalização do Semente é difícil aqui na Lapa, os casarões são antigos, tombados e tem uma coisa de ser um lugar de entretenimento, cultural, diversão e também tem uma questão das pessoas morarem aqui que não combina, não é funcional (...) Eu estou numa área que está muito degradada ainda, a valorização não chegou aqui.

Aline identifica que a existência de moradores nessa região seja um impeditivo para a prosperidade de seu negócio. No entanto, dirige suas críticas também ao poder público. Ela diz que a única melhoria que viu nos últimos anos foi a pintura dos Arcos

---

[96] A Comuna do Semente, que concretizou a reabertura do bar após um período de fechamento, foi um episódio que chamou bastante a atenção do público ligado ao choro e samba, sobretudo pela proposta diferenciada de não haver um único proprietário e também pelo uso de alimentos e bebidas comprados de pequenos produtores e até do Movimento dos Sem Terra (MST). Está disponível no portal Samba e Choro uma matéria sobre o episódio da Comuna do Semente: <http://www.samba-choro.com.br/casas/395> (Acessado em: 25/02/2011).

[97] O Clube dos Democráticos foi fundado em 1867 através de uma associação carnavalesca. Hoje é ainda presidido por uma diretoria composta por sócios, há em sua sede na Rua do Riachuelo, um parque aquático e também um salão de festas. Este último, além dos bailes do próprio clube, abriga eventos de gafieira e forró organizados por produtores culturais diversos, tais como Aline. Informações sobre o clube disponível em: http://www.clubedosdemocraticos.com.br/11.html (Acessado em: 25/07/2012).

da Lapa[98]. Mas entende que isso seja ainda muito pouco, pois apesar da pintura, moradores de rua seguem dormindo embaixo do monumento. Sem contar a permanência dos camelôs na Lapa, aos quais ela se opõe ferrenhamente. Além disso, ela diz que houve, depois do já citado projeto "Lapa Legal" do governo municipal, a implantação de banheiros químicos logo após o Semente, no início da Avenida Mem de Sá. Sobre estes equipamentos, ela atesta que não há manutenção, tampouco um serviço de limpeza apropriado. Aline não hesita em dizer: "isso aqui é sujo!". A sujeira e a periculosidade do local aparecem aqui, através da fala de Aline, evidenciando novamente uma forte estigmatização desse espaço.

Sobre os bares da vizinhança, com exceção do vizinho – Irish Pub Lapa –, Aline julga ser "impossível manter relações", pois a maioria deles já foi apreendida com drogas e estão ligados a casos de assalto e assassinatos na rua. Estas questões geram um problema que Aline identifica não apenas como uma questão visual, mas como algo que afasta um público potencial de seu bar. O Semente, no entanto, é um dos bares associado ao Polo Novo Rio Antigo, associação na qual Aline diz que insiste em discutir a "questão da Rua Joaquim Silva". Para ela, contudo, entre os donos de bares associados ao Polo, há um claro jogo de interesses e poder na obtenção de benefícios. Neste jogo, os proprietários de estabelecimentos na Rua Joaquim Silva teriam menos poder, em oposição a outros, como, por exemplo, os da Rua do Lavradio.

Apesar disso, Aline diz sobre o entorno: "Eu sou apaixonada por esse lado, acho que é o mais lindo e o mais mal aproveitado, além de ser uma beleza internacional". Na reforma que pretende para o Bar Semente, ela irá fechar as janelas, para que o barulho do público da rua do lado de fora não atrapalhe mais do lado de dentro. No entanto, fará com janelas de vidro acústicas para não perder a tão valorizada vista dos Arcos da Lapa, mencionada, inclusive, pela cantora Marisa Monte em já citada reportagem sobre o bar quando comenta sobre o local: "Já estive lá diversas vezes, em noites memoráveis (...) Gosto muito da atmosfera, do público da Lapa e da janela dando para os Arcos" (Pimentel, 13/04/2008).

Aline ressalta ainda o fato de que, apesar de todos os problemas, acredita que possui um público fiel e que se diferencia de outras casas da Lapa, como o Carioca da Gema e o Rio Scenarium, por ser menos turística e valorizar mais a música de

[98] Os Arcos da Lapa foram restaurados em 2011, tendo o processo consistido basicamente na limpeza e pintura dos mesmos (O Globo online, 26/03/2011).

qualidade. Ela diz que apesar de muitas vezes essas outras casas levarem os créditos por terem supostamente lançado músicos como Teresa Cristina e o Casuarina, todos eles começaram, na verdade, no Semente. Assim ela reforça ainda mais a importância da música, sobretudo do samba, no estabelecimento de seu vínculo, tanto afetivo, quanto profissional, com o bairro.

Aline havia citado o Irish Pub como a única casa no mesmo padrão que o Semente naquela região da Lapa. O pub fica a poucos metros da Rua Joaquim Silva, na Rua Evaristo da Veiga, em frente aos Arcos. Assim decidi entrevistar também os responsáveis pelo bar e pedi para que ela me indicasse[99] a eles. O *pub* encontra-se no andar de baixo de um *hostel*, na Rua Evaristo da Veiga, duas casas antes do imóvel ocupado pelo Semente. A programação do estabelecimento gira em torno de atrações de música ao vivo de rock e blues e um de seus maiores atrativos são as cervejas importadas. Os proprietários são dois sócios, um deles namorado de Fernanda, gerente da casa, que me recebeu para conversar.

Antes de começar a conversa, expliquei à gerente um pouco de minha pesquisa e ela logo quis me esclarecer: "você precisa saber que a gente não se considera parte da Lapa, estamos aqui por acaso, porque foi aqui que conseguimos instalar o bar, mas eu não escondo que preferia estar em outro lugar". Seu público, ela diz, é outro, diferente daquele que normalmente circula pela Lapa, pois aprecia rock e cervejas importadas e certamente o bar seria muito mais cheio se estivesse em outro lugar da cidade, ela diz repetidamente.

Fernanda, que mora no bairro de Laranjeiras, praticamente não circula pela Lapa sozinha desde que foi assaltada e agredida na rua enquanto ia ao banco. Procura denunciar, através da internet, os problemas do bairro como a sujeira, a falta de segurança e o descaso do poder público, pois já desistiu de chamar a polícia. Esta, de acordo com ela, "só vem quando é para multar a casa pela altura do som, mas quando alguém é assaltado, não aparece". Perguntada sobre a relação com o Polo Novo Rio Antigo, diz que apesar de estarem associados, não enxerga muito a atuação deste em benefício do Pub, do mesmo modo que não participa ativamente das reuniões e

[99] Aline, bastante solícita, se ofereceu também para me indicar donos de outros bares e representantes do próprio Pólo Novo Rio Antigo. No entanto, como a intenção era não estender a rede para muito além da Rua Joaquim Silva, optei por fazer a ponte apenas com o Irish Pub Lapa e um frequentador do Semente.

atividades. A conversa que tivemos teve um tom bastante formal, no sentido de que ela manteve uma postura quase de “assessora de imprensa” do bar. Fernanda nunca teve uma relação com a Lapa antes de trabalhar no bar e acha o bairro “perigoso”. Ela entende ainda que o estilo do empreendimento no qual trabalha não encontra uma rede de relação que o suporte e fortaleça na região. E, nesse sentido, a música entra como um fator fundamental.

De volta ao que foi elucidado no primeiro capítulo em torno do circuito do samba e novamente por Aline, no caso do Bar Semente, a ausência desta relação faz com que Fernanda, conforme ela mesma diz, tenha a sensação de que seu bar está apartado da Lapa simbolicamente. O que parece não ficar claro para ela, no entanto, é que mais do que o “território do samba”, a Lapa é um excelente lugar para ter um bar como este na cidade. É por ali que circulam à noite boa parte dos turistas estrangeiros. O Irish Pub não carece de público e isto por si só já garante uma relação intensa com a Lapa. Intensa a tal ponto que o desfecho de nossa entrevista, na qual ela parecia estar pouquíssima interessada em falar sobre a Lapa, terminou com um inusitado convite. Fernanda me perguntou se eu falava inglês e se gostaria de trabalhar no bar como garçonete. Ela garantiu que pagava bem e que tinha dificuldades em encontrar pessoas que possuíam domínio de tal idioma para lidar com seus inúmeros clientes estrangeiros.

O mesmo ponto que fortalece o negócio de Fernanda, entretanto, é o que tem feito Antônio frequentar menos a Lapa nos últimos anos. Antônio é amigo de Aline e, de acordo com ela, assíduo frequentador da Lapa e do Bar Semente. Nosso primeiro contato se deu através de uma conversa por telefone, por indicação de Aline. Expliquei a Antônio que Aline me havia sugerido entrevistá-lo, ao que ele disse: “A Aline me pinta como um dinossauro da Lapa. É verdade que eu tenho andado por aí desde os anos 1980, mas não sei se eu vou poder te ajudar muito não...”; de todo modo, ele sugeriu um encontro ainda naquele dia. O lugar que Antônio propôs que nos encontrássemos era o forró da Rua do Mercado, próximo à Praça XV, na região central da cidade. Quando cheguei ao forró, por volta de meia-noite, o público, em sua maioria formado por jovens, começava a aumentar. Uma hora mais tarde havia um movimento significativo de pessoas. Em frente à casa onde a banda tocava, os jovens se concentravam consumindo bebidas dos vendedores ambulantes antes de entrar. Antônio tem por volta de 45 anos, se auto intitula boêmio e trabalha como engenheiro

e professor universitário. Seu cotidiano se estrutura em torno do trabalho e dos lugares que frequenta ao longo da semana para dançar.

Ao lhe contar sobre minha pesquisa e dizer que meu interesse era saber sobre sua relação com a Lapa, ele começou a narrar uma espécie de reconstituição da história da noite no Rio de Janeiro, que na visão dele passa totalmente pela dança e por diferentes estilos, tais como gafieira e forró. A Lapa passou a fazer parte do circuito de Antônio nos anos 1980, quando começou a frequentar a Gafieira Estudantina, na Praça Tiradentes, e o Circo Voador nas noites de quinta-feira, que eram de gafieira também. Um pouco depois desse período, ele diz, passaram a existir na Lapa o Empório 100 e o Semente, já no final dos 1990, dos quais ele se recorda com bastante entusiasmo, dizendo que a abertura desses bares representou um momento de "efervescência cultural" na cidade.

No entanto, ele entende que, atualmente, para o público com "bom poder aquisitivo" e que "gosta de dançar e de música boa", "a Lapa está caindo". Antônio tem a teoria de que isso ocorre por duas razões bastante específicas e ligadas à sua visão de mundo e estilo de vida: a fiscalização da lei seca que desestimula o público a sair da zona sul até a Lapa, mas também pela ampliação das casas de forró, gênero que tem feito bastante sucesso entre os jovens cariocas, e que, de acordo com ele, "a Lapa não congrega". [100] Além disso, Antônio comenta que a maioria das casas na Lapa se tornou excessivamente turística e por isso ele tem ido pouco ao bairro. Neste cenário, ainda prefere o Bar Semente e o Clube dos Democráticos, que aglutinam menos estrangeiros do que casas como o Carioca da Gema e o Rio Scenarium.

A relação de Antônio com o espaço da Lapa é bastante marcada pela dança. Menos do que o espaço em si, importa para ele a possibilidade de dançar de determinada maneira em cada um desses espaços. Neste momento, não identifica na Lapa um bom lugar para dançar e com isso seu vínculo com o local tem se enfraquecido. Mas isso não diminui a importância das situações que evidencia com

[100] Pude constatar que o forró, sobretudo no estilo referido como pé-de-serra ou de raiz, é um fenômeno crescente entre os jovens cariocas de classe média nos últimos anos. Ocorrem forrós durante a semana toda espalhados pelo centro do Rio de Janeiro e que possuem um público cativo. Alguns exemplos são o forró da Rua do Mercado às quintas-feiras, o forró do Centro Cultural Carioca na Rua do Teatro aos domingos e ainda, a Terreirada Cearense. Este último se localiza sim em um casarão na Lapa, aos sábados. Para um maior aprofundamento da relação de jovens com os circuitos de forró, ver pesquisa que trata do forró universitário na cidade de São Paulo (Alfonsi, 2007).

relação à Lapa, local que em algum momento teve forte centralidade em suas práticas de lazer, a ponto de ser considerado, por Aline, “um dinossauro da Lapa”.

Quando Aline me indicou seus contatos para que eu pudesse entrevistá-los, esperava encontrar pessoas com discursos muito próximos ao dela que me diriam que “a Lapa é samba” e reclamariam da falta de atenção do poder público ao bairro. Não foi isso que encontrei. Fernanda e Antônio, mesmo que mais próximos à negação, estão ligados ao bairro de suas próprias formas. Não tão declaradas como a de Marlene e Aline, mas igualmente importantes para sua composição. No entanto, mais importante aqui do que indicar qual o nível de vínculo que cada um estabelece com o bairro, é deixar claro que ele é composto por diferentes relações, tais como as aqui narradas.

3.3) “Brincadeiras” na rua e o “começo” da Lapa.

Figura 13: Crianças brincam na Rua Joaquim Silva na festa do dia das crianças (outubro de 2011).

Assim como Aline, que se beneficia da tranquilidade dos domingos para oferecer atrações musicais de qualidade em seu bar, o mesmo ocorre com os moradores da Rua Joaquim Silva. Ao longo do tempo, pude notar, que se a sexta-feira é um dia de lazer para as pessoas que vem de fora para a Lapa e para a rua, já para os moradores, o dia principal de lazer é outro: o domingo. Luís havia me dito que em seu bar ele trazia para tocar no domingo um grupo de pagode de sua cidade natal e aproveitava para celebrar aniversários de amigos e vizinhos. Considerava este o dia “mais importante” para o bar, apesar de lucrar menos do que na sexta. Marlene, em outra ocasião, quando lhe perguntei sobre por que a maior parte das festas que ela organizava ocorria aos

domingos, me disse: “eu não gosto de fazer em outro dia que tem muita gente aqui na rua”. Assim, é mais fácil organizar as chamadas “brincadeiras” de Marlene, que como ela diz “são todas na rua mesmo”. Apenas em uma ocasião fui convidada para um aniversário que seria na casa do aniversariante, em um apartamento logo em frente aos Arcos. Nas demais vezes, as festas ocorreram na rua e em bares. Cabe notar, no entanto, que o edifício com apartamentos em frente aos Arcos, no qual a festa citada ocorreu, é um dos únicos nesse estilo na rua. A maior parte dos outros funciona como cortiços, com cômodos muitos pequenos, nos quais seria difícil realizar um evento como este.

O uso da rua se coloca para os moradores da Rua Joaquim Silva como algo constante e cotidiano. Não é, de maneira alguma, apenas uma via de acesso às suas casas. Ali, muitas vezes trabalham, como fazem os camelôs na noite de sexta, ou Marlene, todos os dias. Da mesma forma, colocam cadeiras para conversar na rua ou mesmo se sentam no meio fio para brincar, no caso das crianças[101].

A rua torna-se quase uma extensão da casa[102]. Ainda assim, a Rua Joaquim Silva possui, obviamente, circulação livre e se a frequentação noturna diminui no domingo, a diurna, mesmo sendo significativamente menor, permanece. O fluxo é, principalmente, de turistas estrangeiros. Nesse sentido, presenciei duas cenas bastante marcantes, ambas ocorridas no feriado de 12 de outubro, quando foi celebrado o dia das crianças.

A festa para as crianças da rua foi, como de costume, organizada por Marlene.

---

[101] Outro fator curioso que acredito marcar esse mesmo aspecto é a presença de alguns cachorros na rua que são conhecidos por todos. O mais célebre deles é Toddy, um vira-lata com traços de boxer. Quem cuida dos cachorros é Bira – também funcionário do MEC. Ele costuma colocar os potes com ração e água para os animais em frente ao projeto nos dias de semana e, nos finais de semana, em frente à sua casa. Bira também é morador de cortiço, o que inviabiliza os animais ficarem todos dentro de casa (apesar dele afirmar que Toddy às vezes dorme do lado de dentro). Mais uma vez, isso mostra que o tipo de habitação em que vivem essas pessoas influencia diretamente na relação que passam a estabelecer com a rua. Os animais de estimação pertencem à Bira, no entanto, são criados na rua.

[102] O questionamento da dicotomia entre casa e rua não é novidade na discussão urbana contemporânea. Cabe notar, no entanto, que no Brasil tal dicotomia tornou-se notória através dos estudos de Roberto DaMatta, inspirados na reflexão de Gilberto Freyre (DaMatta (1997 [1984]): 16). Como demonstra Agier (2011: 84), a mesma distinção está presente sistematicamente nos estudos urbanos norte-americanos “tributários de um *a priori* ecológico durante muito tempo”.

Ela conseguiu apoio de alguns comerciantes locais, sobretudo donos de bares, para comprar presentes para as crianças e instalar um pula-pula. Os preparativos foram feitos dentro do projeto social e também na casa de Marlene. Enquanto ela e outras mulheres preparavam baião de dois e outros quitutes em sua casa, no MEC, um grupo de pessoas (no qual eu estava inclusa) organizava os saquinhos com presentes e doces que seriam dados às crianças. Também enchemos bexigas e organizamos as mesas na rua.

Enquanto organizávamos os preparativos, Bira apareceu dentro da casa bastante embriagado e chateado. Ele começou a esbravejar dizendo que, mais uma vez, tinha discutido com Selarón na Escadaria. O problema, dizia ele, é que Selarón se achava "dono da Escadaria" e haveria, já há muito tempo, estipulado um horário no qual os moradores poderiam permanecer nesta: antes das 7 da manhã e após as 6 da tarde. Bira dizia não concordar com isso, já que a Escadaria sempre foi usada por todos normalmente. Ele se utilizava ainda de outro argumento, dizendo que o artista chileno "nem era de lá", "deveria voltar para a terra dele", ao contrário dele mesmo, "nascido e criado ali". Reivindicava assim um maior direito ao uso da escadaria, por viver na rua há mais tempo, por ser dali. A maioria das pessoas que estava no projeto concordou com a visão de Bira, dizendo que Selarón se utilizava de certo autoritarismo para organizar suas atividades profissionais ligadas à Escadaria. Segundo eles, o chileno havia, inclusive, contratado um segurança particular, que ficava na rua à paisana. Nessa época, no entanto, esse mesmo segurança estava afastado de suas atividades, pois havia sido baleado na perna em plena sexta-feira à noite. Ninguém sabia ao certo quem tinha disparado o tiro.

Nesse mesmo dia, a situação vivida por Bira repercutiu em uma discussão sobre os diferentes usos feitos da rua. Estava conversado com Allan, que é morador de outro cortiço dali, maquiador e que faz performances como *drag queen*, Dadá, que é filha de Marlene, e mais uma moradora, Márcia. A discussão teve início com a história do segurança baleado e girou em torno das peculiaridades da noite de sexta-feira na rua: "A Lapa se transforma", disse Dadá. Ao perguntar-lhes se eles de alguma maneira se sentiam incomodados com tamanha agitação, eles responderam enfaticamente que não. Márcia afirmou: "eu digo para todo mundo, tem que respeitar quem vem de fora para frequentar aqui, eu faço questão de tratar bem", reforçando que afinal são esses frequentadores externos que geram renda para muitos moradores. Allan concordou e

ainda se referiu à Rua Joaquim Silva e seu entorno como “nosso trevo”, sendo este, de acordo com ele, o mais agitado e com menos segurança.

A ideia de “respeitar quem vem de fora” ganhou ainda mais sentido neste mesmo dia, mas em outra situação. Em determinado momento, Dadá e eu fomos para a rua pendurar bexigas ao redor da mesa onde ficaria o bolo para as crianças e os doces. Enquanto ela tentava organizar algumas bexigas em sua mão, um turista, que parecia estrangeiro, se aproximou numa distância de quase um metro e com uma câmera fotográfica profissional, ajustou o zoom das lentes, fotografou-a e saiu andando. A cena me pareceu tão agressiva que mal consegui disfarçar, fiquei atônita olhando para Dadá, esperando que ela dissesse algo. Dadá, que é uma mulher de aproximadamente 40 anos, negra, muito bonita e tímida, simplesmente desviou o olhar e fez como se não tivesse notado o fotógrafo. Depois que o turista saiu, ela me olhou, sorriu e disse bastante sem graça: “vou cobrar direitos autorais...”. Ao contrário do que eu imaginava, não advertiu o turista, tampouco pareceu se chatear com a situação. Talvez não tenha se importado em ser fotografada e até goste disso. Por outro lado, no entanto, sabendo da timidez e da discrição que marcam sua personalidade, é possível considerar que ela tenha se adaptado a este tipo de dinâmica e acredite que, se são essas as pessoas que fazem com que a rua tenha se tornado um importante polo de frequentação noturna e turismo, é melhor não dizer nada, ou seja, “respeitá-las”.

Essas situações, contudo, não são tão constantes. Em geral, os domingos ou feriados em meio de semana como este são caracterizados por calmaria na rua. Dias marcados por uma impressão de tranquilidade próxima às nossas representações sobre as ruas residenciais de cidades pequenas. Acompanhei algumas festas ali, tais como o aniversário do neto de Marlene, a festa de São João, o aniversário de Dadá, o dia das crianças e a festa de encerramento e entrega de certificados aos alunos do MEC. Segue, abaixo, um relato destacado do meu diário de campo sobre a primeira festa em que estive: o aniversário de 12 anos de João, neto de Marlene:

> A festa aconteceu em um domingo no fim da tarde, quando a rua fica bastante esvaziada. Marlene espalhou algumas mesas entre as duas calçadas, do lado de sua casa e do lado do MEC. Serviu, além de feijoada, salgadinhos e doces. As bebidas, contudo, ela vendeu no mesmo isopor que costuma vender nas sextas-feiras à noite. Em frente à sua casa, Marlene deixou um rádio ligado com alguns CDs ao lado; a maior parte das músicas

> tocadas eram pagodes como Alcione e Jorge Aragão, além de alguns discos infantis. Marlene estava elegantemente vestida e maquiada e circulava o tempo todo entre uma mesa e outra, conversando com todos. Na hora de cantar os parabéns para João, ela me pediu que tirasse uma foto dela com seu neto em frente ao bolo azul todo decorado. Na foto que tirei, aparecem o bolo, Marlene e João. Ao fundo, a Rua Joaquim Silva e os Arcos da Lapa.[103]

Tais festas, como se vê, são profundamente familiares e ganham relevância justamente pela peculiaridade de ocorrerem na rua. Logo após essa festa, foi pendurada na rua uma faixa escrita "Arraiá da Tia Marlene", anunciando o evento que ocorreria em três domingos consecutivos do mês de junho. Este evento, assim como outras datas comemorativas, possui um caráter distinto dos aniversários porque envolvem em geral uma parte maior da população das redondezas. Nas festas de São João, por exemplo, muita gente foi mobilizada, pois nesta ocasião as comidas, assim como as bebidas, foram vendidas e não dadas. Houve um sistema de fichas no qual era possível comprar, além de comidas e bebidas, uma ficha para se arriscar no jogo de "pescaria", tradicional neste tipo de festa. Apesar da rua não ser fechada para estes eventos, além do espaço da calçada no qual ficam as mesas, utiliza-se também o próprio asfalto, por exemplo, para quando as crianças dançam quadrilha. Nesse momento, todos os carros que passaram inclusive taxis, deram ré e saíram da rua sem nenhum tipo de perturbação aos moradores.

Do mesmo modo, a já citada festa do dia das crianças teve maior apoio dos comerciantes e serviu muitas coisas de graça, no entanto, também foi preciso um alto número de pessoas para auxiliar no preparo. Além da filha de Marlene e seus netos, há algumas outras pessoas sempre ajudando nesses eventos, tais como Marinalva, que é moradora do mesmo cortiço que Marlene e tratada por ela "quase como filha", como ela mesma diz. Ou seja, existe uma rede de relações centradas na figura de Marlene que viabilizam estes eventos. Apesar de ser a principal agitadora de festas na rua da região, Marlene não faz – e imagino que nem conseguiria fazer – este tipo de uso do espaço da rua sem a mobilização de outras pessoas.

Os laços de Marlene com a rua são de ordens distintas. É dali que retira seu

[103] Maio de 2011.

sustento. Segundo ela, a Lapa sempre foi seu local de trabalho. É, contudo, ali também que vivem seus amigos, seus familiares, as pessoas de quem gosta. É difícil separar em sua relação com a Lapa seus papéis de moradora, trabalhadora, liderança, entre outros. Em dado momento, comecei a refletir sobre algo quase caricatural com relação a esta interlocutora. Ao contrário da maioria dos moradores, nunca encontrei Marlene em outros lugares fora da rua. Eu sabia que em alguns dias ela ia aos cultos do grupo religioso que frequenta, a Ordem da Coroa, em Botafogo. Mas dificilmente saía dali para qualquer outra coisa: sua rede de relações está na rua e, no limite, dentro do bairro.

Compreendi assim, após um tempo, que quando Marlene diz: "eu comecei a Lapa", está se referindo a todas estas atividades que desempenha e à relação visceral que construiu com o bairro. A relação que tem com a Lapa, desse modo, também faz o bairro ser o que é e por isso ela reivindica "ter começado a Lapa", sendo que para isso lança mão de uma série de narrativas. Ela afirma, por exemplo, que antes de suas atividades "era tudo escuro", "só tinha ladrão" ou ainda, "na Lapa só tinha viado".

Esta percepção de que a Lapa antes era escura e mais perigosa não é uma percepção exclusiva de Marlene. Muitos que já circulavam pelo bairro ou vivem ali há muitos anos ressaltam a questão da luminosidade e dos assaltos. Dadá tem um entendimento interessante disso, pois entende que houve momentos distintos na história da Lapa antes da recente efervescência: "Tinha tempo em que a gente nem podia sair de casa, de tão perigoso. Mas tinha época muito boa, quando todo mundo se encontrava para brincar na rua, fazer bloco de carnaval". Entre aqueles que procuravam dar mais ânimo ao bairro, ela ressalta o papel de sua mãe, dizendo que Marlene sempre gostou de organizar estas festas, mesmo no tempo em que boa parte da população local era composta por travestis. Dadá me disse uma vez: "minha mãe armava um palco debaixo dos Arcos e botava os viados para fazerem show". Ao lado, é claro, Marlene aproveitava para vender suas bebidas e "quentinhas" que fazia na época.

Marlene menciona muito raramente sua relação com as travestis. No entanto, no dia em que sua filha Dadá completou 40 anos, ela organizou uma festa surpresa na qual uma das atrações era um show feito por Allan. Neste, ele apareceu montado de mulher, maquiado, com roupas apertadas cor-de-rosa, sapato plataforma e peruca de cabelos compridos e pretos. Ao longo do show, ele dublava e dançava a canção

“Brasil”, de Cazuza, interpretada pela cantora Simone. Simultaneamente se despia e terminava caracterizado como homem. Ao final, Allan disse ao público da festa ter voltado recentemente de uma temporada de dez anos vivendo na Europa e fazendo na rua shows como este. De volta ao Brasil, ele tentava se apresentar na própria Rua Joaquim Silva à noite, além de trabalhar como maquiador. Os convidados da festa se espalharam ao redor de Allan para assistir à performance. As crianças, em especial, ficaram maravilhadas. Marlene, contudo, ficou olhando de longe, do lado contrário em que nós estávamos e, pelo sorriso em seu rosto, notei que aquilo lhe agradava profundamente.

É importante notar que Allan não é travesti, no entanto os shows de *drag queen* que faz ligam-se de alguma maneira a este modo de vida e pude fazer tal associação pois, a esta altura, eu já havia me inteirado da intensa relação estabelecida por Marlene com travestis em outro tempo. Ao ler o livro de Hélio Silva (2007) intitulado “Travestis: Entre o espelho e a rua”, tomei contato com esta esfera de sua vida: Marlene foi uma das interlocutoras do antropólogo em seu trabalho de campo feito na Lapa na virada dos anos 1980 para os 1990[104]. De maneira primorosa, Silva explora etnograficamente a vida dessas pessoas que viviam ou apenas trabalhavam no bairro na época. A Lapa, contudo, não é um mero cenário na etnografia do autor na medida em que ele está constantemente preocupado em descrever como era o lugar onde suas interlocutoras trabalhavam: “uma área de travestis, mais precisamente, de prostituição de travestis” (op. cit.: 45). O autor ainda indica que o “aspecto viário” da Lapa (op. cit.: 109), com fluxo intenso de passagem de carros, era precondição para a abordagem de clientes aos travestis, isto é, a Lapa era, mais do que tudo, um ponto de passagem de carros e não de permanência durante a noite.

[104] A indicação de tal leitura foi feita por Raquel Carriconde, mestranda do Programa de Pós Graduação em Ciências Sociais na UERJ, que realizava, ao mesmo tempo em que eu, uma pesquisa de mestrado sobre a Escadaria Selarón. Conhecemo-nos e tomamos conhecimento da pesquisa uma da outra em uma disciplina que fizemos juntas no Museu Nacional. Desse modo, compartilhamos parte do campo, à medida que nós duas estávamos sempre na rua, e Raquel inclusive me substituiu algumas vezes nas aulas de inglês no MEC quando precisei, e definitivamente, quando voltei a São Paulo. Depois de ler o livro, Raquel me disse que achava que se tratava de Marlene, apesar do nome utilizado por Silva ser outro, fictício. Li o livro e logo perguntei a Marlene sobre o antropólogo e o livro. Ela afirmou que era ela e muito orgulhosa começou a dizer a todos que estavam por perto: “Vocês estão ouvindo isso? Eu tenho um livro, eu tenho um livro!”.

O ponto de partida do autor para adentrar este universo foi "o bar de Emília". Na verdade, o bar de Marlene. Um barzinho de calçada, localizado em frente a uma borracharia, onde ela vendia, madrugada afora, comidas e bebidas para as travestis e alguns de seus clientes: "com suas mesas e cadeiras de metal, seus pratos consistentes e seu riso bom e amigo para os travestis" (op. cit.: 96). O dono da borracharia apreciava esta atividade e travava um bom relacionamento com Marlene, pois, dessa maneira, ela e as travestis acabavam por proteger o estabelecimento, vítima de constantes assaltos na madrugada. Silva relata ainda que a relação de Marlene com algumas das travestis era de profunda amizade. Tanto que Helena de Tróia, uma das interlocutoras principais do autor, chegou a ficar por um tempo – vítima de AIDS, como muitas outras – na casa de Marlene, aos seus cuidados. Em reencontro do autor com Marlene após o término do trabalho de campo, ele conta (oscilando entre citar seu nome real e o fictício):

> Marlene informa que Helena de Tróia acabara de sair. A *maldita* a pegou. Chegara a pesar 25 quilos. Cheirava mal e já não conseguia controlar o intestino. Acolhera-a em sua casa, já que os parentes a evitavam. Mas não conseguiu manter a relação, a doença parecendo exasperar o temperamento de Helena. (...) Conheço Emília há cinco anos, durante os quais conversamos sobre muitas coisas, acontecimentos e pessoas. Mas, talvez, metade desse tempo todo tenha sido dedicado às idas e vindas da vida de Helena a quem sempre amamos, com quem sempre nos preocupamos (op. cit.: 176-177).

Adentrar esta esfera da história de vida de Marlene e, ao mesmo tempo, ouvir novamente a entrevista que havia gravado com ela em 2008 me possibilitou compreender porque a insistência desta interlocutora em afirmar recorrentemente que antes dela, de suas festas e atividades comerciais, não havia "nada". Volto a um trecho dessa entrevista[105], para finalizar esta reflexão. Nesta, Marlene diz:

> Fui eu que comecei isso aqui, sabia? Foi assim**, a Lapa não tinha nada, então eu comecei**, eu morava ali debaixo dos Arcos, perto do Arco da Velha [bar], então aos sábados como não tinha nada na rua eu inventei de

[105] Entrevista gravada com Marlene no dia 29 de maio de 2008.

> fazer um pagode, aí vinham os meninos de Santa Teresa e faziam. Aí foi crescendo, pessoal daqui mesmo, da área. E aos domingos eu fazia uma peixada, ou uma feijoada e vendia, não caro, ou dava ou vendia, era assim. E fazia o pagode, ficava assim [de cheio] debaixo dos Arcos. E fazia bingo **e fui crescendo** (grifos meus).

Quero com isso dizer que encontrei na Rua Joaquim Silva outros "pioneiros" do processo de "revitalização" da Lapa, tais como Marlene que diz ser a primeira dali ou mesmo Aline que reivindica para o Bar Semente um lugar de destaque dentro do circuito de bares ligados ao samba no bairro. No caso de "pioneirismo" que Marlene me conta, os personagens não são o samba e a malandragem, mas sim pagodes, shows de travestis e até festas infantis. O período também muda, tudo foi iniciado muito antes dos anos 2000. As festas organizadas ocorrem, e sempre ocorreram, na rua e quem as organiza não são empresários da cultura e sim, camelôs e moradores. Os Arcos da Lapa são também o cenário, mas, nesse caso, ainda mais próximos. O contraste destas narrativas com aquelas recorrentes na mídia não serve, no entanto, para afirmar que essas histórias da "revitalização" da Lapa são distintas daquelas antes contadas. Elas se tornam, ao contrário, mais um elemento que atesta o caráter desse processo: aquele sobre o qual muitos reivindicam certa autoria. Apesar de conectarem-se por referenciarem-se ao mesmo movimento, em cada um deles surgem novos elementos.

CONCLUSÃO

> *Poderiam os homens reestabelecer relações com suas terrais natais? Evidentemente isso é impossível! As terras natais estão definitivamente perdidas. Mas o que podem esperar é reconstituir uma relação particular com o cosmos e com a vida, é se "recompor" em sua singularidade individual e coletiva. A vida de cada um é única. O nascimento, a morte, o amor, a relação com o tempo, com os elementos, com as formas vivas e com as formas inanimadas são, para um olhar depurado, novos, inesperados, miraculosos (GUATTARI, 2008 [1992]: 169-170).*

Quando dei início a esta pesquisa, estava preocupada basicamente em entender como as mudanças ocorridas na Lapa ao longo dos últimos anos haviam transformado a dinâmica do bairro. Estariam os moradores antigos indo embora? Novas práticas teriam lugar? A imagem da Lapa estava sendo alterada por esse processo? Ou, ao contrário, este processo propositalmente também mudaria as representações existentes sobre a Lapa?

Antes de conseguir responder tais questões, compreendi que era preciso entender que processo era este. O que parecia, à distância, dizer respeito apenas a um conjunto de políticas públicas e investimentos privados, quando olhados de perto, revelavam uma ampla gama de atores sociais envolvidos e diversas ações ocorrendo de maneira simultânea e às vezes contraditória.

De alguma maneira, esta dissertação busca iluminar, etnograficamente, parte destas ações e desvelar algumas narrativas dominantes sobre o processo, ao mesmo tempo em que abre a possibilidade para pensar em outras. A principal transformação teórica operada ao longo do trabalho de pesquisa, no entanto, foi não pensar estes planos em confronto, mas como complementares.

A escolha da Rua Joaquim Silva, como já mencionado, não foi aleatória. Mesmo com certa ausência do Estado e de investimentos privados de grande porte neste contexto, a "revitalização" da Lapa, também parecia se adensar ali ano após ano: surgiam mais frequentadores, proliferavam novos botequins e "inferninhos", sem falar nos camelôs. O principal representante do Estado presente neste contexto no dia-a-dia

é a polícia, que aparece, tal como em algumas situações descritas acima, atuando mais de maneira colaborativa do que repressiva com relação às práticas informais e ilegais vigentes.

Não defendo aqui uma perspectiva que desconsidera a existência de relações de poder neste contexto. Acredito que o caso de Luís seja o mais elucidativo nesse ponto e, igualmente, aquele que corre o maior risco de ser mal interpretado e por isso quero utilizá-lo para o esclarecimento desta questão. Foi dito que tal personagem entende que o processo vivido na Lapa é algo que pode beneficiá-lo. Luis é porteiro de um edifício e sócio de um pequeno botequim na Joaquim Silva. Ainda que não aceite nenhuma proposta de compra de seu estabelecimento, é possível que por outros caminhos ele tenha que, mesmo assim, sair de lá. Trata-se de um imóvel cuja ocupação foi feita de maneira ilegal. Hoje é muito custoso para um trabalhador como Luís, cuja família é numerosa, viver na Lapa e por isso não reside no bairro. Mas, como demonstrado, seus laços com o local não se desfazem, já que ele passa por ali todos os dias e constrói para a sua vida uma série de planos articulados à região.

Não há nenhuma dúvida que Luís de alguma maneira se afasta do bairro em razão de seu baixo poder aquisitivo e das transformações ali ocorridas. No entanto, de outras formas e sob outras circunstâncias, ele se reaproxima da Lapa. Deixa de ser morador para ser sócio de um botequim e, se este segundo vínculo for perdido, é possível que ele, caso queira, crie outro, de outra natureza, o qual não é possível se prever. Isso, certamente, configura algum modo de resistência, afinal, foi o próprio Luís quem disse “quem for forte fica”. Se observarmos este caso apenas como reação a um processo que acontece “de cima para baixo”, no entanto, perdemos de vista o fato de que sua relação com o bairro é também ativa e reflexiva.

Todos os interlocutores, em suas práticas e discursos, foram colocados lado a lado, sem distinções *apriorísticas*: empreendedores, jornalistas, pesquisadores, produtores culturais, empresários, camelôs, moradores, frequentadores, músicos. O resultado deste experimento reforçou diferenças significativas entre estas experiências com o bairro. É possível, por exemplo, traçar um paralelo entre Iuri e Marlene para ilustrar estas distinções. Não agradou em nada ao músico do Nova Lapa Jazz o fato de ter que regularizar a situação de camelôs em seu evento, mesmo que isso lhe rendesse boa parte dos lucros do show. A frase “eu não queria virar inimigo do Estado”, dita inúmeras vezes por ele, chamou-me atenção justamente por ser tão contrastante com

outro universo de camelôs que eu já conhecia: o de Marlene. Esta, na qualidade de "liderança" de camelôs, sente-se, ao contrário, mais próxima do Estado, conforme seus próprios relatos: é ela quem vai à prefeitura, responde pelos problemas e reivindica direitos em nome dos vendedores ambulantes da rua. Aquilo que para um configura ilegalidade, para outro constitui certo prestígio. Enquanto Iuri se vê envolvido com práticas de comércio informal, inéditas para ele e tão presentes na vida de Marlene, ela chega a se interessar pela organização de um evento em parceria com um grupo de jazz, gênero completamente estranho às suas preferências musicais.

Mas se é o espaço da Lapa que promove o encontro entre eles, é também a lógica deste mesmo espaço que reafirma suas diferenças. Mesmo tentando, em um primeiro momento, permanecer na Lapa, o grupo recebe uma proposta para sair de lá e realizar o evento como querem, em menos de quatro meses. Marlene, por sua vez, segue recebendo pouco apoio para exercer seu trabalho como camelô e organizar "brincadeiras" na rua.

Entendo, por fim, que olhar a Lapa do lado de "cá" é olhar a Lapa de um ponto de vista específico, embora seja, do mesmo modo, olhar uma dinâmica muito própria ao bairro, como evidenciam estas situações. Volto assim, a um trecho retirado do meu diário de campo, para refletir sobre este aspecto:

> Próximo aos Arcos havia um letreiro enorme anunciando o fechamento de algumas ruas nas noites de sextas e sábados e indicando o desvio. Segui pela Mem de Sá. No Circo Voador acontecia um show do grupo Monobloco. Apesar do tempo chuvoso, os bares da Mem de Sá estavam bastante cheios. Entrei na Rua do Lavradio e logo vi um bar aparentemente novo chamado Bossa Nossa, e perguntei o preço para entrar: vinte reais. Na esquina seguinte, na Rua do Rezende, em um botequim acontecia um churrasco e uma festa de quinze anos com o tema do time do Flamengo. Havia uma tenda armada, uma pequena churrasqueira e as pessoas estavam com cadeiras na rua, parecia um clima bastante familiar. Parei um pouco ali e logo em seguida vi policiais se aproximarem para conversar com o dono do bar e em seguida com uma senhora, provavelmente responsável pela festa. Os policiais pediram para que eles retirassem as mesas do asfalto, pois parte do trânsito seria desviado por ali. O clima foi amigável e tudo foi

resolvido rapidamente.[106]

Este trecho se refere a um período anterior à minha inserção mais contínua como pesquisadora na Rua Joaquim Silva. É difícil saber, entre as pessoas presentes na situação que observei acima, o que dizem sobre a Lapa e como vivem. Mas isto demonstra que estes mesmos agentes que aparecem em meu campo – frequentadores, donos de bares, moradores, crianças, policiais – estão colocados em outros contextos que não apenas o que foi aqui revelado. Isso reforça algo já dito sobre o bairro: trata-se de um lugar de encontros entre atores sociais distintos. Encontros que nem sempre são presenciais, como no caso de Aline e Marlene, que não se conhecem. Ambas, no entanto, se orgulham de ter como cenário de suas "festas" os Arcos da Lapa e aproveitam a calmaria do domingo para desempenharem atividades importantes. Entretanto, Aline entende que "não combina" com a Lapa a presença de moradores como esses. E Marlene, há mais de cinquenta anos, vive ali. Novamente elas se encontram, mas dessa vez revelando a oposição de seus mundos e redes de relação.

Entre aqueles que vivem na Lapa e quase não saem do bairro, e os que passarão por lá apenas uma vez em toda a vida, como pode ser o caso do turista que fotografou Dadá, nenhum é mais ou menos importante em sua constituição. A diversidade de pessoas, usos e discursos que marcam a existência desse espaço é, em um primeiro momento, apenas um dado óbvio sobre o bairro, fácil de ser constatado em uma rápida caminhada por suas ruas. A partir das experiências descritas aqui, entendo que a mesma diversidade se reafirma, no entanto, de maneira reflexiva. A existência de muitos mundos dentro da própria Lapa é certamente um de seus elementos mais marcantes quando a olhamos à distância. No entanto, ao combinar estes olhares, distantes e aproximados, sua peculiaridade reside justamente no que tange aos encontros entre esses mundos. Ou seja, não se trata de muitas Lapas, no plural. As várias relações que constroem o bairro só podem ser pensadas como complementares, pois se definem mutuamente, ao mesmo tempo em que dão sentido e vida à Lapa.

[106] Escritos de Julho de 2010.

BIBLIOGRAFIA.

AGIER, Michel. “O 'Acampamento', a cidade e o começo da política”. In: Cordeiro, G., Vidal, F. (orgs.). *A Rua: espaço, tempo, sociabilidade.* Lisboa: Livros Horizonte, 2008. pp. 17-25.

_____. *Antropologia da Cidade: lugares, situações e movimentos.* São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011.

ALFONSI, Daniela. *Para todos os gostos: um estudo sobre classificações, bailes e circuitos de produções de forró. Dissertação de mestrado.* Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade de São Paulo (USP), 2007.

ANDRADE, Luís. *Love’s House: 13 artistas em curta temporada.* Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2002.

ANT, Clara; KOWARICK, Lúcio. “Cem anos de promiscuidade: o cortiço na cidade de São Paulo”. In: Kowarick, L. (org.). *As lutas sociais e a cidade. São Paulo: passado e presente.* Rio de Janeiro: Paz e Terra: CEDEC, 1994. pp. 73-91.

ARANTES, Antônio Augusto. “A Guerra dos Lugares”. *Paisagens Paulistanas: transformações do espaço público.* Campinas: Editora da Unicamp/Imprensa Oficial, 2000. pp. 105-130.

ARAÚJO, Vanessa Jorge. *Lapa Carioca: uma reapropriação do lugar. Dissertação de mestrado.* Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano Regional (IPPUR/UFRJ), 2009. Disponível em: http://www.ippur.ufrj.br/download/pub/VanessaJorgeDeAraujo.pdf (Acessado em 08/06/2011).

BENJAMIN, Walter. *Passagens.* Belo Horizonte: Editora UFMG, São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2009.

CALDEIRA, Teresa Pires do Rio. "A presença do autor e a pós-modernidade em Antropologia". *Revista Novos Estudos,* n. 21, 1988. pp. 133-157

_____. *Cidade de Muros: crime, segregação e cidadania em São Paulo.* São Paulo: Ed. 34/ Edusp, 2000.

CARUSO, Haydée. *Entre ruas, becos e esquinas: por uma antropologia dos processos de construção da ordem na Lapa carioca. Tese de Doutorado.* Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal Fluminense (UFF), 2009.

_____. “Choque de ordem na Lapa”: Uma análise sobre as lógicas e práticas de policiamento no ‘centro cultural’ do Rio de Janeiro. In: Kant de Lima, R., Eilbaum, L., Pires, L. (orgs.). *Conflitos, direitos e moralidades em perspectiva comparada, vol 1.* Rio de Janeiro: Garamond, 2010. pp. 71-110.

CASCO, Ana Jara. *O Arco das Lapas: Um Estudo de Antropologia Urbana. Tese de*

Doutorado. Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social do Museu Nacional/UFRJ, 2007.

CHALHOUB, Sidney. *Cidade Febril: cortiços e epidemias na corte imperial.* São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COLAÇO, José. "Cortiços' no centro do Rio de Janeiro: notas para um programa de pesquisa etnográfica". *Revista Candelária, ano IV,* 2007. pp. 115-125.

COLLINS, John F. "A razão barroca do patrimônio baiano: contos de tesouro e histórias de ossadas no Centro Histórico de Salvador". *Revista de Antropologia*, USP, Vol. 5, n. 1, 2008. pp. 21-65.

CORDEIRO, Graça Índias. *Um lugar na cidade: Quotidiano, Mémoria e Representação no Bairro da Bica.* Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997.

CORDEIRO, Graça Índias, COSTA, Antônio Firmino da. "Bairros: Contexto e Intersecção". In: Velho, G. (org.). *Antropologia Urbana: cultura e sociedade no Brasil e em Portugal.* Rio de Janeiro: Zahar, 2006 [1999]. pp.58-79.

CORDEIRO, Graça Índias, FRÚGOLI JR., Heitor. "Prefácio à edição brasileira". In: Agier, M. *Antropologia da Cidade: lugares, situações e movimentos.* São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2011. pp. 9-26

CORDEIRO, Graça Índias, VIDAL, Frédéric. "Introdução". In: Cordeiro, G., Vidal, F. (orgs.). *A Rua: espaço, tempo, sociabilidade.* Lisboa: Livros Horizonte, 2008. pp. 9-15.

CRAPANZANO, Vincent. "Body, pain and trauma". *Imaginative Horizons: an essay in literally-philosophical anthropology.* Chicago and London: The University of Chicago Press, 2004. pp 66-96.

DAMATA, Gasparino. "A Lapa ficou na saudade". In: Damata, G. (org.). *Antologia da Lapa: vida boêmia no Rio de ontem.* Rio de Janeiro: Desiderata, 2007 [1965]. pp. 21-30.

DA MATTA, Roberto. *A casa e a rua: espaço, cidadania, mulher e morte no Brasil.* Rio de Janeiro, Rocco: 1997 [1985].

DE CERTEAU, Michel. *A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 2009 [1994].

DOUGLAS, Mary. *Pureza e Perigo.* São Paulo: Perspectivas, 1976.

DOSSE, François. "O espaço habitado: segundo Michel de Certeau". *Revista Art Cultura*, n.9, 2004. pp. 82-92.

ECKERT, Cornélia, ROCHA, Ana Luísa. *O tempo e a cidade.* Porto Alegre: UFRGS Editora, 2005.

EVANS-PRITCHARD, E.E. *Bruxaria, oráculos e magia entre os Azande.* Rio de

Janeiro: Jorge Zahar, 2005.

FELTRAN, Gabriel de Santis. "Periferias, direito e diferença: notas de uma etnografia urbana". *Revista de Antropologia Urbana, n. 2, vol. 53,* 2010. pp. 565-610.

_____. *Fronteiras de Tensão: política e violência nas periferias de São Paulo.* São Paulo: Editora Unesp: CEM: Cebrap, 2011.

FERNANDES, Millôr. "A Lapa". In: Damata, G (org.) *Antologia da Lapa: vida boêmia no Rio de ontem.* Rio de Janeiro: Desiderata, 2007 [1965]. pp. 9-11.

FONSECA, Claudia. "La Clase Social y su Recusación Etnográfica". *Revista Etnografías Contemporáneas 1, 1,* 2005. pp. 117-138.

FREIRE, Pedro; MOREL, Ana Paula. "Lapa de cortiços: lembrança do hotel Bragança". *Paper apresentado no XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais.* Salvador, 2011. Disponível em: http://www.xiconlab.eventos.dype.com.br/resources/anais/3/1308341898_ARQUIVO_artigoHotelBragancafinal.pdf (Acessado em 12/06/2012).

FREHSE, Fraya. "Potencialidades de uma etnografia das ruas do passado". *Revista Cadernos de Campo, n. 14/15,* 2006. pp. 299-317.

FRYDBERG, Marina. "Alfama não cheira a fado, mas não tem outra canção ou Tudo isso é a alma do Rio, é samba: As cidades descobertas através do samba, do choro e do fado". *Revista Ponto Urbe. Vol. 7, Ano 4: Dezembro de 2010.* Disponível em: http://www.pontourbe.net/edicao6-artigos/108-alfama-nao-cheira-a-fado-mas-nao-tem-outra-cancao-ou-tudo-isso-e-a-alma-do-rio-e-samba-as-cidades-descobertas-atraves-do-samba-do-choro-e-do-fado (Acessado em 08/06/2011).

FRÚGOLI JR., Heitor. "A questão dos camelôs no contexto da revitalização do centro da metrópole de São Paulo". In: Souza, M. A; Lins, S.; Santos, M. P; Santos, M. (orgs.). *Metrópole e Globalização: conhecendo a cidade de São Paulo.* São Paulo: Cedesp, 1999. pp. 151-165.

_____. *Sociabilidade Urbana.* Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2007.

FRÚGOLI JR., Heitor; SKLAIR, Jessica. "O bairro da Luz em São Paulo: questões antropológicas sobre o fenômeno da *gentrification". Cuadernos de Antropologia Social, n.30,* 2009. pp. 119-136.

GASPAR, Samantha. "Gentrification: processo global, especificidades locais?". Revista *Ponto Urbe, ano 5,* 2011. Disponível em: http://www.pontourbe.net/edicao6-artigos/107-gentrification-processo-global-especificidades-locais (Acessado em 12/06/2012).

GLUCKMAN, Max. "Gossip and scandal." *Current anthropology, n.4,* 1963. pp. 307-316.

_____ . "Análise de uma situação social na Zululândia moderna". In:

Feldman-Bianco, B. (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas.* São Paulo: Ed. Unesp, 2010 [1987]. pp. 237-364.

GÓES, Cláudia. "O choro na Lapa: comunicação, movimento musical e "revitalização" do Rio Antigo". *Revista Os Urbanitas* Vol 4, nº5, 2007. Disponível em: <http://www.aguaforte.com/osurbanitas5/Goes2007.html > (Acessado em 20/07/09).

GONÇALVES, Reginaldo S. *Antropologia dos Objetos: coleções, museus e patrimônios.* Rio de Janeiro: Garamond, 2007.

GUATTARI, Félix. "Restauração da cidade subjetiva". *Caosmose: um novo paradigma estético.* São Paulo: Ed. 34, 2008 [1992]. pp. 169-182.

HANNERZ, Ulf. *Exploring the city: inquiries towards an urban anthropology.* New York: Columbia University Press, 1980.

HERSCHMANN, Micael. *Lapa, cidade da música: desafios e perspectivas para o crescimento do Rio de Janeiro e da indústria da música independente nacional.* Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

INGOLD, Tim. *The Perception of the Environment. Essays in Livehood, Dwelling and Skill.* London & New York: Routledge, 2002.

JACQUES, Paola B.; VAZ, Lilian F. "A cultura na revitalização urbana. Espetáculo ou participação?". *Espaço e Debates*, n. 43-44, 2003. pp. 131-140.

JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades.* São Paulo: Martins Fontes, 2000.

JOSEPH, Isaac. "A respeito do bom uso da Escola de Chicago". In Valladares, L. P. (org.). *A Escola de Chicago: impactos de uma tradição no Brasil e na França.* Belo Horizonte & Rio de Janeiro: Ed. UFMG/ IUPERJ, 2005 [1998]. pp. 91-128.

KOFES, Suely. "Os papéis de Aspern: anotações para um debate.". In: KOFES, S. (org.) *Cadernos do IFCH: Histórias de vida, biografias e trajetórias,* 2004. pp. 5-16.

KUSHNIR, Beatriz. "A Lapa e os filhos da revolução boêmia". *Revista Estudos Históricos,* Rio de Janeiro, 30, 2002. pp. 174·180

LEITE, Rogério Proença. *Contra-Usos da Cidade: lugares e espaço público na experiência urbana contemporânea.* Campinas, SP: Editora da Unicamp; Aracaju, SE: Editora UFS, 2004.

LOMNITZ, L. Redes *sociales, cultura y poder: ensayos de antropologia latinoamericana.* México, D.F.: FLACSO, Miguel Angel Porrua Ed., 1994. (Colección Las Ciencias Sociales).

LUSTOSA, Isabel. "À luz difusa do abajur lilás". In: Lustosa, Isabel (org.). *Lapa do desterro e do desvario: uma antologia*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2001. pp. 11-18.

LUZ, Moacyr. “Lapa em dois sambas”. In: Damata, G (org.) *Antologia da Lapa: vida boêmia no Rio de ontem.* Rio de Janeiro: Desiderata, 2007 [1965]. pp. 13-15.

MITCHELL, Clyde. “A dança kalela: aspectos das relações sociais entre africanos urbanizados na Rodésia do Norte”. In: Feldman-Bianco, B. (org.). *Antropologia das sociedades contemporâneas.* São Paulo: Ed. Unesp, 2010 [1987]. p. 365-436.

PARK, Robert. “A cidade: sugestões para a investigação do meio urbano”. In: Velho, O. *O fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. pp. 29-72.

PEIXOTO, Fernanda A. “As cidades nas narrativas sobre o Brasil.”. In: In: Andrade, L; Frúgoli Jr., H; Peixoto, F (orgs). *A cidade e seus agentes: práticas e representações.* Belo Horizonte: Edusp e Editora PucMinas, 2006. pp. 177-197.

PERLONGHER, Nestor. “Territórios marginais” [1991]. In: Green, J. N. e Trindade, R. (orgs.). *Homossexualismo em São Paulo e outros escritos.* São Paulo, Ed. Unesp, 2005. pp. 263-290.

PINHEIRO-MACHADO, Rosana. *“A garantia soy yo”: etnografia das práticas comerciais entre camelôs e sacoleiros nas cidades de Porto Alegre (Brasil) e Ciudad del Este (Paraguai). Dissertação de mestrado.* Programa de Pós-graduação em Antropologia Social da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), 2004.

RAMA, Angel. *As cidades das letras.* Tradução Emir Sader. São Paulo: Brasiliense: 1985.

REQUIÃO, Luciana. *Eis aí a Lapa: processos e relações de trabalho do músico nas casas de show da Lapa.* São Paulo: Annablume, 2010.

RIBEIRO, Ana Paula V.; ZALUAR, Alba. “Teoria da eficácia coletiva e violência: o paradoxo do subúrbio carioca.”. *Revista Novos estudos.* São Paulo: Cebrap, n. 84, 2009. pp. 175-196.

ROCHA, Gilmar. *O Rei da Lapa: Madame Satã e a malandragem carioca: uma história de violência no Rio de Janeiro dos anos 30-50.* Rio de Janeiro: 7 Letras, 2005.

ROSA, Rodrigo de Moraes. “Espaço público e modernidade: quando a sociabilidade se constrói como projeto”. *Revista eletrônica de estudos urbanos e regionais: e-metropolis,* ano 1, n. 1, *2010.* pp. 34-49.

RUBINO, Silvana. “Gentrification: notas sobre um conceito incômodo”. In: Benfatti, D; Schicchi, M (orgs.). *Urbanismo: dossiê São Paulo – Rio de Janeiro.* Campinas: Puccamp/Prourb, 2004. pp. 287-296.

_____. A curious blend? City revitalization, gentrification and commodification in Brazil. In: Atkinson; Bridge (org.). *Gentrification in a Global Context*. Londres: Routledge - Taylor and Francis Group, 2005. p. 225-239.

_____. “Enobrecimento Urbano”. In: Fortuna, C., Leite, R. (orgs.). *Plural de Cidade: novos léxicos urbanos.* Coimbra: Almedina, 2009. pp. 25-40.

SANTOS, Carlos N. F.; VOGEL, Arno. *Quando a rua vira casa: a apropriação de espaços de uso coletivo em um centro de bairro.* São Paulo: Editora Projeto, 1985.

SILVA, Hélio R. S. "A situação etnográfica: andar e ver". *Revista Horizontes Antropológicos, ano 15, n. 32,* 2009. pp. 171-188.

_____. *Travestis: entre o espelho e a rua.* Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVEIRA, Carmen; VAZ, Lilian "A Lapa Boêmia na Cidade do Rio de Janeiro: Um Processo de Regeneração Cultural? Projetos, Intervenções e Dinâmica do Lugar". In: Vargas, H.; Castilho, A. L. (orgs.). I*ntervenções em Centros Urbanos: Objetivos, estratégias e resultados*. São Paulo: Manole, 2006. pp. 67-99.

SIMMEL, Georg. "O estrangeiro". In: Moraes, E (org.) *Sociologia: Simmel*. São Paulo: Ática, 1983. pp. 182-188.

SKLAIR, Jessica. *A filantropia paulistana: ações sociais em uma cidade segregada.* São Paulo: Humanitas, 2010.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e Cultura.* Rio de Janeiro: Zahar Editores: 1981.

ZALUAR, Alba. *A máquina e a revolta: as organizações populares e o significado da pobreza.* São Paulo: Brasiliense, 1994 (1985).

_____. "A guerra sem fim em alguns bairros do Rio de Janeiro". *Revista Ciência e Cultura*, vol 54, n.1, 2002. pp. 32-38.

Filmografia

"Madame Satã". Karïn Ainouz (diretor). Brasil, França: Dominant 7, Lumiére, Vídeo Filmes, Wild Brunch, 2002.

"L.A.P.A.". Cavi Borges; Emílio Domingos (diretores). Brasil: Cavídeo, Virtual Filmes, 2008.

Material de imprensa

ALVARENGA, Telma. "A Lapa e outras surpresas: Bairros esquecidos pela indústria da construção mostram seu valor no mercado" *Revista Veja Rio Online: 29/03/06*. Disponível em: http://veja.abril.com.br/vejarj/290306/p_012.html (Acessado em 07/05/2009).

CIRILLO JR. "Revitalizada, Lapa carioca é alvo do varejo e residenciais também avançam na região". *Folha de S. Paulo 19/10/2010.* Disponível em: http://ademi.webtexto.com.br/article.php3?id_article=39193 (Acessado em: 13/06/2012).

FOLHA ONLINE. “Operação da polícia prende 13 acusados de tráfico na Lapa (RJ)”. *Folha Online: 25/04/2003*. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/cotidiano/ult95u73726.shtml (Acessado em 15/03/2010).

GOBBI, Nelson. “Circo Voador volta oficialmente ao calendário cultural do Rio”. *JB on-line: 13/07/04*. Disponível em: http://quest1.jb.com.br/jb/online/musicalidade/bastidores/2004/07/13/onlmusbas20040713006.html (Acessado em 08/09/09).

GOULART, Gustavo. “Turista francês morre ao cair de bonde na Lapa, e menores roubam objetos da vítima”. *O Globo Online: 24/06/2011*. Disponível em: http://oglobo.globo.com/rio/turista-frances-morre-ao-cair-de-bonde-na-lapa-menores-roubam-objetos-da-vitima-2758425 (Acessado em 13/06/2012).

LAGE, Janaína. “Lapa no Rio tem primeiro lançamento imobiliário em 30 anos”. *Folha Online: 10/11/2005*. Disponível em: http://www1.folha.uol.com.br/folha/dinheiro/ult91u102295.shtml (Acessado em 13/06/2011).

O GLOBO. “Eduardo Paes entrega restauração dos Arcos da Lapa”. *O Globo Online: 26/03/2011*. Disponível em: http://oglobo.globo.com/rio/mat/2011/03/26/eduardo-paes-entrega-restauracao-dos-arcos-da-lapa-924096269.asp (Acessado em 08/06/2011).

O GLOBO. “Prefeitura anuncia primeiras medidas do Lapa Legal nesta quarta-feira.” *O Globo on-line: 24/06/09*. Disponível em: http://oglobo.globo.com/rio/mat/2009/06/24/prefeitura-anuncia-primeiras-medidas-do-lapa-legal-nesta-quarta-feira-756486834.asp (Acessado em 15/07/09).

O GLOBO. “Candidatos apresentam suas propostas para reduzir a desordem urbana na Lapa”. *O Globo on-line:* 18/07/2008. Disponível em: http://oglobo.globo.com/eleicoes-2008/candidatos-apresentam-suas-propostas-para-reduzir-desordem-urbana-na-lapa-5001622 (Acessado em 15/07/09).

O DIA ONLINE. “Assalto e morte no Centro”. *O Dia online:* 11/02/2009. Disponível em: http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2009/9/assalto_e_morte_no_centro_33431.html (Acessado em 12/02/2010).

PIMENTEL, João. “Samba de Semente”. *O Globo: 13/04/2008*. Segundo Caderno (Página 1).

RODRIGUES, Charles. “Polícia estoura ´boca de fumo` em bar na Lapa”. *O Dia online:* 05/09/09. Disponível em: http://odia.terra.com.br/portal/rio/html/2009/9/policia_estoura_boca_de_fumo_em_bar_na_lapa_33431.html (Acessado em 12/02/2010).

SEIXAS, Heloísa. “Mutante Carioca”. *Revista Serafina (Folha de S. Paulo): outubro*

de 2010. P. 72.

SILVA, Beatriz Coelho. “A progressão geométrica do samba na Lapa”. *O Estado de S. Paulo: 21/01/2007*. Caderno 2.

VIANNA, Luiz Fernando. “A reinvenção da Lapa”. *Folha de São Paulo: 06/01/2008*. C8, C9.

Outros materiais

Centro Cultural Banco do Brasil. “Lapa de todos os sambas”. *Folheto impresso de divulgação do evento,* Rio de Janeiro, 2011.